

Edição nº 37

2022

# APC em revista

*Entre diferenças e intolerâncias, o que pode a Psicanálise?*



**APC**  
ASSOCIAÇÃO  
PSICANALÍTICA  
DE CURITIBA



# APC em revista

*Entre diferenças e intolerâncias, o que pode a Psicanálise?*

**Associação Psicanalítica de Curitiba em revista**

ISSN 1519-8456 | Curitiba | n. 37 | p. 1-188 | 2022



**APC**  
ASSOCIAÇÃO  
PSICANALÍTICA  
DE CURITIBA

🌐 [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br)

📧 @apctba

📘 @associaopsicanaliticadecuritiba

☎️ (41) 98848-7946

### **Editorial**

Luzia Carmem de Oliveira  
Marcia Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli

### **Diagramação**

Erika Woelke | Canal6 Editora  
[www.canal6editora.com.br](http://www.canal6editora.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

Associação Psicanalítica de Curitiba em revista / Associação  
Psicanalítica de Curitiba. – n. 37 (2022) – Curitiba, PR: APC, 1997–.

Semestral  
ISSN: 1519-8456

1. Psicanálise – Periódicos. I. Associação Psicanalítica de Curitiba.

11-2021/54

CDD 150.195

---

### **Índice para catálogo sistemático:**

1. Psicanálise : Periódicos 150.195

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB - 1/3129

Copyright© Associação Psicanalítica de Curitiba, 2022  
Os artigos são de responsabilidade dos autores.

## **CORPO CONSULTIVO**

### **Allan Martins Mohr**

Psicólogo graduado pela UFPR; mestre em Psicologia (UFPR); Dr em Filosofia (PUC/PR); Professor do curso de Psicologia da FAE.

### **Andrea Silvana Rossi**

Psicanalista; Analista membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (PUC/PR); mestre em história (UFPR).

### **Dayse Stoklos Malucelli**

Psicanalista; Analista membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba; Membro da Association Lacanienne Internationale; Doutora em Psicologia Clínica, PUC/SP.

### **Heloisa Helena Marcon**

Psicanalista; Membro da APPOA; Graduada em Psicologia (UFRGS); Especialista em Saúde Mental RIS/MS-GHC; Mestre em Filosofia (UFRGS); Doutora em Psicologia (USP); Pesquisadora LAPCIP/UFSC.

### **Leda Mariza Fischer Bernardino**

Psicanalista; Analista membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba; Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (USP); Pós-doutora em Tratamento e Prevenção Psicológica pela Université Paris 7;

### **Marcus do Rio Teixeira**

Psicanalista; Editor da Ágalma.

### **Michele Kamers**

Psicanalista; Coordenadora dos cursos de pós-graduação: Especialização em Psicanálise, Sujeito e Laço Social; Especialização em Psicologia Hospitalar e Saúde e Especialização em Psicopatologia da Infância e Adolescência do Hospital Santa Catarina em Blumenau/SC; Mestre em Educação pela USP; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia da USP.

### **Oscar Angel Cesarotto**

Psicanalista; Doutor em Comunicação & Semiótica; Professor no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP; Coordenador do curso de Especialização Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura (COGEAE).

### **Rosa Maria Marini Mariotto**

Psicanalista; Analista membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento pela IPUSSP, PUCPR.

### **Rosane Weber Licht**

Psicanalista; Analista membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba.

### **Rosangela Vernizi**

Psicanalista; Analista membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UFPR; Psicóloga e Mestre em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná.



# Sumário

Editorial.....	7
----------------	---

## *Espaço da Letra*

Da escuta das diferenças à leitura da intolerância.....	15
<i>Andrea Rossi</i>	

Racismo, uma ferida aberta: contribuições de Franz Fanon.....	33
<i>Luzia Carmem de Oliveira</i>	

Transexualidade – do sujeito ao corpo; do corpo ao sujeito, o que pode a psicanálise?.....	55
<i>Fernando Ruthes</i>	

Considerações psicanalíticas sobre a diferença na deficiência.....	77
<i>Suzane Gapski Muzeka</i>	

## *Espaço de Interlocução*

Lacan, antifreudiano.....	93
<i>Allan Martins Mohr</i>	

## *Espaço de Traduções*

De magas, bruxas e pouco ortodoxas.....	121
<i>Silvia Amigo</i>	
<i>Traduzido por: Andrea Rossi</i>	

## *Espaço Conferência*

Palestra no lançamento da revista (nº36) da APC: “Inquietações: Psicanálise para todos?”.....	141
<i>Alfredo Jerusalinsky</i>	
<i>Transcrito por: Rosane Weber Licht</i>	

## Espaço de Indicações

**Complexo de Telêmaco – Pais, mães e filhos, após o ocaso do pai.....159**

*Massimo Recalcati*

*Resenhado por: Andrea Rôa d’Haese*

**Imaginar o Amanhã .....167**

*Abrão Slavutzky e Edson Luiz André de Souza*

*Resenhado por: Camila Zoschke Freire*

**REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA .....177**

**OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA  
DE CURITIBA ..... 184**

## Editorial

Assim como fizemos nas edições precedentes, os artigos reunidos na presente edição contemplam o tema institucional que em grande medida inspirou as atividades, encontros e seminários que mobilizaram a Associação Psicanalítica de Curitiba ao longo do ano de 2021: **Entre diferenças e intolerâncias, o que pode a Psicanálise?** Sua relevância e seu valor, seja em seu aspecto político e sociocultural ou em sua importância mais especificamente clínica, já se faziam sensíveis nos anos que antecederam a definição do problema como tema institucional, certamente remanescem ainda hoje e, ao que tudo indica, ainda remanescerão em nosso porvir.

O paradoxo do narcisismo, segundo Dolto, é o da possibilidade de se ver nas coisas um espelho que reluz com o reflexo de si mesmo, ainda que a imagem vista sobre a superfície olhada não seja sua. Com efeito, a pessoa se vê refletida nisso para o qual ela olha, sente-se vendo a si mesma, mas aquilo no qual ela reconheceu um reflexo seu, contudo, não é ela. E talvez seja precisamente quando conjugado no reflexivo que o verbo ver revela o que há de essencial no narcisismo: não basta ver, é preciso ver-se nisso que se vê. Há no narcisismo a capacidade de tomar algo ou alguém como espelho, convertê-lo na superfície de um efeito especular. Em uma palavra: refletir-se.

Essa peculiar capacidade de tomar a alteridade como espelho de si sustenta, é verdade, um papel constitutivo na vida imaginária do Eu (moi), escamoteando a carência de imagem própria que lhe é intrínseca com imagens emprestadas daqui e dali, ao notável ponto de lhe render o porte de uma massa figurativa

da qual pode então extrair uma espécie de reconhecimento de si. Todavia, se ocorre à criança adquirir esse vínculo particular de identificação com algo em alguém ou algo em geral, esse vínculo não se estabelece propriamente sem a mediação de um Outro através de quem ela é guiada a descobrir o valor especular com o qual as coisas podem se revestir. Para ver-se refletida, é indispensável que alguém especial a faça sentir-se refletida em algo que lhe é apresentado.

A ilustração do manequim olhando-se no espelho que estampa a capa desta revista reúne, segundo nos parece, este duplo aspecto do efeito especular: ver-se a si mesmo refletido sobre uma superfície cuja luz de seu valor reflexivo, entretanto, lhe foi imbuída pelo Outro. O manequim é aquele que se faz ver tal como outrem deseja vê-lo: mas por isso mesmo, ele se verá a si próprio através do brilho especular sustentado por outrem. O paradoxo do narcisismo, é que o brilho sobre a superfície do espelho não pertence naturalmente ao espelho e tampouco é naturalmente visto pela criança: ele é revelado no olhar sussurrante do Outro.

O que pode acontecer, porém, com um sujeito que experimente um engessamento de sua vida psíquica nesta condição especular, em detrimento de seus recursos de ordem simbólica?

A edição 37 de nosso periódico reúne os seguintes espaços e escritos:

O **Espaço da Letra** desta edição é aberto pelo texto de Andrea Rossi: *“Da escuta das diferenças à leitura da intolerância”*. Tomando como fio condutor o tema da constituição do sujeito e o conceito de traço unário, Andrea examina os fenômenos de intolerância e de formação de grupos coesos em seus mecanismos e investiga, mais detidamente, o que tais fenômenos revelam sobre a relação do sujeito com o Outro e sua constituição

subjetiva. Por fim, questiona o lugar do analista diante destes fenômenos, seja junto ao analisando, seja na sua relação com a psicanálise e os psicanalistas em geral.

Luzia Carmem de Oliveira, por sua vez, desperta em seu artigo *“Racismo, uma ferida aberta: contribuições de Franz Fanon”* uma reflexão inspirada nos estudos do psicanalista martinicano Franz Fanon acerca da incidência do racismo sobre o processo de Identificação do negro desde a colonização, seus efeitos psíquicos sobre sua memória, sua imagem de si e sua relação com a alteridade, e serve-se do aporte conceitual legado por Freud e Lacan para analisar esta problemática e guinar para sua desconstrução.

Ainda no Espaço da Letra, o texto: *“Transexualidade – do sujeito ao corpo; do corpo ao sujeito, o que pode a psicanálise?”* de Fernando Ruthes traz uma inquietação manifesta pelo autor frente à temática da identidade de gênero, mais especificamente à população trans. Embasando-se na escuta psicanalítica do sujeito trans, sua relação com o corpo e suas vivências, propiciada pelo trabalho desenvolvido com esses sujeitos, Fernando articula as questões do campo da transexualidade, transidentidade, transgêneiridade com a teoria psicanalítica.

Por fim, contamos também com o artigo de Suzane Gapski Muzeca intitulado: *“Considerações psicanalíticas sobre a deficiência na deficiência”*. Neste artigo, Suzane aborda os efeitos gerados pela deficiência sobre a relação intersubjetiva. Na medida em que diferencia o sujeito de seu semelhante, a marca da deficiência repercute em sua estruturação psíquica; o trabalho psicanalítico, contudo, abre ao sujeito uma via para a elaboração de um novo sentido, sinalizando o advento do sujeito do desejo.

No **Espaço de Interlocação**, encontramos o texto de Allan Martins Mohr, *“Lacan, antifreudiano”*. Segundo o autor, ainda que tanto Lacan quanto Freud representem o campo da psicanálise, dado que ambos visam um trabalho clínico que admite a fala como caminho da cura, o pensamento de Jacques Lacan foi contínua e consistentemente contrário àquele de Sigmund Freud. Para demonstrar a distância que há entre Lacan e Freud, Allan escreve sobre a diferença entre o inconsciente freudiano e o sujeito lacaniano, o aparelho psíquico de Freud e a tríade borromeana de Lacan, e a desarmonia existente entre Freud e Lacan no que concerne à pulsão.

No **Espaço de Traduções**, Andrea Rossi nos traz uma tradução do artigo de Silvia Amigo chamado *“De magas, bruxas e pouco ortodoxas”*, originalmente publicado por Silvia no livro *“Mentalidades: forclusiones con y sin desencadenamiento”*.

O **Espaço Conferência** compreende a transcrição feita por Rosane Weber Licht da palestra realizada pelo psicanalista Alfredo Jerusalinsky na ocasião do lançamento da revista da APC de número 36, *“Inquietações: Psicanálise para todos?”*, em 27 de novembro de 2021.

Quanto às indicações, o **Espaço Indicações** conta nesta edição com duas resenhas:

A resenha escrita por Andrea Rôa d’Haese do livro recém-lançado pela editora Âyine em São Paulo, com tradução de Cezar Tridapalli: *“O Complexo de Telêmaco: pais, mães e filhos após o acaso do pai”*, de autoria de Massimo Recalcati.

E a resenha escrita por Camila Zoschke Freire sobre o livro *“Imaginar o Amanhã”* dos autores Abrão Slavutzky e Edson Luiz André de Souza, publicado em 2021, pela Diadorim Editora, em Porto Alegre.

Que esta nova edição do periódico da Associação Psicanalítica de Curitiba possibilite-nos entrever, nas fissuras das imagens especulares em que por vezes nos refletimos, o Outro enquanto diferença.

Boa leitura!

Luzia Carmem de Oliveira  
Marcia Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli



# Espaço da Letra





# Da escuta das diferenças à leitura da intolerância

## From listening to differences to reading intolerance

Andrea Rossi<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo aborda o tema da intolerância analisando os fatores envolvidos na construção dos intolerantes e intolerados. Para isso, inicia desenvolvendo uma construção conceitual a respeito da constituição do sujeito e do traço unário, assim como dos mecanismos que levam à formação de grupos coesos. Finalmente, discorre sobre a possibilidade de interrogar os intolerantes sem imitá-los, inspirada na função do analista.

**Palavras-chave:** diferença, intolerância, traço unário, grupos.

### Abstract

This article addresses the issue of intolerance by analyzing the factors involved in the construction of the intolerants and the intolerable. For this, it begins by developing a conceptual construction regarding the constitution of the subject and the unary trait, as well as the mechanisms that lead to the formation of cohesive groups. Finally,

---

1 **Andrea Silvana Rossi:** Analista. Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba. Graduada em Psicologia (PUC-Pr); Mestre em História (UFPR); Co-autora do livro *Hospital, saúde e subjetividade* (Casa do Psicólogo). Contato: andreasilrossi@gmail.com

it discusses the possibility of questioning intolerant people without imitating them, inspired by the analyst's role.

**Keywords:** difference, intolerance, unary trait, groups.

Vivemos numa cultura muitas vezes intolerante à diferença. Suportar tudo aquilo que é diferente de si implica ter podido realizar o árduo trabalho de ultrapassar o narcisismo. Parece tão simples dizê-lo, compreender que o outro pode fazer escolhas diferentes das próprias – mas nem sempre é simples saber-fazer com isso na sua vida sem tentar eliminá-lo como objeto odiado. Como analistas, sabemos que muitos sujeitos somente poderão abandonar o narcisismo e as consequentes posturas intolerantes, de ódio ao diferente, com muita análise.

Uma paciente me disse, refletindo sobre seu processo de análise: “nunca imaginei que a análise fosse me afastar da igreja”. Também como analista não podia antecipar que essa analisante se afastaria da igreja, mas sim que com o avançar da análise ela iria questionar crenças muito rígidas, apaixonadas e/ou inquestionáveis. Hoje, posso afirmar que mesmo que ela não se afastasse da Igreja, passaria a estabelecer uma relação diferente com esta instituição e com a religião como um todo, do mesmo modo que com outros agrupamentos dos quais participa na sua vida social e laboral.

O sujeito (analisado) participa, pode participar de diferentes grupos, mas não se mescla ou se confunde com o grupo, continua sendo um. Nesse caso, falamos de um sujeito que pode questionar o grupo, incluir a pergunta, a dúvida, pode escutar os sujeitos de fora do seu grupo e até aqueles que são contrários a sua posição.

Desenvolveremos a ideia de que é possível estabelecer uma relação com o grupo que não anule o sujeito e funcione apenas

motivada pelas identificações imaginárias<sup>2</sup>, mas para isso é necessário um sujeito que possa escrever seu próprio texto e tenha se separado do que foi escrito pelo Outro. Ou seja, para aceitar a diferença do outro, a alteridade, o sujeito precisa ter se apropriado do seu traço singular e, portanto, ter tornado o Outro inconsistente.

## **A escrita da diferença**

Em psicanálise, aquilo que foi escrito pelo Outro diz respeito a marcas que constituem o sujeito, trata-se de um tempo de alienação necessária à verdade do Outro, ou seja, todo um período de vida em que o Outro dá um significado ao sujeito em construção.

Acreditar que há um Outro detentor da verdade é uma posição de alienação, mas também é necessária num primeiro tempo. Seria o tempo estrutural em que surge o primeiro eu, que é um eu bastante rudimentar justamente porque se confunde com o Outro, uma vez que emerge identificado, e incorporando um traço do Outro.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921) aborda três formas básicas de identificação, dentre as quais a segunda é destacada por Lacan quando desenvolve suas articulações sobre o traço unário. Essa identificação constitui-se, para Freud, como uma identificação regressiva no campo das escolhas de objeto, trata-se de uma identificação parcial em que um único traço do objeto é introjetado pelo eu.

---

2 Esse foi o esforço do Lacan em fundar uma escola que pudesse funcionar ao modo psicanalítico, a esse respeito conferir Lacan, J. (1964). Ato de fundação. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

No *Seminário 6* (1958-1959) e também no *Seminário 9* (1961-1962), Lacan utiliza a metáfora de Robison Crusoe para explicar o traço unário. Robison Crusoe está na ilha deserta e encontra a pegada de sexta-feira, quando então apaga a pegada e para demarcar esse lugar ele coloca uma cruz feita com dois pauzinhos. A pegada, esse recorte de terra em desnível, evidencia a presença do peso do Outro. Podemos chamá-la de rastro ou marca do Outro, e é suscetível de ser apagada. Torna-se sujeito aquele que pode apagar a marca da pegada do passo e do peso do Outro, e inventar seu próprio traço. Mas esse primeiro rastro não deixa de existir, o sujeito não é sem o Outro, é a partir dessa marca ou apoiado nesse rastro que o sujeito a-risca uma primeira escrita. Nas palavras de Lacan: “O rastro é apagado, o sujeito cerca o lugar por um cerne, algo que desde então lhe concerne” (Lacan, 1961-62, p. 136). A partir disso, Lacan afirma que o traço unário está no campo do significante e do desejo, na origem do eu ideal e, ainda, localiza-o como o núcleo do ideal do eu.

Vale ressaltar que as posições antagônicas de alienação e separação ao sentido do Outro, trabalhadas por Lacan (1964) principalmente no *Seminário 11*, remetem à ideia de que o sujeito se constitui justamente nessa alternância. Se o eu (*je*) surge por um significante do campo do Outro, esse também será forcluído, apagado, demarcando um tempo de separação do Outro.

Ainda, sobre o tempo constitutivo da alienação, Lacan (1967) aborda, no *Seminário 15*, e apoiado no semigrupo de Klein, que o futuro sujeito precisa fazer uma escolha forçada, pois entre ‘não ser’ e ‘não pensar’, só pode escolher *ser sem pensar*. Essas posições do sujeito – ‘eu não penso’ ou ‘eu não sou’ – são relacionadas, nesse seminário, a dois lugares: o inconsciente e o isso. O isso é constituído como o primeiro lugar da alienação em que o sujeito aparece como ‘eu não penso’, ou sujeito acéfalo da pulsão.

Diferentemente, o inconsciente é o lugar do sujeito do desejo, que permite foracluir o sentido do significante do Outro, como foi trabalhado através da metáfora de Robison Crusoe. Portanto, a partir do inconsciente é possível pensar aquilo que desde o Isso não se pode pensar, o que permite que o sujeito descubra sua verdade para além do Outro. Sendo que verdade é o nome que o Lacan (1967) dá a uma das três operações fundamentais para pensar o ato analítico, são elas: alienação, transferência e verdade.

Entre a primeira operação, que é a alienação, da qual decorre a posição de ‘eu não penso’ ou do sujeito acéfalo, e a terceira operação, que é da verdade e permite a emergência do sujeito do desejo, encontra-se uma segunda operação que foi chamada de transferência. É através desta operação que o analisante pode interrogar sua posição de objeto. Essa interrogação inicia a possibilidade de abertura à terceira posição, aos pensamentos inconscientes, ao reconhecimento do sujeito de que ‘pensa onde não é’. Vale destacar que essa operação não é sem angústia, e por isso precisa de um manejo cuidadoso da transferência. A angústia nos indica que o sujeito está podendo interrogar sua posição de objeto, mas abala o eu (*moi*).

Resumindo, as operações de alienação e separação, discutidas no *Seminário 11*, e as operações de alienação, transferência e verdade, abordadas no *Seminário 15*, permitem-nos pensar a emergência do sujeito atrelada ao sentido do Outro. A partir do *Seminário 16* (Lacan, 1968-1969), essa emergência é articulada à consistência do Outro. Lacan dedica toda a primeira parte desse seminário à inconsistência do Outro e desenvolve a ideia de que uma análise possibilita realizar o luto pelo ideal do Outro, faz com que ele perca consistência, assim como seu lugar de Outro gozador e ilimitado. Portanto, não se trata apenas de estar mais ou menos alienado ou separado do Outro, mas de que a relação

com ele se modifica porque o Outro se transforma, perde consistência e potência, e isso permite aceder a verdade do sujeito. Nesse sentido, na medida em que o sujeito transforma sua relação com o Outro, já não se trata apenas de ocupar uma dessas posições polarizadas, mas de inventar uma posição para além do Outro. Essa invenção só é possível porque o Outro cede lugar ao outro.

Podemos concluir que aquele que não pode interrogar o Outro não poderá fazer uma leitura crítica disso que se apresenta do Outro, e mais facilmente ocupará uma postura de seguidor, ao invés de produzir uma escrita própria, atrelada ao seu traço singular.

## **A massa coesa. O intolerante**

Certos agrupamentos humanos se caracterizam por eliminar o sujeito e o seu traço singular. Mas também é verdade que os sujeitos que se vinculam a esses grupos são aqueles que não puderam tornar o Outro inconsistente, aproximar-se da sua verdade, e apresentam uma fragilidade na escrita do seu traço. Amigo (2021) afirma que esses sujeitos padecem de uma incipiente debilidade de seu traço ideal, ao ponto que o torna facilmente substituível pelo do líder ou hipnotizador ou mesmo pelo ideal do grupo.

Nesse caso, podemos afirmar que o grupo encarna o traço ideal e o Outro consistente, e os sujeitos que participam se confundem com o grupo e permanecem alienados ao líder ou à massa homogênea. Há concordância dos seus membros com a ordem estabelecida. Isso se dá pela influência da sugestão que não é exercida apenas pelo líder, mas principalmente por cada indivíduo sobre outro indivíduo, ou seja, pela sugestão mútua (Freud,

1921, p. 150). Trata-se de uma compulsão a fazer o mesmo que os outros do grupo para permanecer em harmonia com a maioria e manter a “homogeneidade mental” do grupo (Freud, 1921, p. 110). Portanto, os participantes desses agrupamentos buscam excluir a tensão, a discussão e encontrar o sentimento oceânico. Ou seja, a sensação de estar em harmonia com a organização do mundo, com o outro e consigo mesmo e, ainda, de ter um lugar ou espaço para chamar de seu.

Nesses agrupamentos, a relação que o sujeito mantém com o texto ou enunciado é da ordem de uma verdade ou prescrição, excluindo qualquer interpretação subjetiva ou questionamento; nas palavras de Freud (1921, p. 101): “Não conhece a dúvida nem a incerteza”. Nesse sentido, podemos afirmar que o texto vale como holófrase. Há respostas, mas não perguntas, o que leva à posição descrita por Freud como de enamoramento ou paixão pela ignorância. Essa posição pode ser relacionada ao sujeito do ‘não penso’ que habita o isso. Ou seja, uma posição de alienação ou indução que impede a formulação de perguntas necessárias para realizar a operação verdade discutida anteriormente.

Trata-se de um espaço de compartilhamento de certezas e que constitui o fenômeno das *folies à deux*, composto pelo indutor e a pessoa ou as pessoas que o seguem e que são os induzidos. Facilmente o líder, guru ou o conjunto de ideias (relato) de um grupo passa a ocupar o lugar de uma espécie de manual que dá respostas para várias angústias e poupa a necessidade do sujeito de pensar por conta própria. Isso decorre do fato de que esses grupos tendem a impedir a separação ou diferenciação entre o objeto e o ideal<sup>3</sup>.

---

3 Silva Amigo propõe pensar estes movimentos grupais passionais como a produção de uma **trevorização** coletiva. No nó mental de trevo, descrito por Lacan para

Os sujeitos que participam desses grupos são militantes da sua crença, ilusões arraigadas, em que muitas vezes não interessa o que é dito, mas dizer, repetir o que o grupo repete, ser mais uma voz do coro. A esse respeito, Freud (1921) escreveu que esses grupos “não ansiam pela verdade. Exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; são quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro” (Freud, 1921, p. 104). Portanto, tendem a manter suas convicções, mesmo quando lhes são apresentadas provas que as contradizem. Resistem em repensar suas ideias e lutam contra o desmonte dessas crenças porque elas funcionam como um porto seguro, trazem o afago e a tranquilidade da ilusão de saber, de ter as respostas, de caminhar por terras conhecidas e firmes. Territórios supostamente lisos, ilusões de espaços sem os relevos do real, dos sulcos que gritam aos olhos, mas não são vistos. E para manter essas ilusões negam qualquer informação ou debate que as ameace, um mecanismo de defesa psíquico clássico para se defender da angústia. Vale recordar, como foi abordado acima, que a posição do ‘não penso’, decorrente da operação de alienação, é sem angústia e que esta somente emerge quando o sujeito se dá conta e começa a interrogar sua posição de objeto.

Então a harmonia do grupo funciona como uma extensão do seu eu (*moi*), como uma maneira de manter essa unidade imaginária, mas também como recurso para não se confrontar com a sua divisão subjetiva, com a posição de onde ‘penso, não sou’.

---

avançar no estudo da paranoia, diferente da mentalidade borromeana, os três registros apresentam-se em continuidade. Nesse caso, todo o simbólico é real, todo o real e imaginário e assim sucessivamente, desencadeando a homogeneidade do nó (Amigo, 2021, p. 73).

Vale destacar que quanto mais coeso o grupo é, menos espaço há para o sujeito e seu traço. As verdades da massa primam por eliminar a hiância, a dúvida, a possibilidade de titubear, o erro, enfim, os tormentos da existência.

Ainda, sobre os sujeitos que apresentam posturas de intolerância, vale distinguir uma outra categoria, diversa da anteriormente descrita. São aqueles que defendem uma mentira, sabendo de antemão que ela é absolutamente falsa, porque convém a determinados interesses. Nesses casos, não se trata de uma defesa inconsciente, mas de uma postura desonesta que cria uma ideia, história ou personagem fictícia com o objetivo de manter o grupo coeso e também de apontar quem são os inimigos, o conjunto dos intolerados, dos quais falaremos no próximo item (Dessal, 2021).

De todos modos, tanto dos que se defendem da angústia quanto daqueles que defendem a mentira, o que interessa não é o texto ou enunciado – e muitas vezes não o há –, mas pertencer ao grupo, e esse pertencimento é realizado pela replicação de comportamentos e ideias. Estas são propagadas pela repetição de frases, como mantras ou hinos, muitas vezes sem sentido, como a letra de uma música cantarolada, mas que não se compreende. Música que embala no sono, hipnotiza.

Exemplos radicais desses textos ou enunciados sem sujeito – ou, de sujeitos não singularizados no seu sintoma – são os hinos de torcida organizada, os cantos ou gritos catárticos de algumas religiões, mas também, nessa mesma linha, vale destacar as mensagens incansavelmente replicadas pelos dispositivos eletrônicos. Nos países em que as posições políticas se apresentam de modo muito polarizado, como no Brasil e na Argentina, observamos esses fenômenos em ambos os lados. Ainda, se no campo da política partidária as mensagens replicadas e repetidas ao cansaço são

críticas a um político ou partido, trazendo essa reflexão para o campo psicanalítico, também encontramos a repetição de frases de Freud ou de Lacan, das quais muitas vezes não se entende o sentido. Isso demonstra que onde há agrupamento de pessoas sempre existe o risco do enamoramento ou da busca pela homogeneidade mental, o risco de que a voz do grupo se transforme na voz do supereu que leva à manutenção de um gozo parasitário. Nesse gozo se exclui o traço singular e impera somente a voz do Outro, um Outro consistente, que não pode ser questionado e que está encarnado no grupo.

## O intolerado. Outro odiado

A partir do exposto até aqui, podemos afirmar que a massa ou grupo coeso tende a exclusão da alteridade, do hetero (outro), pois ele atralhará os sonhos coletivos de perfeição, de pureza, de encontrar o que é certo e, também, confrontaria o sujeito com a sua divisão subjetiva. Portanto, aquilo em que o sujeito não se reconhece, que é diferente e exterior a si é, ao mesmo tempo, uma ameaça que precisa ser eliminada. Em outras palavras, tudo o que é **não eu (moi)** é odiado e se transforma em inimigo ou no intolerado.

Freud falou do ‘narcisismo das pequenas diferenças’<sup>4</sup>, que é uma construção antitética, pois junta numa mesma sentença ou expressão termos opostos: narcisismo e diferente. Recordemos que Narciso, na mitologia grega, morre fascinado pela sua imagem, fechado no seu eu, porque não pode reconhecer sua divisão e incluir a alteridade, o que implicaria aceitar que parte

---

4 Conceito freudiano que surge pela primeira vez em 1918 no *Tabu da Virgindade* e logo no texto *Psicologia das Massas e Análise do eu*.

do seu eu é moldada pelo peso do Outro, como foi destacado anteriormente. E Freud (1921) nos adverte que é nas pequenas diferenças, não obstante sua semelhança em todo o resto, que se fundamentam sentimentos de estranheza e hostilidade.

Essa parte que o eu (*moi*) não consegue assimilar como sendo sua, como própria, é a semelhança na mínima diferença. A recusa em aceitar como sua uma parte do Outro está na origem do amor ou ódio a um objeto na sua totalidade. Já discorremos sobre o amor ao líder ou ideal do grupo, agora destacamos como e porque um outro se transforma no objeto odiado e intolerado. Ainda, a divisão subjetiva recusada também é responsável pela hostilidade constante e inerente aos vínculos humanos.

O objeto exterior, aquele que não faz parte do grupo de iguais, é odiado pelo simples fato dele existir. E se o diferente precisa ser eliminado porque ameaça a homogeneidade do grupo, também vale recordar, como Freud afirmou em sua *Psicologia das massas e análise do eu*, que o outro odiado é necessário para manter o grupo coeso. Ou seja, escolher um objeto a ser odiado mantém o grupo coeso. Esse inimigo será odiado na proporção inversa do apaixonamento do grupo. Quanto mais homogênea a coletividade – característica das trevolizações coletivas descritas na nota de rodapé 2 –, mais as pessoas do grupo pensam, sentem e amam igual, mais intensamente odiado será o diferente.

Ainda, vale destacar a ‘força do grupo’, pois em grupo cada um faz coisas que não faria sozinho. Se no grupo encontramos o sujeito na posição de ‘eu não penso’ porque alguém pensa por ele, essa posição dialoga com a diluição do sujeito e sua implicação ou responsabilidade nos atos cometidos.

Entendemos que as posturas intolerantes e a hostilidade tem muitas facetas, intensidades e formas de se manifestar. Existem sujeitos preconceituosos, que evitam tudo aquilo que é diferente

de si, mas não buscam a eliminação do outro. Evitar o diferente para se defender da angústia provocada por ele é diverso de eliminar o diferente. Essa diversidade está relacionada ao modo como se organiza a subjetividade de cada um e estamos advertidos de que as operações que vem sendo tratadas neste artigo não abrangem a totalidade dessa construção. Existem sujeitos com posturas intolerantes, mas que são permeáveis à palavra do outro, portanto podem ser afetados e transformados pelo laço transferencial.

### **A leitura da intolerância. Quando o analista não resiste**

A partir do que foi destacado até aqui, podemos afirmar que a massa coesa fabrica uma legião de intolerantes, mas também destaca e precisa do conjunto dos intolerados para sua subsistência. Advertidos de que a resistência é sempre do analista, interessa-nos pensar como podemos manter uma postura analítica, que é aquela que possibilita pensar para além do grupo e polos de oposição.

Assim, partimos da pergunta: Como questionar os intolerantes sem imitá-los? Pois se eles propagam certezas precisamos introduzir perguntas, dúvidas. Afirmações categóricas não costumam produzir nenhum efeito de abertura, pelo contrário, geram agressividade e um fechamento ainda maior na pseudo-verdade do grupo. A esse respeito, Freud inicia seu artigo “Uma dificuldade no caminho da psicanálise” afirmando que onde falta empatia, a compreensão não virá fácil (1917), e segue falando dos três golpes narcísicos<sup>5</sup>, situações que tiram o eu do centro e res-

---

5 Freud colocava a descoberta do inconsciente como o terceiro abalo narcísico da humanidade. Primeiro foi a descoberta de Copérnico que, na idade Média, tirou a

saltam aquilo que o eu não controla. Advertidos de que os abalos narcísicos geram resistência, os psicanalistas podem intervir em transferência visando uma aproximação cada vez maior da verdade, mas tomando os devidos cuidados para não ofender demasiadamente o eu.

Entendemos que o problema de criticar agressivamente os intolerantes previne qualquer possibilidade de abertura desses sujeitos, pois aquele que critica as suas certezas é imediatamente identificado como alguém de fora do grupo e, portanto, um inimigo ou um líder do outro grupo. Um analista interroga, abre perguntas, não critica aqueles que não participam do seu grupo como detentores últimos do saber, pois justamente não pretende se constituir num líder a ser seguido. Isso diz respeito à abstinência do analista, condição indispensável para uma análise. Vale recordar que Freud abandona a hipnose e, no mesmo movimento, funda a psicanálise enquanto cura pela palavra, retirando o analisante da posição passiva ou submissa ao médico detentor do saber. Ressaltamos que quando a palavra se apresenta como uma ordem denuncia a pulsão de domínio do sujeito que a enuncia.

Ou seja, quanto mais apaixonado ou militante de uma determinada causa alguém, maior será sua intolerância e agressividade com aqueles que pensam diferente de si. Isso vale para compreender a dificuldade de muitos dos nossos analisantes, mas também para interrogar a posição do analista. Freud chega a afirmar que “As pessoas que são descrentes ou indiferentes estão

---

terra e o homem do centro do universo; em seguida, as publicações e diários de viagem de Darwin que demonstrou que o homem não teria sido feito à semelhança do criador, tendo sido retirado do centro da criação para ser visto como produto da evolução biológica do animal. Assim, Freud abriu mais uma ferida narcísica à humanidade e mostrou que o eu, o homem consciente, não é o responsável das suas ações.

psicologicamente em situação muito melhor nessa questão da crueldade e da intolerância” (Freud, 1921, p. 125). Então nos perguntamos: Um “suposto analista” que se posiciona na sua vida pública e social com intransigência e falta de paciência com os diferentes de si, poderá acolher essas diferenças na sua clínica? Acreditamos que à medida que avança a análise do analista, ele pode se mostrar menos consistente e provocar menos ódio; portanto, a sua clínica se torna mais heterogênea, e sujeitos de diferentes religiões, inclinações políticas e valores podem passar a frequentá-la, usufruindo dos benefícios de uma análise. A análise permite dizer melhor, com palavras novas, mas sabemos que a palavra se refere à verdade ou aponta a verdade, não a alcança, pois há uma impossibilidade de dizê-la por inteiro.

Não imitar os intolerantes implica o modo de dizer, o afeto envolvido no enunciado, mas também encontrar palavras que possam ser escutadas. Ainda, se os grupos coesos se caracterizam por usar frases e palavras repetidas porque estas fazem parte da identidade do grupo, como questioná-los sem usar frases prontas?

Nesse sentido, temos escutado palavras usadas tão ampla e indiscriminadamente para apontar as intolerâncias que terminam reduzidas a um amontoado de palavras gastas, opacas, que perderam o brilho pelo excesso de uso. São palavras que não têm mais o poder de atordoar e causar espanto. Didier-Weill (2014) afirma que um significante que cai no campo do bordão e passa a ser indiscriminadamente usado e abusado, maltratado, perde seu poder de evocação. É o declínio do significante e o império do significado, pois o postulado comum ao grupo mantém a unidade do sujeito que fala e representa uma denegação da sua divisão entre o processo do enunciado e o da enunciação.

Ainda, para questionar os intolerantes sem imitá-los, o dizer deve ser de um sujeito e não de um grupo de sujeitos. O

questionamento apoiado no vínculo é pergunta que abre a reflexão, pode propiciar a ampliação do sentido e a percepção de que as verdades do grupo nem sempre representam cada sujeito na sua totalidade. Sabemos, pelo que a clínica nos mostra, que muitos dos participantes desses agrupamentos, quando em transferência, conseguem flexibilizar suas certezas, avançam no sentido de suportar sua divisão subjetiva e podem ampliar o conceito de amor que também comporta uma parcela de ódio.

A transferência é um conceito psicanalítico para entender o que se passa no vínculo analista-analisante, mas nos serve de inspiração para refletir sobre os vínculos fora do consultório. Ou seja, nos diversos espaços sociais também é a qualidade do vínculo estabelecido com um outro que permite a transformação pela permeabilidade da palavra.

E se o amor detém o poder de afetar os intolerantes, também pode amenizar a intolerância. Não estamos falando da dimensão imaginária do amor, que busca completude, mas do amor atrelado também à dimensão simbólica e real. Afeto/sentimento que surge quando algum significante atrelado à presença do outro produz o enlace do amor. Trata-se de um encontro que permite circular espaços litorâneos, onde se articula algo de um, do Outro, de ambos. E esse amor que não é imaginário é propiciado pelo encontro íntimo com o outro, especialmente no um a um.

Se é verdade que estabelecemos transferência com um discurso e não apenas com sujeitos, como pode ocorrer com o discurso psicanalítico, também é verdade que um discurso que representa um conjunto de sujeitos tende a ser totalitário, pois é construído em torno de um pólo identificatório. A psicanálise, tomada como discurso de um grupo, e colocada a serviço dos bens, é campo fértil para distorções do que é a sua essência: o inconsciente. Por isso, psicanalistas não formam grupos coesos

ou evitam se posicionar socialmente enquanto grupo. Quando isso acontece, seu dito deixa de ser um dizer e perde valor de enunciação, transforma-se em enunciado e diminui seu poder de afetar, interrogar, implicar.

Um psicanalista é alguém interessado na lógica do seu analisante, deseja compreender porque esse sujeito mantém determinadas posições, valores, ideias, que podem se transformar em ideologias. Que as posições ocupadas nos espaços sociais possam ser inspiradas na função do analista implica em suportar a diversidade, a abertura ao diálogo e a construção da pergunta a partir de uma escuta prévia. Que possamos, inspirados na psicanálise, suportar o Outro (diferente) como aquilo que vem para quebrar a repetição do mesmo, como aquilo que tira da zona de conforto, da tranquilidade, da morte subjetiva. Que o encontro com o Outro seja ferramenta de mudança, renovação e abertura ao novo, que cause desejo.

## Referências

- Amigo, S. (2021). *Mentalidades, forclusiones con y sin desencadenamiento*. Buenos Aires: Antonnio Pedro Gimenez.
- Dessal, G. (2021). *Face to facebook. Una temporada en El Manicomio Global*. Barcelona: Ned ediciones.
- Didier-Weill, A. (2014). *Nota Azul: Freud, Lacan e a Arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Freud, S. (1974) Introdução ao narcisismo. In: Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. [1914].
- Freud, S. (1974). Psicologia das massas e análise do eu. In: Freud, S. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago [1921].

- Lacan, J. (1991). *O Seminário. Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1958-1959].
- Lacan, J. (2003). *O Seminário. Livro 9: A Identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. [1961-1962].
- Lacan, J. (1998). *O Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1964-1965].
- Lacan, J. (Inédito). *O Seminário. Livro 15: O Ato Psicanalítico*. Publicação para circulação interna e uso dos membros da Escola de Estudos Psicanalíticos. [1967-1968].
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar. [1968-1969].



# Racismo, uma ferida aberta: contribuições de Franz Fanon

## Racism, an open wound: contributions by Franz Fanon

Luzia Carmem de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo trazer reflexões do psicanalista martinicano Franz Fanon acerca da incidência do racismo sobre o processo de Identificação do negro após a colonização, tendo como ponto de partida o conceito em Freud e Lacan. Buscou-se o aporte psicanalítico para pensar nuances dessa problemática complexa e sensível que é o racismo, e como trabalhar para sua desconstrução.

**Palavras-chave:** Racismo, Identificação, Psicanálise.

### Abstract

This article aims to bring the thoughts of the Martinican psychoanalyst Franz Fanon about the incidence of racism in the process of black identification after colonization, taking as a starting point the concept (identification) in Freud and Lacan. The psychoanalytic contribution was sought to think about the nuances of the complex and sensitive issue that is racism and how to work for its deconstruction.

**Keywords:** Racismo, Identification, Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> **Luzia Carmem de Oliveira:** Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-SP); Mestre em Psicologia (UFPR); Especialista em Saúde Mental e Psicanálise (PUC-PR). Contato: lcarmem@hotmail.com.

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes  
Que nem devia tá aqui  
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?  
Alvos passeando por aí  
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Se isso é sobrevivência, me resumir à sobrevivência  
É roubar o pouco de bom que vivi  
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes  
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir  
Emicida*

Em uma entrevista inicial, diz uma jovem: “Estava procurando uma analista negra!”. Impactantes e surpreendentes, essas palavras suscitaram questionamentos diversos, resumidos em um ponto central: que tipo de vivência leva alguém a essa busca? Somaram-se a essa escuta inicial as notícias veiculadas na mídia, no ano de 2020, sobre dois casos que se tornaram famosos pela violência dos atos. O adolescente de 14 anos, João Pedro, morador da região metropolitana do Rio de Janeiro, foi morto em uma operação da polícia contra o tráfico de drogas. Enquanto ele, junto com alguns amigos, brincava no quintal da casa do tio, a polícia invadiu o local, disparando o que no total se somaram sessenta tiros de fuzil. O corpo do adolescente é retirado do local e a família fica sem notícias por dezessete horas, sem saber o que havia ocorrido, até encontrá-lo morto em um hospital, conforme relato dos noticiários<sup>2</sup>.

---

2 G1 Rio de Janeiro (2020). O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro, RJ.

Alguns dias após esse evento, nos EUA, George Floyd de 46 anos é perseguido até ser detido, acusado de comprar cigarros com uma nota falsa. O policial o imobiliza no chão e, ao colocar o joelho sobre seu pescoço, acaba por sufocá-lo, sob falas desesperadas de Floyd dizendo “Eu não consigo respirar”. Ele acaba vindo a óbito, conforme notícias da mídia<sup>3</sup>. As trágicas situações mencionadas, nas quais as vítimas, João Pedro e George Floyd, eram pessoas negras, tornaram-se emblemáticas para discutir ainda mais o racismo e, juntamente com outras, constam em um relatório emitido pela Organização das Nações Unidas (ONU) sobre racismo em instituições de polícia e justiça<sup>4</sup>. A organização associa os casos ao legado das Américas de escravidão, ao comércio transatlântico de escravos africanos, ao colonialismo.

Racismo é o preconceito e a discriminação direcionados a alguém a partir de sua origem étnico-racial, tendo como pressuposto que há uma raça melhor que outra<sup>5</sup>. Munanga (2006, p. 59) diz que o racismo:

seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (Munanga, 2006, p. 59).

---

3 G1 Mundo via BBC. (2020). Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA.

4 ONU Direitos Humanos. (2021). Chefe de Direitos Humanos da ONU pede ação transformadora imediata para erradicar o racismo sistêmico.

5 Recuperado de: <https://www.dicio.com.br/racismo/>.

A referência mais evidente do racismo parte da diferença na coloração da pele, mas como Munanga destaca, os aspectos moral, intelectual e cultural encontram-se associados. A História possui o registro do Holocausto ou Shoah, projeto de destruição/apagamento estabelecido por Adolf Hitler em nome de instituir uma raça pura, que dizimou gerações inteiras de judeus, negros, ciganos, como um grande marco para o racismo.

Ocorre que no Brasil, um país que foi colônia que por anos manteve a escravização de pessoas negras vindas do continente africano, que viu seus povos originários serem massacrados, formado por uma miscigenação de culturas, e que conta atualmente com uma população constituída em sua maioria por negros<sup>6</sup>, são frequentes notícias, e mais recentemente discussões a respeito do preconceito sofrido por essas pessoas em razão da cor da pele. Por anos esse tema foi silenciado, e atualmente vem adquirindo força e nos confrontando com questões históricas que aparecem no social e na clínica.

Franz Fanon (1952/2020), citando A. Burns, define que o preconceito de cor trata-se de um ódio irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que são julgados inferiores e, em contrapartida, o ressentimento daqueles que são insultados. A cor, por ser o traço visível de uma raça, tornou-se critério para o julgamento das pessoas em detrimento de suas conquistas e de suas capacidades educacionais e sociais. Destaca, desse modo, que um judeu pode não ser reconhecido como tal ao ser visto por outro, mas uma pessoa negra não pode escapar a esse reconhecimento.

---

6 Prudente, E. (2020). Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra.

Memória define-se como “capacidade de registrar, manter e evocar as experiências e os fatos ocorridos. A aptidão para memorização relaciona-se intimamente com o nível de consciência, com a atenção e com o interesse afetivo” (Dalgarrondo, 2008, p. 136). A memória está permeada pela história individual e/ou coletiva. Amnésia refere-se à perda de memória, recente ou antiga, podendo ser total ou parcial, ou seja, pode consistir na perda tanto da capacidade de fixar ou de manter quanto de evocar antigos conteúdos registrados (Dalgarrondo, 2008). Amnésia nomeia uma escultura de autoria do artista Flávio Cerqueira, produzida no ano de 2015<sup>7</sup>.



A obra reflete um menino negro com uma lata de tinta branca nas mãos, despejando o líquido sobre a própria cabeça.

---

7 Cerqueira (2015), recuperado de: <https://masp.org.br/acervo/obra/amnesia>

Observa-se que o conteúdo de tinta escorre por todo seu corpo sem fixação, sem tingi-lo. Este trabalho denuncia o processo de branqueamento da população negra ocorrido no Brasil. Entretanto, quando a tinta não se fixa no corpo, evidencia-se a impossibilidade de que algo seja efetivamente apagado. Por mais que sejamos acometidos por um estado de amnésia, a memória ainda preserva traços, registros, germens que permanecem no local para onde não se quer olhar.

O branqueamento da população trata-se de uma das formas de racismo no Brasil e compreende dois processos: um deles refere-se à internalização de modelos culturais brancos pela população negra, que implica na perda de sua cultura original africana e o outro trata-se do processo de “branqueamento concreto” ou clareamento da tonalidade da pele, Domingues (2002). Fanon (1952/2020) destaca a busca dos laboratórios por uma fórmula que viabilizasse o branqueamento, ressaltando que embaixo do esquema corporal havia um esquema histórico-racial a partir do que o homem branco ajudou a tecer.

Falar, discutir ou escrever sobre o racismo, não é tarefa simples. Sendo um processo que envolve muitas variáveis, estudado por diversas correntes teóricas, ainda é pouco compreendido. O racismo é uma formação complexa, histórica, social, política e psíquica, como nos adverte Joel Birman (2019). Sobre o jogo de forças presente no racismo, o que a psicanálise tem a dizer? A psicanálise por excelência é a práxis da memória. Sua teoria e prática clínica se dá na dinâmica entre lembrar-esquecer, neste hiato entre os dois processos aporta o sujeito. Desde seu momento inaugural, quando Freud escuta suas primeiras pacientes, que manifestavam em seus corpos seus sofrimentos, a memória estava em cena. O racismo como um processo que implica apagamento, evidencia a busca por esquecimento.

A proposta de trabalho lançada pela Associação Psicanalítica de Curitiba, “Entre diferenças e intolerâncias, o que pode a psicanálise?”, provoca-nos e nos interroga diretamente acerca do racismo, remetendo a outra questão: a psicanálise pode contribuir para a desconstrução do racismo? Buscando refletir e traçar uma elaboração que traga alguma luz a esses questionamentos, busco em Franz Fanon, psicanalista negro que teorizou sobre o racismo considerando sua experiência pessoal, um diálogo com escritos de Sigmund Freud e Jacques Lacan sobre a construção da identidade do negro após o colonialismo.

## **A identificação**

A identificação em Psicanálise se trata da operação pela qual o sujeito humano se constitui. Freud (1921/2011, p. 60) afirma que “a psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa.” Além de ser uma ligação afetiva, a identificação se torna o substituto para uma ligação objetal libidinosa, e pode surgir em relações nas quais haja a percepção de algo comum com outra pessoa, em que quanto mais significativo esse traço comum, mais bem-sucedida será a identificação. Portanto, delimitam-se três fontes de identificação: identificação primária, identificação histórica e identificação por contágio.

A postulação da identificação ocorre após percorrer o caminho que o leva à segunda teoria do aparelho psíquico, momento no qual o Complexo de Édipo se estabelece como processo que inclui a constituição e o ordenamento de operações da subjetividade. Freud (1923/2011) destaca que os processos de identificação e investimentos libidinais são complexos, e que dois fatores

respondem por essa complexidade: a bissexualidade constitucional e o complexo de Édipo.

Ao transpor o triângulo edípico como uma das etapas na constituição subjetiva, Freud (1921/2011) o faz diferenciando-o para meninos e meninas. Para o menino, o percurso pareceria menos tortuoso, ocorrendo investimento inicial na mãe por ser aquela que cuida, e a relação com o pai se dando por identificação e rivalidade (ambivalência) por ameaçar com a castração. Para a menina, segundo Freud, tudo se torna mais obscuro, pois deve mudar de posição para poder se identificar com a mãe. Ao explorar o próprio corpo, ela constata a diferença em relação ao menino, produzindo uma inveja do pênis, *Penis-neid*, elaborando a fantasia que um dia o possuirá – no entanto, diante da impossibilidade, a menina acaba por aceitar a castração, renunciando ao pênis.

Se para o menino a ameaça de castração o retira do Édipo, para a menina seria a constatação da castração que a introduz no Complexo. Para o fim do Complexo de Édipo, Freud (1924/2011) destaca a influência de eventos que parecem pequenos, mas que na realidade são eventos especiais, experiências aflitivas, que se opõem ao conteúdo do complexo. A criança, não encontrando a satisfação esperada, é levada ao fim do complexo, ao seu fracasso. Aqui temos a entrada na latência para advir uma atualização do Édipo na fase da genitalidade, no período da adolescência. Freud postula que o Complexo de Édipo é vivido individualmente, mas é determinado pela hereditariedade, sendo um processo universal cujo final é correlativo à instauração da Lei no inconsciente, o Supereu. Disso advém a possibilidade de identificação ao outro semelhante e a castração que é transmitida de pai para filho. O ponto essencial desse entendimento é a questão da diferença.

Com o Complexo de Édipo, as crianças vivem o processo de sexuação, ou seja, a diferenciação entre os sexos, visto antes disso não haver representação psíquica desta diferença. Jacques Lacan (1957-58/1999) procede a uma interpretação estruturalista para o Complexo de Édipo a partir do *Penis-neid*, a inveja do falo nas mulheres, e o explica ocorrendo em três tempos. No primeiro momento, a criança deseja ser objeto exclusivo para a mãe, ser tudo para ela, o falo. No segundo momento, a presença do pai frustra os desejos da mãe e do filho, período da castração simbólica. Já no terceiro tempo, momento de continuidade das operações iniciadas no segundo tempo, o pai também se apresenta como sendo castrado, aceitando a lei. A criança então substitui sua identificação com o Ego ideal pelo Ideal do Ego, passando a se identificar com o que lhe fora transmitido, sendo possível quando a criança deixa de ser o falo. Em todo desdobrar do Complexo de Édipo, o falo se encontra presente como operador simbólico, não sendo objeto de propriedade da mãe ou do pai, estando na cultura e não nos personagens da relação.

Como Frantz Fanon incorpora essas postulações para tecer sua compreensão da identificação do negro após a colonização? Fanon, psiquiatra de origem Martinicana, estudioso de psicanálise, buscou uma via de explicação para a constituição subjetiva dos negros após a colonização. O autor rejeitava os trabalhos de Freud, questionando a universalidade do Complexo de Édipo; no entanto, embasou-se no trabalho de Lacan para elaborar sua tese. Viveu o período da Segunda Guerra Mundial e, incomodado com a política de seu país, decidiu se alistar no exército das Forças Francesas Livres. Ao combater na frente europeia se deparou com a realidade que mesmo esse grupo de forças libertárias também era racista, assim como a França antissemita. Com o término da guerra, conseguiu estudar medicina, especializando-se

em psiquiatria, e neste período iniciou a escrita de seu trabalho mais conhecido *Pele negra, máscaras brancas*, publicado em 1952, (Roudinesco & Plon, 1998).

Nesse escrito, Fanon (1952/2020) toma como ponto de partida o trabalho do psicanalista Octave Mannoni, *Psychologie de la colonisation*, no qual o autor procede a uma análise dos fenômenos psicológicos que permeiam as relações nativo-colonizador. Para Mannoni, o sentimento de inferioridade de um malgaxe adulto, que estivesse isolado em outro meio, seria resultado de um gérmen de inferioridade presente nele desde sua infância, proposição sobre a qual Fanon interroga: “por que Mannoni busca fazer do complexo de inferioridade algo que antecede a colonização?” (Fanon, 1952/2020, p. 100).

Essa questão coloca em pauta o aspecto social e sua influência no processo de construção da identidade do negro. Fanon (1952/2020) critica Mannoni afirmando que parece não ter ocorrido, por parte do psicanalista, uma tentativa de sentir subjetivamente o desespero do homem de cor diante do homem branco, sendo sua análise da colonização muito objetiva. Seu argumento se centra sobre o efeito que a colonização possui de modificar a personalidade do colonizado, que passa a ser outro, de modo que o negro vive uma tamanha interferência em sua estrutura psicológica que a alteridade para ele passa a ser o branco. Essa interferência além de atingir a estrutura psicológica, adentra o social e a economia. Assim, o racismo não é uma questão de classe social, mas se trata de uma estrutura social racista, sendo o sentimento de inferioridade do povo não branco correlato ao sentimento de superioridade do povo europeu (Fanon, 1952/2020). Em sua visão, a Europa é a responsável pelo racismo colonial.

Na medida em que o branco impõe a discriminação, fazendo do outro o colonizado, degradando-o, o negro passa a sofrer

por não ser branco. Diante dessa vivência, ele tentará se tornar branco para que sua humanidade seja reconhecida. Fanon (1952/2020) adverte que se de fato há o registro de inferioridade no inconsciente do colonizado/do negro, tem origem em uma sociedade que faz com que essa inferioridade seja possível, que encontra consistência em preservar esse complexo, afirmando a superioridade de uma raça. Nesse contexto se cria uma situação neurótica, o conflito.

Freud (1917/2014, 1920/2010, 1921/2011, 1924/2011), em seu trabalho com a primeira tópica, afirma que o conflito gerador da neurose, o conflito patogênico, seria aquele que ocorre entre pulsões sexuais e pulsões do ego. Com o segundo dualismo pulsional, pulsões de vida e pulsões de morte, a noção de conflito é renovada, e o Complexo de Édipo torna-se o conflito nuclear para o sujeito humano. A neurose torna-se o produto desse conflito psíquico, tendo em seu centro o desejo e a defesa.

A descoberta da negritude para o negro é traumática. Freud (1893/2016) chama de trauma uma certa ruptura psíquica provocada por grandes excitações no aparelho psíquico, referindo-se ao excesso pulsional não ligado, difícil de ser lembrado e representado. Inicialmente, quando o negro é reconhecido como tal pelo branco, isso lhe causa divertimento, diz Fanon (1952/2020). Na sequência, quando o branco lhe demonstra ter medo, seu esquema corporal é atacado e acaba por desabar, dando lugar ao esquema epidérmico racial. O negro nota no olhar do outro a imagem de seu corpo desmembrado, arrebentado, desmantelado, visto como feio, mau, malicioso.

Essa explicação de Fanon embasa-se no *Estádio do espelho como formador da função do eu*, no qual Lacan (1949/1998) descreve o processo que a criança vive ao se apropriar de sua imagem. Esse estágio é o próprio processo de identificação, ou seja, “a

transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1949/1998, p. 97), identificação imaginária. A ascensão da imagem em um momento no qual a criança encontra-se impotente para muitas atividades, dependendo ainda do outro, sugere manifestar a matriz simbólica na qual o [eu] se precipita, antes de objetivar a dialética da identificação com o outro. A visão de seu corpo total compõe o processo constituinte para o sujeito e a imago tem como função estabelecer uma relação entre o organismo e sua realidade. Quando se conclui o estágio do espelho, inicia-se a dialética entre o [eu] e situações sociais.

Nesse percurso, o negro passa a existir em seu lugar como outro para o negro e para o branco, tornando-se responsável por seu corpo, raça e ancestrais, descobrindo seus traços étnicos, sua negritude. O negro é sobre-determinado a partir do exterior, de sua aparência, e não a partir de uma ideia que façam dele, lançado a um círculo vicioso, pois quando dizem que o amam é independente de sua cor, e quando o odeiam dizem que não é por causa de sua cor. Apesar de falar da cor da pele e isso ser da ordem do real, há uma construção imaginária e simbólica que sustenta o racismo. Os negros passaram a ter dois sistemas de referência em relação aos quais era preciso se situar: o negro e o branco. Os costumes e as instâncias às quais se remetiam foram abolidos, pois eram contrários à civilização que lhes fora imposta pelo colonizador (Fanon, 1952/2020).

As primeiras transmissões de costumes realizam-se primordialmente pela família. Lacan (1938/2003) afirma que a família concerne a um grupo natural de indivíduos que permite a conservação da espécie humana, na medida em que guardam o progresso, processo sustentado pela comunicação, efetuando-se como uma obra coletiva e cultural. A cultura introduz uma nova realidade social na vida psíquica. A família une os indivíduos por

duas relações: a geração e as condições do meio. Em seu funcionamento, pode-se observar o domínio das instâncias culturais em detrimento das naturais – e ainda que outras instituições participem de sua transmissão, o grupo familiar será prevalente na educação precoce, repressão das pulsões, aquisição da língua, regência dos processos fundamentais do desenvolvimento psíquico e ordenamento das emoções, transmissão de estruturas de comportamento e de representação que ultrapassam os limites da consciência.

Com sua leitura dos *Complexos familiares*, Fanon (1952/2020) transpõe para o processo de identificação do negro e utiliza a família europeia como referência (em oposição aos colonizados). A família é parte da nação, e quando uma criança deixa o ambiente familiar acaba se deparando com as mesmas leis, princípios e valores no meio social. Em contrapartida, uma criança negra que cresce em sua família, ao ter contato com o mundo dos brancos, passa a ser o diferente – e, neste momento, começa a descobrir a negritude.

Esse fenômeno pode ser mais bem compreendido a partir da noção de catarse coletiva, a forma da agressividade ser liberada dentro de uma coletividade. Quando um país é colonizado por outro, as crianças passam a ter acesso aos elementos da cultura do colonizador, aproximando-se de materiais infantis que foram escritos para as crianças brancas. Nessas produções, o herói ou personagem bom sempre era representada por uma pessoa branca, enquanto o vilão ou personagem mau era representado por um negro ou índio. O branco seria a vítima e o negro o perseguidor. A criança ao buscar se identificar com o vencedor, estaria se identificando com um herói branco, considerado o civilizador, explorador, aquele que leva a verdade aos selvagens (Fanon, 1952/2020).

O jovem negro atribui ao herói, que é branco, toda a agressividade que está relacionada a uma renúncia de si para satisfazer ao outro, e assim vai se formando naquele um modo de pensar e agir que é próprio do branco. Ao estar identificado com outra imagem (branca), o negro assume essa postura em relação a outro negro, até que se depara com a mesma situação quando o branco lhe destina sua agressividade e o faz conhecer a negritude. Permanecendo em sua terra, em seu núcleo, seguirá o mesmo destino do branco, mas ao se deslocar para outro lugar, ele é inferiorizado. Nesse outro lugar, o negro não mantém vínculo com a estrutura nacional, devendo escolher, portanto, entre sua família e esta outra sociedade, de modo que aquele que consegue aceder na sociedade branca, civilizada, tende a rejeitar a família negra, selvagem, no plano do imaginário (Fanon, 1952/2020).

Mesmo percebendo a irrealidade de muitas proposições, o negro as assume como suas a partir da atitude subjetiva do branco. O negro deve confrontar-se com esse mito, porém não tem consciência enquanto vive dentro do seu grupo, até estar diante do olhar do branco. Fanon (1952/2020) destaca a dificuldade para que esses processos sejam recalcados em razão do racismo ser um evento escancarado, e aqui procede a uma interpretação diferente do Complexo de Édipo para o negro e o branco. Ele diz: “queira-se ou não, o Complexo de Édipo está longe de ser uma realidade entre os negros” (Fanon, 1952/2020, p. 167). Conforme postulou Freud, o Édipo é um processo que sucumbe à barreira do recalque e, com o entendimento de Fanon, isso não é possível para o negro, que constantemente se depara com manifestações racistas, revivendo-as na degradação de sua identidade.

A produção de neurose no negro, assim como qualquer outra manifestação de sofrimento, decorre da sua situação cultural. Sendo invadido por todos os meios, por estímulos que

constituirão a visão de mundo do grupo ao qual ele pertence, ao se aproximar do mundo branco, o negro sofre uma ação psíquica e, se sua estrutura estiver frágil, ocorrerá um colapso do ego. O alvo de sua ação será um Outro branco, pois somente esse poderá estimá-lo. Ele se torna um objeto de fobia, neurose na qual a escolha do objeto é sobre-determinada. Como na fobia, existe uma presença latente desse afeto, já que o objeto não precisa estar presente concretamente, basta que seja uma possibilidade. O afeto se sobrepõe a qualquer racionalidade. O negro é atingido em sua corporeidade e visto como perigoso (Fanon, 1952/2020).

Lacan (2003) desenvolve o conceito de traço unário em seu seminário sobre a Identificação, que ocorreu no mesmo ano da morte de Franz Fanon, em 1961. Retornando à teoria da identificação introduzida por Freud em 1920, o traço unário caracteriza-se como o traço da pura diferença, suporte da marca da singularidade, traço radicalmente único do sujeito, traço que possibilita que cada um seja um, sinal da identidade. Esse elemento sinaliza um registro psíquico que faz vislumbrar uma rota de saída para se desvencilhar do racismo, na medida em que o traço é a primeira marca do surgimento do sujeito a partir do significante. É, portanto, fundamento da diferença que possibilita a identificação pela via simbólica, modificando a rota das identificações imaginárias, tão comuns em situações de preconceito.

### **Nota sobre 'Lugar de fala'**

'Lugar de fala', expressão frequentemente utilizada na atualidade, tem gerado questionamentos sobre seu significado. Segundo Djamila Ribeiro (2019), é possível usá-la a partir de certas referências que questionam quem pode falar. A origem

do termo é imprecisa, mas há um entendimento que pode ter surgido de estudos feministas, sendo moldado em movimentos sociais como ferramenta política, objetivando se posicionar contra uma autorização discursiva. A autora argumenta que o lugar social ocupado não promove ao sujeito uma consciência discursiva deste lugar, porém provoca experiências e perspectivas distintas.

O estudo e a delimitação do ‘lugar de fala’ têm como objetivo oferecer visibilidade aos sujeitos cujo discurso foi invisibilizado, desconsiderado, silenciado. Desse modo, o ‘lugar de fala’ marca o espaço daqueles que pertencem às minorias sociais, os grupos marginalizados da sociedade, dando voz ao sujeito e às suas pautas: raça, gênero, classe e qualquer tema. Entretanto a incompreensão acerca do ‘lugar de fala’ tem ocasionado mal-entendidos e deturpações. Não é incomum que alguém que não se enquadre dentro desses grupos seja criticado ao falar acerca desses temas, sob o argumento de não ser o seu lugar de fala. Assim, de forma simplista, cala-se a voz do outro, eliminando a discussão, o diálogo, a dialética.

Grada Kilomba (2019), estudiosa contemporânea do racismo, faz referência ao trabalho de Gayatri C. Spivak, *Pode a subalterna falar?*, no qual a autora responde que seria impossível que a subalterna falasse. Mesmo que lutasse com todas as suas forças, jamais seria escutada ou compreendida por quem está no poder e, no pós-colonialismo, a subalterna estaria sempre relegada à marginalidade. A autora questiona a noção desse ‘falar’, esclarecendo que se trata de uma fala dentro do regime opressivo do colonialismo e do racismo.

Outros estudiosos discordam dessa visão de Spivak, como Benita Parry, que argumenta que essa visão coloca o sujeito negro como incapaz de questionar e de combater os discursos

coloniais, atribuindo um poder absoluto ao discurso dominante branco. Já Patrícia Hill Collins destaca que a ideia de subalterna silenciosa encontra lugar na ideologia colonial, que diz que grupos subordinados se identificam com aqueles que detêm o poder e não têm uma interpretação válida da opressão. Além disso, implica a ideia de que grupos subalternos são menos capazes que os opressores, porém esses grupos não têm sido vítimas passivas ou cúmplices da dominação (Kilomba, 2019). Outra autora que também tece uma crítica a essa visão é Roudinesco (2021), destacando que Spivak, com sua tese, esvazia referências aos antagonismos sociais e os substitui por blocos identitários, inclusive desprezando mulheres de seu país que lutavam pela liberdade democrática.

Nestas discursões que colocam alguns sujeitos no centro do discurso e outros à margem, Kilomba (2019, p. 69) afirma: “é o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito.”

A psicanálise, desde sempre, é a arte da palavra e indiscutivelmente prima por um ‘lugar de fala’ do sujeito. Fanon (1952/2020) destaca a importância da linguagem, pois falar é existir para o outro, é assumir uma cultura, a civilização. Em decorrência do colonialismo, o negro vive em duas dimensões, uma com o próprio negro e outra com o branco. Todo povo colonizado é imerso na linguagem da nação colonizadora, o que gera um sentimento de inferioridade em razão de ver sua própria cultura sendo enterada, na medida em que o colonizado, ao adotar a cultura do colonizador, estaria se afastando da selvageria, tornando-se cada vez mais branco, portanto, mais civilizado.

Mas Fanon (1952/2020, p. 101) nos provoca: “não me agrada nem um pouco dizer que: o problema negro é meu problema, apenas meu”. Com isso, o autor evidencia a importância da

participação do outro nessas discussões, tomando parte do problema, senão perpetuamos uma cultura na qual as minorias estejam constantemente reivindicando um ‘lugar de fala’, sem que haja este outro a quem também compete reflexão, participação, atuação, mudança.

## **Reflexões finais**

Diante da complexidade do racismo, apresento menos uma conclusão e mais reflexões finais que mantêm abertos caminhos de pesquisas com outras nuances e aprofundamentos. Sobre o jogo de forças presentes no racismo, o que a psicanálise pode nos dizer? A psicanálise pode contribuir para a desconstrução do racismo?

Viver uma análise e estudar psicanálise não se trata do mesmo ato. Os dois podem ser complementares, mas não se confundem, algo que é de conhecimento comum aos psicanalistas. Indo a esse encontro, estudar o racismo e se reconhecer como racista, em atitudes racistas, não se trata do mesmo conhecimento. No trabalho com a singularidade e sendo uma práxis da memória, a psicanálise se mostra como uma força potente de conhecimento, questionamentos, possíveis mudanças, que são pessoais e se desdobram no social, processo alicerçado no desejo que pode incidir diretamente sobre o racismo.

Este trabalho se originou de uma fala que evidencia o sofrimento de um sujeito diante do racismo. Evento decisivo para despertar o desejo de uma mulher branca em questionar-se acerca desta forma de violência, bem como buscar esclarecimentos teóricos. No processo de desconstrução do racismo, o trabalho ocorre em duas vias: não se recuar diante do preconceito e questionar-se acerca dele, enfrentando os próprios aspectos

racistas. Esses vieses do trabalho estão contemplados pela ética da psicanálise.

A leitura da obra de Franz Fanon mostrou-se de grande iluminação ao tema. Seu entendimento do processo de Identificação do negro após a colonização, processo primordial descrito por Freud e ampliado por Lacan, auxilia a olhar para a particularidade da vivência do sujeito que constantemente se confronta com situações racistas a agredirem sua imagem, instituindo dois sistemas de referência: negro e branco, desmembrando seu corpo e sua subjetividade. Essa compreensão traz outros elementos para a escuta clínica.

Fanon (1952/2020) afirma que enquanto psicanalista sua função seria auxiliar seu cliente a conscientizar seu inconsciente, no intuito de prover mudança nas estruturas sociais. Algumas de suas palavras: “o negro não deve mais se ver colocado diante do dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve tomar consciência de uma possibilidade de existir” (Fanon, 1952/2020, p. 114). O uso da palavra é a possibilidade de existir – no entanto, alguns ainda são persistentemente silenciados e outros silenciam-se. Faz-se necessário auxiliar o paciente a sair da posição de recuo diante da discriminação, para se colocar em posição de escolher agir ou ser passivo diante do verdadeiro conflito, diante das estruturas sociais (Fanon, 1952/2020).

Atualmente autores têm se dedicado a produzir materiais artísticos e educativos para crianças e adultos com personagens negros e elementos da cultura africana ou dos povos originários, oferecendo outros elementos, assim como tais elementos estão dispostos no social. Desta forma, ampliam-se as referências para além da cultura branca original do colonizador, incluindo subsídios culturais dos povos colonizados, sendo um exemplo a Literatura Negra.

Finalizo com o entendimento de que o racismo, forma de violência complexa, tema sensível de ser discutido, que facilmente se torna polêmica sem que as partes possam dialogar, ainda carece de entendimentos. O ‘lugar de fala’ daquele que sente na pele a dor do racismo não é o mesmo dos outros, mas também compete a esses outros, para não incorrerem em uma perpetuação das posições vítimas/algozes. Aos psicanalistas cabe sustentar a responsabilidade da singularidade, o lugar do um a um e, para tal trabalho, Fanon, Lacan e Freud possuem concepções teóricas sólidas a auxiliar neste enfrentamento, com uma atuação cuidadosa e responsável em uma sociedade que ainda não conseguiu combater o racismo e mantém essa ferida aberta.

## Referências

- Birman, J. (2019). Desconstrução do racismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(1): 166-169.
- Cerqueira, F. (2015). *Amnésia*. Látex sobre bronze. Recuperado de: <https://masp.org.br/acervo/obra/amnesia>.
- Dalgalarrodo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Domingues, P. J. (2002). Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos*, 24(3): 563-600.
- Emicida (2019). *Amarelo*. Brasil: Sony Music, Laboratório Fantasma.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora. [1952].
- Freud, S. (2010). Além do princípio de prazer. In: Freud, S. *Obras Completas* (14). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. [1920].

- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In: Freud, S. *Obras completas* (15). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. [1921].
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In: Freud, S. *Obras completas* (16). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. [1923].
- Freud, S. (2011). A dissolução do complexo de Édipo. In: Freud, S. *Obras completas* (16). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. [1924].
- Freud, S. (2014). Conferência XIX. In: Freud, S. *Obras completas* (13). Tradução Sérgio Tellaroli; Revisão Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. [1917].
- Freud, S. (2016). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In: Freud, S. *Obras completas* (2). Tradução de Laura Barreto; Revisão de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras. [1893].
- G1 Mundo via BBC. (2020). Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. *G1 Mundo*. 27 maio 2020. Recuperado de: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>
- G1 Rio de Janeiro (2020). O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro, RJ. *G1 Rio de Janeiro*, 20 maio 2020. Recuperado de: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml>
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1949].
- Lacan, J. (2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: Lacan, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. [1938].
- Lacan, J. (1999). O seminário, livro 5: as formações da inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Versão final de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar. [1957-1958].
- Lacan, J. (2003). *O Seminário, Livro 9: A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. [1961-1962].

- Munanga, K. (2006). *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Recuperado de: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em 03 jul. 2021.
- ONU Direitos Humanos. (2021). Chefe de Direitos Humanos da ONU pede ação transformadora imediata para erradicar o racismo sistêmico. *Portal Onu Diretos Humanos*, Oficina Regional América do Sul. 28 jun. 2021. Recuperado de: <https://acnudh.org/pt-br/alta-comisionada-para-los-derechos-humanos-pide-accion-urgente-contra-el-racismo-sistematico/>
- Prudente, E. (2020). Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. *Jornal da USP*, 31 jul. 2020. Recuperado de: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>
- Racismo (2020). In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Gaus. Recuperado de: <https://www.dicio.com.br/racismo/>.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- Roudinesco, E. (2022). *O eu soberano: Ensaio sobre as derivas identitárias*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

# Transexualidade – do sujeito ao corpo; do corpo ao sujeito, o que pode a psicanálise?

Transsexuality – from the subject to the body; from the body to the subject, what can Psychoanalysis do?

Fernando Ruthes<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo surgiu de uma inquietação do autor a respeito da temática identidade de gênero, especificamente relacionada à população trans. A partir de tais inquietações, o autor busca articular a teoria psicanalítica com temas como transexualidade, transidentidade, transgeneridade, corpo trans e as vivências dessa população. Tais articulações estão embasadas na escuta psicanalítica do sujeito trans oportunizada pelo trabalho desenvolvido com esses sujeitos.

**Palavras-chave:** Trans, corpo, sujeito

---

1 **Fernando Roberto Ruthes:** Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduado em Psicologia (Universidade do Contestado – Mafra); Mestre em Psicologia (UFPR); Especialista em Psicanálise: Da Cultura à Clínica (IEP – Blumenau); Atualmente é Assessor de Direitos Humanos – Políticas da D Diversidade Sexual da Prefeitura Municipal de Curitiba e atende em consultório particular. Contato: fernandorutles@gmail.com

## Abstract

This article arose from the author's concern about the theme of gender identity, specifically related to the trans population. Based on such concerns, the author seeks to articulate psychoanalytic theory with themes such as transsexuality, trans identity, transgenderism, the trans body, and the experiences of this population. Such articulations are based on the psychoanalytic listening of the trans subject made possible by the work developed with these subjects.

**Keywords:** Trans, Body, Subject.

*“É necessário quebrar os padrões  
É necessário abrir discussões  
Alento pra alma, amar sem portões  
Amores aceitos sem imposições  
Singulares, plural  
Se te dói em ouvir, em mim dói no carnal”*  
Etérea – Criolo

O presente artigo irá trazer alguns apontamentos e reflexões a respeito da transexualidade, também identificada como Trans (travestis e transexuais), em articulação com a psicanálise. O ponto de partida para tratar a temática surgiu do trabalho desenvolvido pelo autor junto à população LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais), em especial às pessoas trans, tema que causou inquietação ao autor despertando seu interesse em “desbravar” tal temática sob a ótica da psicanálise.

Este texto não se propõe a explorar a temática da transexualidade em toda sua complexidade, mas apresentar alguns pontos para o debate e reflexão que foram levantados por meio da escuta dos sujeitos, sua singularidade, bem como acompanhamento de suas vivências, dores e angústias. A proposta é questionar o saber

posto para então possibilitar circular e avançar nesse que ainda é um caminho espinhoso e que tem muito a ser debatido.

Pensar a sexualidade em suas várias formas e configurações é inicialmente olhar para a temática da sexualidade e como essa reverbera em cada sujeito, ou seja, como tais questões estão postas e tratadas para o sujeito, não apenas o sujeito escutado, mas principalmente para o sujeito que escuta. O Paciente questiona e toma o analista desse lugar, assim como a maneira como o sujeito trata a questão da sexualidade também, em certa medida, questiona esse lugar do sexual no analista.

É a partir de alguns questionamentos que iniciamos nossa explanação: quem é esse sujeito que se identifica com o gênero diferente do que lhe foi atribuído ao nascimento? Que corpo é esse que está em desconformidade com o gênero? Estaríamos nós ainda presos a uma lógica binária, o que impossibilitaria escutar o sujeito em sua singularidade? E, por fim, qual o dizer presente na transexualidade? A psicanálise não pode se furtar a esse debate e tão menos acatar permissivamente as críticas feitas a ela, é necessário estar aberto a questionar quem são esses sujeitos e qual seu lugar no discurso social.

### **TRANS gênero ... TRANS sexualidade ... TRANS Identidade.**

O termo trans-sexualismo foi cunhado pelo doutor D. O. Cauldwell em 1949, em um artigo publicado na revista de educação sexual de Gernsback – *Sexology* – intitulado “Psychopathia Transexualis”. Destaca-se que desde esse momento a transexualidade era tratada como uma patologia, uma doença a qual deveria ser estudada e tratada.

A transexualidade foi considerada como uma patologia até 2019, momento em que foi lançada a 11ª versão do CID. A partir desse momento, o termo sai da categoria de transtornos mentais e passa a integrar a categoria de condições relacionadas à saúde sexual, sendo classificada como incongruência de gênero. Isso significa que a transexualidade deixou de fazer parte do hall de transtornos mentais, o que é considerado um avanço para os sujeitos que se identificam com o gênero diferente do que lhes foi designado ao nascer, dentre os quais se destacam as travestis, mulheres trans e homens trans.

A nomenclatura utilizada atualmente é motivo de debate, não havendo consenso quanto a sua utilização. Há alguns que argumentam que o termo transgênero é uma leitura americana e que não reflete as vivências dos sujeitos que habitam no Brasil. Outra versão é o termo transexualidade, que é criticado por ainda se vincular à questão sexualidade, o que, para algumas pessoas, remete a práticas sexuais. Por fim, há o termo transidentidade, que remete à questão da identidade dos sujeitos, como esses se identificam – entretanto, tal termo, que é utilizado em alguns ambientes, ainda não é um consenso entre a população. Nos três termos destacados, há um significante que se repete, o prefixo TRANS.

Como coloca Lacan, um significante em si não significa nada, “nosso ponto de partida, o ponto a que voltamos sempre, pois estaremos sempre no ponto de partida, é que todo verdadeiro significante é, enquanto tal, um significante que não significa nada” (Lacan, 1985, p. 212). É preciso um segundo significante, e que este esteja articulado na cadeia com outros significantes.

Retomando a célebre frase de Lacan (2003), um significante representa o sujeito para um outro significante, é possível pensar que o significante trans vem representar um sujeito, que possui uma identidade de gênero em discordância com o sexo biológico

atribuído ao nascimento, em relação a um outro significante. Entretanto, como adverte Lacan, quando se trata de sujeito, é necessário considerar que há um limite, não há um significante capaz de dizer do que se é.

A pluralidade de denominações, transexualidade, transgênero, transidentidade, remete-nos à busca do sujeito em localizar um significante que venha representá-lo, responder pelo que é. Entretanto, conforme destaca Lacan, “não há no Outro nenhum significante que possa, conforme o caso, responder pelo que sou” (Lacan, 2016. p. 322).

A não conformidade na definição e denominação nos faz refletir a respeito da inconformidade do sujeito em relação ao seu gênero, à sua identificação enquanto homem ou mulher. Tal inconformidade se evidencia na relação do sujeito com seu corpo. Os sujeitos trans transcendem a lógica biologicista que define gênero com base no corpo biológico. Desse modo, o sujeito se identifica com um gênero diferente do sexo biológico, empreendendo esforços na busca de adequar seu corpo – que seu corpo possa representar seu gênero, possa lhe representar.

## **Corpo Trans**

“Quem sabe o que se passa no seu corpo? Para alguns, chega a ser o sentido que dão ao Inconsciente” (Lacan, 2005b, p. 145).

As questões relacionadas ao corpo percorrem a obra de Lacan; apesar do autor não as discutir de forma específica, refere-se à questão ao longo do seu ensino, articulando aos conceitos e formulações que desenvolveu. A introdução da noção de sujeito em psicanálise, realizada por Lacan, trouxe novos parâmetros de discussão sobre a questão do corpo, alguns diferentes

dos apresentados por Freud (Ceccarelli, 2017). Conforme destaca Soler, “Freud não hesitou em retomar o dito de Napoleão, a anatomia é o destino” (2005, p.136). Lacan avança e propõe uma formulação que parece por fim a qualquer norma que provenha da natureza, afirmando que os sujeitos têm escolha.

Por meio do percurso realizado por Lacan, podemos pensar o sujeito e sua relação com o corpo. Para debatermos a respeito dessa relação, neste texto utilizaremos como ponto de partida os três registros, que foram apresentados por ele na conferência de abertura das atividades da Sociedade Francesa de Psicanálise realizada em 8 de julho de 1953, intitulada *O simbólico, o imaginário, o real*.

Durante a obra de Lacan, os três registros vão sendo atualizados e se tornam fundamentais na teoria Lacaniana para pensar a concepção de sujeito e a concepção de corpo na psicanálise.

No seminário sobre Os escritos técnicos de Freud, Lacan afirma que real simbólico e imaginário são “categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência” (Lacan, 2009, p. 308). Balizados por esse pressuposto, faremos uma breve explanação a respeito dos três registros e sua relação com o corpo, principalmente com o corpo trans.

Ao trabalhar a concepção de real, Lacan o apresenta enquanto o impossível, o que não comporta simbolização – importante, neste momento, destacar que real não é sinônimo de realidade. O corpo real está referenciado ao que é da ordem do orgânico, do biológico, “com o qual nascemos e que existe antes mesmo que tenhamos acesso à fala ou que possamos elaborar fantasia a respeito dele” (Teixeira, 2018, p. 63).

Relevante ainda destacar que esse corpo real biológico não fica imune a outras interferências, ele não sobrevive sem receber interferência de outras instâncias, como o simbólico. O corpo real passa a existir quando é falado, quando a instância simbólica

se faz presente, “este real, para apreendê-lo, não temos outros meios – em todos os planos e não somente do conhecimento – a não ser por intermédio do simbólico” (Lacan, 1985, p. 128)

O simbólico, então, apresenta-se enquanto essa instância que atravessar o corpo do sujeito, o corpo é atravessado pela linguagem, “a linguagem toca o organismo, o desnuda, o modifica” (Soler, 2019, p. 35). É pela incorporação dos significantes dirigidos ao sujeito que este irá constituir sua rede de significantes com os quais se identificará. Lacan destaca o Simbólico como o que “ultrapassa a fala” (2005, p. 51), sendo caracterizado como o campo da linguagem: “trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos organizados na linguagem, portanto funcionando a partir da articulação do significante e do significado, que é o equivalente da própria estrutura da linguagem” (Lacan, 2005, p. 23).

O outro registro da tripartição apresentada por Lacan diz respeito ao imaginário. O imaginário não é da ordem da mera imaginação; ele deve ser entendido como o da relação especular, dual, com seus logros e identificações, mas, sobretudo, segundo os desenvolvimentos finais de Lacan, com o advento do sentido (Jorge, 2018).

Na comunicação feita no XVI Congresso Internacional de Psicanálise em 1949, em texto que pode ser encontrado com o título de “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1998), Lacan debate a respeito do imaginário presente no processo de formação do sujeito, por meio de sua identificação a uma imagem totalizada: “o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998, p. 97). O imaginário vez está referido à imagem que o sujeito constrói do seu corpo, ele se forma a partir do olhar e do toque do outro, que molda o corpo do sujeito.

Tomando o exposto a respeito do corpo em relação aos três registros, podemos ponderar que é pela via do imaginário que é feita a costura do real e do simbólico no corpo do sujeito. Catherine Millot, em seu livro *Extrasexo*, destaca:

se a diferença dos sexos deve muito ao simbólico e suas bipartições, e ao imaginário que fixa os papéis, ela pertence, em última instância, por aquilo que representa de incontornável, ao registro do real, ou seja, ela pertence à ordem do irreduzível, contra o qual se pode bater, sem parar, a cabeça. (Millot, 1992, p. 15).

Marcus do Rio Teixeira (2018), ao retomar o seminário RSI, destaca que Lacan situa o corpo no âmbito do registro imaginário, enquanto aquilo que consiste. “Porém, o corpo enquanto organismo diz respeito ao Real como dado incontornável, que não depende da simbolização, tampouco da imaginarização” (p. 63). O sexo é real, é o biológico, é o que designa cada criança ao nascer, características cromossômicas, hormonais ou anatômicas. Se o sexo é real, seria também o gênero?

O conceito de gênero é amplamente debatido pelas ciências humanas e sociais, uma vez que foi cunhado no movimento feminista. O gênero pode ser entendido como uma construção cultural e social, geralmente sendo relacionado ao sexo atribuído ao nascimento e designando papéis, comportamentos, atividades e características e os modos de se localizar no mundo, seja como menino ou como menina. Ao debater a respeito desses papéis, é importante considerar o âmbito social ao qual a pessoa pertence, os quais podem variar de cultura para cultura. “Gênero é da ordem do simbólico e imaginário, da ordem do sentido que a cultura atribui ao que considera masculino e feminino” (Jorge & Travassos, 2018, p. 43).

A construção do sujeito em sua concepção do que é ser homem ou mulher tem origem na relação entre sexo e gênero, e

a transexualidade não está apartada dessa construção. O sujeito trans apresenta uma discordância do sexo com o gênero com o qual se identifica; dessa forma, há uma construção subjetiva e singular do sujeito a respeito do seu gênero, do ser homem ou ser mulher, ou, como traz Lacan, ser macho e ser fêmea: “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito pudesse se situar como ser de macho ou fêmea. O que se deve fazer como homem ou mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro” (Lacan, 2008, p. 200). É por meio desse enodamento que resulta a subjetivação do sexo, o que possibilita ao sujeito sustentar o parecer homem ou o parecer mulher.

Pensar as identidades trans, sejam elas travestis ou transexuais, leva-nos a questionar a respeito disso que é da ordem do estranho ao sujeito, dessa discordância entre sexo e gênero, e de todos os meios dos quais o sujeito se utiliza para “adequar” seu corpo ao gênero que se identifica. O sujeito vivencia um sentimento de estranheza consigo mesmo, já que não há um reconhecimento do corpo que habita. Há o que Millot (1992, p. 23) chama de “sentimento de ser mulher num corpo de homem (ou inverso)”.

A fim de exemplificar tal estranheza, trazemos aqui um recorte de uma situação vivenciada no trabalho com a população trans. Trata-se de uma mulher trans, que vem realizando o processo transexualizador, que inclui o tratamento de hormonioterapia e demais acompanhamentos. Entretanto, no Brasil há uma grande dificuldade para a realização da cirurgia de redesignação sexual, considerando que há poucos estados habilitados pelo SUS para realizar tal procedimento, e os que estão possuem uma fila de espera muito grande. No caso citado, a mulher já estava esperando na fila por aproximadamente dois anos. Durante uma discussão sobre o credenciamento e a habilitação do estado no qual ela reside, para a realização da cirurgia, ela é tomada de uma

raiva que a faz pedir a palavra e expor o não reconhecimento de seu corpo, a estranheza causada por ser uma mulher que possui pênis e que tem ereção.

A passagem citada traz, em seu relato, a raiva apresentada e a angústia vivenciada por essa mulher em relação à adequação ao próprio corpo, que consiste em um corpo com o qual ela não se identifica. Essa angústia está presente no relato de muitas mulheres e homens trans, os quais não se identificam com o sexo atribuído ao nascimento, uma vez que seu gênero está em discordância com seu sexo.

Para “adequar” seu gênero, elas utilizam tratamentos que são em muitos casos agressivos e invasivos. Entretanto, vale salientar que não são todas as pessoas que têm acesso a um tratamento adequado, e que muitas delas recorrem a tratamentos clandestinos, fazendo uso de medicação, aplicação de próteses – mais popularmente conhecidas como sílico, que não são os adequados e próprios, ou o silicone industrial que até os dias de hoje são aplicados –, ou, ainda, a realização de práticas para amputar membros ou esconder os mesmos, sejam eles seios ou pênis.

O relato apresentado por algumas pessoas trans nos faz pensar que, na maioria dos casos, “a posição transexual é regida pela metonímia, segundo a qual a parte vale pelo todo” (Millot, 1992. p. 86). O seio ou o pênis são tomados como o todo, como o representante do ser homem ou ser mulher e, dessa forma, devem ser retirados para finalmente ser uma mulher ou um homem. Millot nos alerta sobre tal situação:

o domínio da imagem, na relação das mulheres com seu próprio corpo, constitui um ponto comum com os transexuais dos dois sexos. Esta pregnância do imaginário se explica se considerarmos a falta de um significante da feminilidade no inconsciente. É o que faz em particular o tormento da

histórica, vítima de um questionamento sobre o que fundamenta, desde então, o ser de uma mulher. A falta de um apoio simbólico produz uma inclinação sobre o imaginário e a inflação correlativa dos ideais. Na falta de significativo, as mulheres ideais se reproduzem facilmente, com tudo o que isso implica de tirania. (Millot, 1992, p. 100).

Conforme exposto por Millot, a questão apresentada pelas mulheres trans é a mesma vivenciada pelas históricas. Por não possuir um significativo que represente A Mulher, não há A mulher – ela é não toda, ela se constrói uma a uma, na singularidade, “não existe A Mulher, universal transcendente ao conjunto de todas as mulheres” (Kehl, 2008, p. 28).

Pensar a partir da relação entre mulheres trans e histeria possibilita a reflexão a respeito do que a transexualidade interroga ao sujeito. Em seu seminário *O Avesso da Psicanálise* (1969-1970), Lacan trabalha os quatro discursos, que se referem à posição do sujeito. Ao examinar o discurso histórico, é possível verificar que esse interroga o mestre; nele, o mestre (S1) se encontra na posição do outro, ao qual a histórica irá dirigir sua demanda de “cura”, de “adequação” do corpo ao gênero correto.

A binaridade significativa (S1 – S2), que reparte o campo do sexual em dois sexos absolutamente distintos – homem e mulher –, é interrogada pelo histórico a partir daquilo que é impossível de ser apreendido pelo significativo – o objeto a. Assim, na posição de agente do discurso, o sujeito surge dividido como efeito da linguagem no conflito sintomático, mas sua verdade é que ele se coloca como objeto do desejo, o *objeto a* indecifrável para o Outro. (Jorge & Travassos, 2018, p. 316).

A transexualidade interroga o sujeito a respeito da sexualidade, a respeito do ser homem e ser mulher. Ela rompe com a concepção biologicista que impõe gênero e sexo como uma completude causal, ou seja, que o gênero é determinado pelo sexo

biológico. Podemos dizer, ainda, tomando como suporte o discurso histórico, que “todo saber que o mestre (S1) produzir (S2) será impotente para dar conta do enigma da sexualidade (a)” (Jorge & Travassos, 2018, p.316)

O acompanhamento de algumas situações vivenciadas pelas pessoas transexuais possibilita um lugar de escuta privilegiado, o que nos propicia tecer algumas observações. Cito aqui uma reunião que tratava a respeito da temática políticas públicas para a população trans; na ocasião, uma indagação foi realizada, “e os homens trans? São poucos ou preferem não se manifestar?” tal questionamento foi seguido de um debate a respeito do lugar ocupado pelo homem trans na malha social.

No que concerne aos homens trans, é possível perceber que há uma busca destes por inclusão no meio social, ocasionando, inclusive, uma espécie de apagamento de sua condição antes da transição. Durante e após o processo transexualizador, alguns homens trans buscam o anonimato proporcionado pelo signifiante masculino “sou homem”, optando, por vezes, pela não identificação como homens trans e, desta forma, um modo supostamente discreto de vida.

Ao que parece, após os sujeitos terem realizado a transição, ou sua retificação para o lugar do homem, assumindo a posição do masculino, dá-se um movimento de pertença ao grupo dos homens e uma busca por permanecer no grupo. Estes supõem que ao ser identificado como homens trans, acarretaria uma possível não aceitação como membro do grupo, do Clube do Bolinha<sup>2</sup>. Há um reconhecimento pelo Outro social dele nesse lugar de homem.

---

2 Em referência ao clube exclusivamente para meninos presente nas histórias em quadrinhos da Luluzinha por volta do ano de 1948.

é a uma imagem viril que os homens transexuais procuram se conformar. Isso não os opõe forçosamente às históricas, cujo questionamento sobre sua identidade pode levar a uma identificação imaginária com o homem. Por não saber se situar no lado mulher, coloca-se no lado homem: o que é uma maneira de resolver a questão. (Millot, 1992, p. 100).

As observações nos possibilitam verificar a proximidade dos sujeitos trans com as posições masculinas e femininas, reforçando o que afirma Soler (2005, p. 136): “os sujeitos se identificam tão pouco com sua anatomia, que se inclinam mais a se inquietar com seu ser sexuado”. Tais inquietações se fazem presentes na vida dos sujeitos trans desde muito cedo. No trabalho desenvolvido e na escuta desses sujeitos, é possível perceber que tal questão se faz presente já na infância, conforme relato de uma mulher trans: “nós não nascemos com 18 anos”, denunciando que há algo na infância dessas pessoas que precisa ser verificado.

O tema da transexualidade na infância é um tanto delicado, ao mesmo tempo que necessário enquanto campo a ser percorrido. Atualmente, tal questão tem tomado força e ganhado visibilidade, e a psicanálise não deve se furtar a esse debate, uma vez que “se a anatomia decide sobre o registro civil, não comanda o desejo nem a pulsão” (Soler, 2005, p. 136).

A construção do ser sexuado é singular, já que é apoiada no imaginário do que vem a ser homem e ser mulher. Para tal, os sujeitos modulam seus corpos de acordo com o que trazem como condizente à posição masculina e à feminina, seja pela realização de cirurgias estéticas até a forma de se portar no mundo. Interessante observar que os homens trans tendem, não todos, mas alguns, a se identificar com o que é de pertença ao universo masculino e passam a se portar como tal, seja na forma de vestir como na forma de interagir com outras pessoas, chegando, em

alguns momentos, a apresentar comportamentos estereotipados vinculados ao popular “machão”.

Entretanto, um fato não pode ser negado: o real. O real insiste. O real do corpo insiste, e ele se faz presente. Tomamos por exemplo o caso apontado anteriormente, em que há um real que insiste, que é da ordem do biológico e o qual não pode ser negado. Homens trans, por mais que façam a histerectomia<sup>3</sup>, precisam fazer alguns acompanhamentos que são geralmente e frequentemente realizados por mulheres cis. O mesmo acontece com as mulheres trans: mesmo sendo feita a cirurgia de redesignação sexual, elas ainda precisam fazer alguns acompanhamentos, como por exemplo frequentar o urologista, uma vez que elas possuem próstata. Colette Chiland (2005) destaca que a mudança de sexo esbarra em uma impossibilidade, o real do corpo continua o mesmo; muda-se, mas não todo, “só se pode mudar a aparência e o estado civil; dentro do corpo, os cromossomos permanecem o que são”<sup>4</sup> (Chiland, 2005, p. 565). Há algo que resta, o orgânico, o biológico, o cromossômico, anatômico.

Percebe-se hoje um cuidado para tratar da questão, evitando falar do que é pertinente ao biológico, relativo à concepção de que os sujeitos quando nascem são identificados enquanto macho ou fêmea com base nas suas características biológicas, as quais os acompanharão pelo resto de sua vida. Mas isso não significa que se trata do caminho último. “Da presença ou ausência do pênis, à qual se reduz inicialmente a anatomia, depende que alguém seja chamado de menino ou menina, e consequentemente doutrinado, mas é óbvio que é preciso mais para torná-lo um homem

---

3 Cirurgia ginecológica que consiste na retirada do útero.

4 Tradução livre do autor do texto “on peut seulement changer les apparences et l'état civil; l'intérieur du corps, les chromosomes restent ce qu'ils sont”.

ou uma mulher” (Soler, 2005, p.136). Dessa forma, faz-se necessário reconhecer que há um real que não deve ser esquecido, mas também não é o único caminho.

## **A, O, Sujeito trans**

O debate a respeito da transexualidade é ainda um terreno arenoso no qual se anda a passos lentos e cautelosos, pois envolve questões que estão enraizadas na sociedade e na cultura. Durante muitos anos a binaridade foi tratada como uma certeza, considerando o ser homem e ser mulher baseando-se em questões biológicas.

A transexualidade questiona o paradigma biológico e, ainda, questiona os sujeitos em sua sexualidade, gerando o que muitas pessoas relatam como um incômodo. Tal incômodo gera um mal-estar e, em alguns casos, questiona as formas de ser e estar no mundo. Não é raro o relato de sujeitos que ao chegarem em determinados locais, como unidades de saúde, clínicas, supermercados, farmácias, percebem olhares diferenciados, “eu sou a estranha”, “parece que sou um E.T.”, como relatam alguns sujeitos.

Extraterrestre, ser que não tem sua origem na terra, é de outro planeta, qual planeta seria esse? A dificuldade de se sentir pertencente a um lugar permeia a vida de muitos desses sujeitos. Relembremos o personagem Gregor Samsa, protagonista da obra *Metamorfose* de Franz Kafka. Certa manhã Gregor acorda metamorfoseado em um inseto monstruoso, não se reconhece, seu corpo lhe é estranho. O texto de Kafka descreve as reações da família Samsa que, ao verem Gregor metamorfoseado, agem no intuito de não o considerar, tendo ele perdido seu valor de

sujeito, tornando-se algo estranho, o qual deve ser escondido, não deve ser visto e deve, por fim, ser extinto, ou seja, há um movimento de se livrar dele.

Pensar o dilema vivenciado por Gregor remete a algumas histórias de pessoas trans. Seu estranhamento com relação ao seu corpo, a busca por um lugar, e a exclusão familiar e social fazem parte da vida desses sujeitos.

Jornais de alcance nacional, ancorados em informações apresentadas por organizações da sociedade civil, destacam que o Brasil é o país que mais assassina pessoas trans no mundo<sup>5</sup>. Associada a essa informação há outra, a perspectiva de vida dos sujeitos trans que, segundo essas mesmas instituições, em sua maioria não ultrapassa os 35 anos de vida<sup>6</sup>. Tais informações nos auxiliam a pensar o sujeito trans em um contexto social e cultural, o qual em sua maioria é excludente, relegando os sujeitos à margem.

O sujeito estranho, incômodo, provocador de mal-estar, e ao mesmo tempo tomado como objeto. Ele é tomado como objeto de prazer e de ódio, dois lados de uma mesma moeda, como bem expõe Lacan (2008b). Enquanto objeto de prazer, o corpo trans é tomado pela via do fetiche, escondido, velado: não é raro mulheres trans relatarem que homens heterossexuais as procuram, pois sentem prazer em ter relações sexuais com elas. Por outro lado, esse corpo também é alvo de ódio, agredido, queimado e, em alguns casos, desfigurado.

O ataque a esse corpo que foge à lógica binária e biológica é realizado de alguém externo que busca, em certa medida, o apagamento desses sujeitos. Entretanto, é interessante perceber que

---

5 relatório de 2021 da Transgender Europe

6 Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021

esses ataques não são dirigidos exclusivamente do outro externo para o sujeito, mas também do próprio sujeito: há uma busca de apagamento de algo que retorna, que se faz presente no sujeito, que lhe gera angústia, o que Jorge (2001) traz como a invasão do real no imaginário.

Frente à angústia, o sujeito busca alternativas para contorná-la. O sujeito busca sair dessa posição, chegando em alguns casos à passagem ao ato.

A passagem ao ato pode ser pensada como uma reação do sujeito mediante a identificação ao objeto *a*, ao resto, ao que resta da relação dele com o Outro.

A angústia aparece no momento em que o sujeito se pergunta que imagem de si mesmo verá no espelho; a imagem que o sujeito corre o risco de ver nesse momento é a de algo que não foi nomeado, a imagem de um corpo que ele não pode reconhecer, o objeto *a*. Como forma de evitar, de se defender da angústia, a qual comporta a problemática da identificação do sujeito com o objeto *a*, o sujeito rompe com a cena mediante seu ato, o sujeito busca uma saída, um corte, desvincilhando-se da posição que ocupa, de identificação ao objeto *a*. (Ruthes & Lustoza, 2018, p. 128).

São vários os relatos de situações em que pessoas trans, em um ato de desespero, cortam seus membros genitais, pois não reconhecem esses como sendo parte do seu corpo, ou ainda os consideram como uma marca de um gênero com o qual não se identificam. A vivência com o membro se torna tão angustiante que há a busca por extirpar o mesmo.

A extirpação do membro, realizada pelo próprio sujeito, é um ato extremo e muitas vezes solitário, sem ajuda ou acompanhamento. Entretanto, há outras formas de realizar a extirpação, com acompanhamento e procedimento científicos, como por exemplo as cirurgias de redesignação sexual.

Ao pensarmos a extirpação enquanto uma passagem ao ato do sujeito frente à angústia, a cirurgia de redesignação estaria a serviço de quê? Ela teria a mesma finalidade de acabar com a angústia do sujeito, mas a diferença é a sua validação por procedimentos médicos específicos. Frente a sua angústia, o sujeito busca algo que lhe dê, imaginariamente, uma saída. Nessa busca, encontra a medicina, que lhe promete a superação de sua angústia pela via medicamentosa e/ou cirúrgica.

Frente a esse panorama, Jorge (2017, p. 19) destaca que:

cabe à psicanálise fazer crítica de inúmeras práticas ditas de terapia corporal, as quais, calcadas precisamente no ideal obscurantista de um retorno à natureza, desconhecem o fato de que o corpo, construído por meio da linguagem, só por esta é abordável, sendo partícipe de um real ao qual é impossível ter acesso.

Importante destacar que não temos neste texto a intenção de criticar ou debater mais profundamente a respeito da importância do processo de redesignação sexual, tratamento importante aos transexuais. O que buscamos aqui é uma reflexão a respeito da proliferação de tratamentos, como assim abordados por alguns autores, e da crítica direcionada a esses autores, os quais são questionados por se tratar de um debate cujas raízes estariam localizadas na moral, em torno dos limites estabelecidos para a manipulação e transformação do corpo (Cunha, 2016).

A cirurgia vem de encontro à busca do sujeito por um lugar, por uma identidade, frente ao que Chiland (2005) chama de angústia de aniquilação, sendo existencialmente vital que seja um homem ou uma mulher, caso contrário não é nada. Para a psicanálise, conforme destacam Jorge e Travassos (2018, p. 103), “nomear-se como transexual fará parte de um enredo singular”.

Para a psicanálise, portanto, “o que há são sujeitos queixando-se do desalinho entre corpo e imagem, seja pela impossibilidade

de assumir os lugares simbólicos ou pela cristalização imaginária relativa a uma identificação” (Jorge & Travassos, 2018, p. 103).

O nosso trabalho enquanto psicanalistas é o de escutar o sujeito em toda a sua singularidade. Esse sujeito que possui um corpo real, simbólico e imaginário, que não se identifica com características biológicas, que se encontra em sofrimento frente à não adequação, e que vive em um mundo que o toma enquanto objeto, o exclui e o patologiza.

Escutar o sujeito trans é escutar para além da patologização ou de concepções que trazem a transexualidade vinculada à psicose e à perversão – o que tem se demonstrado falho, pois na prática diária, é possível perceber estruturas neuróticas presentes. Devemos estar advertidos em nossa prática, pois à medida que tratamos a transexualidade vinculada a alguma estrutura, podemos impossibilitar a escuta do sujeito. O que nos interessa é o sujeito, até “porque não há uma essência apreensível em si que se reduza a uma identidade” (Jorge & Travassos, 2018, p. 103). Dessa forma, a aposta na psicanálise pode levar o sujeito a sustentar sua posição subjetiva, suas escolhas, e se situar como homem ou mulher.

## Referências

- Benevides, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2021). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA IBTE.
- Ceccarelli, P. R. (2017). *Transexualidades*. 3. ed. São Paulo: Pearson Clinical Brasil.
- Chiland, C. (2005). Problèmes posés aux psychanalystes par les transsexuels. *Revue française de psychanalyse*, (69): 563-577.
- Cunha, E. L. (2019). A psicanálise e o perigo trans ou: por que psicanalistas têm medo de travestis?. *Periódicus*, 5(1): 7-21.

- Jorge, M. A. C. (2001). Luto e Culpa na Análise e na Vida Cotidiana, Sobre as Resistências do Analista ou Vamos Falar da Morte? In: Urânia, T. P. *Culpa*. São Paulo: Escuta.
- Jorge, M. A. C. (2008). *Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan* (1): as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Jorge, M. A. C. (2017). *Freud com Lacan: a psicanálise hoje*. Reverso, 39(73):15-25, jun. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952017000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000100002&lng=pt&nrm=iso).
- Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P. (2017). A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 20(2): 307-330, jun.
- Jorge, M. A. C., & Travassos, N. P. (2018). *Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kafka, F. (1997). *A metamorfose*. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1955-1956].
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu [je] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005). O simbólico, o imaginário e o real. In: Lacan, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2005b). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008b). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2016) *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1958-1959].
- Millot, C. (1992). *Extrasexo, Ensaio sobre o transexualismo*, São Paulo: Escuta.
- Ruthes, F. R., & Lustoza, R. Z. (2018). Passagem ao ato e acting out: função e sentido da distinção. *Analytica: revista de psicanálise*, 7(12): 120-132.
- Soler, C. (2005) *O que Lacan Dizia das Mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Soler, C. (2019). *O em-corpo do sujeito: Seminário 2001-2002*. Salvador: Ágalma.
- Teixeira, M. R. (2018). *Aportes teóricos para um estudo sobre sexo, gênero e gozo na psicanálise*. In Mariotto, R. M. M. (Org.). *Gênero e sexualidade na infância e adolescência: reflexões psicanalíticas* (51-71). Salvador: Ágalma.



# Considerações psicanalíticas sobre a diferença na deficiência

## Psychoanalytic considerations about the difference in disability

Suzane Gapski Muzeka<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho aborda considerações sobre os efeitos que a deficiência gera na relação intersubjetiva. Esta que é uma marca que diferencia o sujeito do seu semelhante produzindo consequências importantes na sua estruturação psíquica, sendo possível refletir sobre as contribuições da psicanálise a fim de que o sujeito possa por si, elaborar um novo sentido para a sua deficiência oportunizando assim o advento do sujeito de desejo.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Deficiência, Pessoa com Deficiência, Diferença.

### Abstract

The present work considers the effects that the deficiency generates in the intersubjective relationship. It is a mark that differentiates the subject from their similar, producing important consequences in their psychic structuring. Therefore, it is possible to reflect on the contributions of psychoanalysis so that the subject can elaborate

---

1 **Suzane Gapski Muzeka:** Fonoaudióloga e Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Fonoaudiologia (PUC-Pr); Especialista em Psicologia Clínica: Abordagem Psicanalítica (PUC-PR). Contato: smuzeca@uol.com.br

by themselves a new sense for their deficiency, thus providing the opportunity for the advent of the subject of desire.

**Keywords:** Psychoanalysis, Deficiency, Person with Deficiency, Difference.

Na literatura sobre a história da humanidade, ainda na era Antiga, é possível encontrar referências sobre indivíduos que se destacavam do censo comum, do padrão considerado normal porque apresentavam algum defeito ou deficiência. Desde então, ao longo do percurso, sabe-se que essas pessoas eram rejeitadas, excluídas da sociedade através do isolamento social, ou até mesmo condenadas à morte por diversas formas. Portanto, é inegável mencionar que essa trajetória é marcada pela violência e pela discriminação.

Entretanto, nesse percurso, no âmbito mundial, há um avanço através dos tempos, uma vez que ocorre um maior interesse e atenção voltados para esses indivíduos principalmente quando a deficiência passa a ser entendida como uma doença. Assim, a partir da concepção do modelo médico implantado, foi possível a abertura de espaços de discussão e, conseqüentemente, houve a evolução no modo de pensar e agir da sociedade.

Inicialmente, a deficiência era considerada uma limitação, característica única do indivíduo, que apresentava uma incapacidade no desempenho das suas atividades. Atualmente, após a Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, proclamada pela ONU em 2006 (apud MPP, 2022), é entendido que

pessoas com deficiências são aquelas que têm impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interações com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.

Posteriormente, entre leis e decretos, é versado sobre a pessoa que tem impedimentos de longo prazo, que sofre influência de fatores ambientais e sociais e que pode se colocar em condições de igualdade com seus semelhantes.

Sendo assim, a concepção anterior de deficiência, vista como pejorativa e penosa, em que o indivíduo que a portava era excluído, foi modificada: passou-se a considerá-la como uma condição, um impedimento, sendo plenamente possível que tal sujeito se envolva e faça parte da sociedade.

A evolução da própria nomenclatura utilizada para designar essa condição passou por diversos termos – como, por exemplo, aleijado, defeituoso, incapacitado, excepcional, com necessidades educativas especiais ou portador de deficiência – para que o sujeito fosse, por fim, nomeado como uma pessoa que tem uma condição impeditiva que é a deficiência, atribuindo-se o termo mais atual: pessoa com deficiência.

Diante do breve panorama explanado sobre a deficiência, a partir dos primeiros registros na história é possível apontar que existe uma diferença que se estabelece entre as pessoas com e sem deficiência. A partir do pressuposto médico e biológico, a deficiência é considerada uma doença, sendo estudada e tratada através de normas e padrões. Tal percepção difere do campo psicanalítico, no qual não há interesse em discorrer sobre as questões de diagnóstico e de tratamento, mas sim em se debruçar sobre os efeitos que elas implicam no sujeito, sendo um deles relativo à diferença. Esta é atestada por aquilo que é visto, por uma marca no real do corpo, como coloca Bernardino (2007, n.p.), e que, portanto, destaca-se do que é igual, do universal.

A questão que motiva a presente reflexão se dá a partir da observação sobre tais efeitos que a deficiência gera na relação entre os sujeitos, mais precisamente o que se nota quando o

sujeito se depara com o diferente, e o que se produz a partir de então como pena, repulsa, intolerância ou afastamento. Assim, o que se propõe é buscar reflexões pelo viés psicanalítico acerca do que é lido como a diferença nas deficiências.

Partindo das ideias que Bernardino (2007) coloca, são dois conceitos para tratar sobre a diferença. Inicialmente, a autora menciona que

ela produz efeitos estruturantes e é essencial para que o ser humano passe de uma definição geral para uma definição particular de quem ele é, e segundo, que a diferença produz estranheza, aquela que marca o real do corpo e produz consequências, tanto em quem apresenta quanto nos outros que se deparam com ela. (Bernardino, 2007, n.p.).

A criança, mesmo antes de adentrar o mundo da linguagem pela relação com o Outro, é falada por este que lhe atribuirá um lugar único no meio familiar e na comunidade na qual será inserida. Portanto, desde muito cedo ela comportará uma história através da qual se apropriará, pela rede de significações engendrada, dos significantes para se estruturar e ser marcada enquanto sujeito.

No entanto, quando ocorre a chegada de uma criança com dificuldades e limitações em seu desenvolvimento e que se apresenta ao mundo de uma forma inesperada para os pais, certamente haverá efeitos significativos. Aquilo que havia sido idealizado para esse filho na rede de significações, dos sentimentos e de expectativas, do que seria “um filho perfeito, forte e que teria a responsabilidade de perpetuar a existência dos genitores, como também que seria uma criança perfeita para a sociedade”, segundo diz Buscaglia (apud Signoretti, 2019, n.p.) de fato não acontece e, portanto, a constituição subjetiva da criança e do seu modo particular de ser, de alguma forma, será impactada.

Nesse sentido, o que ocorre é um desinvestimento libidinal por parte desses pais, ou seja, há uma quebra desse ideal no qual se realizará uma diferença que marca o sujeito à condição de pessoa com deficiência. Esse cenário impede, como assinala Bernardino (2007, n.p.), que ele “assuma a condição de sujeito de desejo”, pois aí o filho não corresponde às fantasias dos pais e, diante da ferida narcísica, não se coloca em condições de advir enquanto sujeito.

Bernardino ainda menciona que o sujeito com deficiência, ao entrar no campo do simbólico, deixa de ser puramente biológico, e todas as questões o que são da ordem das lesões orgânicas e da genética serão tomadas como significantes que, interligados, constituirão o sujeito. Mannoni (apud Bernardino, 2007, n.p.) diz que

mesmo nos casos em que está em jogo um fator orgânico, a criança não tem só que fazer face a uma dificuldade inata, mas ainda à maneira como a mãe traduz este defeito num mundo fantasmático que acaba por ser comum aos dois.

Continua Bernardino sobre a relação da criança com o Outro: “São essas réplicas do Outro, esse discurso que começa a ser dirigido não para o bebê em si, mas para o que ele encarna na cena familiar, que o constituirão como sujeito: simbolicamente, ele começará a existir” (Bernardino, 2007, n.p.).

Assim como foi exposto, cabe considerar que as dificuldades no desenvolvimento do sujeito podem marcá-lo pela diferença em relação ao ideal – do que se espera do seu próprio desenvolvimento –, e que, por apresentar tal diferença, é possível que seu desenvolvimento fique impedido, não sendo possível que o sujeito de desejo se apresente.

Ao refletir sobre os casos em que as condições de sobrevivência do sujeito são impactantes e severas, assim como casos em que

essas dificuldades para se viver no mundo são consideráveis e levam o indivíduo em questão a necessitar dos cuidados constantes de um outro, é possível pensar que a deficiência marca o sujeito como uma diferença que causa estranheza, pois difere do outro. Esse fato pode propiciar que o sujeito assuma uma posição de objeto de cuidado na relação com o outro, o que acarretará efeitos profundos na sua estruturação psíquica.

Cabe mencionar como exemplo aquela mãe que, ferida narcisicamente, embarca numa odisseia em busca de diagnóstico e tratamento. Sua esperança é de que essa diferença seja restaurada, ou seja, sua prioridade está depositada na deficiência e não no sujeito, o que origina uma dessubjetivação que impedirá o aparecimento do sujeito de desejo.

Lacan (1964) coloca que a constituição psíquica se dá a partir de dois processos: a alienação e a separação. Inicialmente, a criança é falada pelo Outro mesmo antes de falar, sendo importante que ela se aliene no desejo deste para que possa ter existência simbólica. Posteriormente, ao ter a ilusão de que tem domínio da linguagem, ela se desalienará do saber, das palavras e dos pensamentos do Outro para garantir sua própria existência e, portanto, apresentar seu próprio desejo.

Mannoni (apud Bossa & Neves, 2019, p. 153) menciona que “o trato à criança com deficiência está embasado em aderi-la à posição de objeto de desejo, subtraindo-a da identificação como sujeito de desejo”. Ou seja, a criança alienada permanece numa relação objetual de cuidado em que nada dela se espera, respondendo apenas ao que lhe é demandado.

Bonfim (2019, p. 5) coloca que nos casos em que o sujeito apresenta uma doença grave, pode haver sérias consequências psíquicas que invadem o campo das representações e da realidade psíquica, não deixando lugar para o sujeito. A partir de tal

condição, este se identificará com a sua própria doença ou deficiência, passando a ser o “doente” ou “deficiente”.

No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914-1916) menciona que quando o sujeito é atormentado por uma dor ou mal-estar orgânico, deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, ou seja, deixa de investir libidinalmente nos objetos amorosos do mundo externo para investir no seu próprio eu.

Daí a importância de se considerar esta questão no processo de estruturação psíquica da pessoa com deficiência. No mesmo texto, Freud (1914-1916) traz detalhes sobre o narcisismo primário da criança, quando se dá pela revivescência e pela reprodução do próprio narcisismo dos pais que foram abandonados. A criança herdará os ideais não realizados por eles, sendo-lhe atribuídas as perfeições e ocultadas e esquecidas suas deficiências. Assim, ela concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram.

Ao se pensar sobre a estranheza produzida diante do sujeito com deficiência, é importante refletir sobre a construção da identificação narcísica do sujeito remetendo-se ao texto de Lacan (1998, p. 97), que coloca “o estádio do espelho como uma identificação, uma transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. Imagem especular em que o sujeito através da sua experiência de corpo fragmentado se reconhece como um ser único, imagem na qual se alienará, numa construção arcaica do eu, o eu ideal.

Nasio (2009, apud Bossa & Neves, 2019) menciona que o corpo é marcado pela imagem inconsciente e pela imagem percebida no espelho. A primeira remete à imagem das sensações advindas do conjunto das primeiras impressões, gravadas no psiquismo infantil a partir das sensações corporais no contato carnal, afetivo e simbólico com o agente materno. Na segunda,

a criança reconhece que a imagem que o espelho oferece não a representa de fato, compreendendo que há uma defasagem irreduzível entre a irrealidade de sua imagem e a realidade de si. No mesmo sentido, disserta Lacan:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (Lacan, 1998, p. 97).

Nos casos de deficiência, Bossa e Neves (2019, p. 151) ressaltam que a condição do sujeito pode interferir na formação da imagem através da qual os pais não conseguem se ver no corpo da criança, o que pode acarretar dificuldade em oferecer a imagem especular para que a criança se identifique, comprometendo, desse modo, seu desenvolvimento e a formação de sua identidade.

Andrade e Soléra (2006, p. 86) mencionam que “se a imagem do deficiente perturba, é porque ela devolve em espelho, a imagem da deficiência, vivida por cada um, e que o corpo é testemunha”.

As autoras colocam muito bem a questão imaginária ao dizer que a imagem do corpo se estabelece na história particular de cada sujeito. Apesar de ter consistência libidinal, é inconsciente, apenas reflexo do corpo real, sempre parcial e fragmentada, atualizada constantemente e dinamizada pelo falo e que depende da relação com o Outro. Relação essa que, através da linguagem, garantirá um lugar ao sujeito e dará possibilidade de ação sobre o seu mundo. Acrescentam, ainda, que havendo uma falha na imagem do corpo, esta irá se justapor ao corpo real, lugar em

que a libido se estagnar pesando como se fosse uma sombra. (Andrade & Solera, 2006, p. 87)

a imagem do deficiente devolve a imagem de nossa própria experiência pessoal primitiva de corpo fragmentado, experiência esta “exclda” da imagem especular com a qual uma primeira formao do eu, representante do sujeito do inconsciente (S) em seu eixo a’ \_\_\_\_a, se identifica (Fédida apud Andrade & Solera, 2006, p. 86).

 possível pensar, pelas ideias de Fédida (2015, p.143), que a percepo da deficiência no sujeito supo ao outro a própria experiência de seus limites, ou seja, de que se confronta com a sua própria deficiência considerando que  a imagem de sua própria integridade. Reconhecer essa experiência fragmentária  a condio da percepo que o sujeito tem sobre a deficiência do outro.

Sendo assim, vale pensar nas reaoes percebidas no encontro com o diferente.  notável como o estranhamento gera reaoes adversas diante daquele que tem a deficiência. Geralmente o olhar denota o que  do insuportável e angustiante no sujeito, do qual  preciso se esquivar, fazer de conta que não viu, pois não se sabe o que fazer com o que vê e com que se deparou. Então, a possibilidade de uma negao diante da diferença fica evidente.

Fédida (2015, p. 145) coloca que a pessoa com a deficiência constitui uma figura que desencadeia todas as negaoes do outro, pois  a pessoa sobrevivente, a que escapou de um cataclisma, de uma catástrofe que já se produziu e que ameaça interiormente esse outro.

Ainda sobre esse efeito que a pessoa com deficiência causa no outro, Carpigiane (1999, p. 22-23) afirma que alguns autores colocam como hipótese que os mecanismos de defesa criam formas particulares de ao para se defender do que lhe  estranho e

diferente, e “de que há um movimento involuntário e inconsciente de resistência à percepção real da deficiência, uma força psíquica que distorce as cores da realidade e gera afastamento social e dificuldade de integração da pessoa com deficiência” (Carpigiane, 1999, p. 22-23).

Freud, em seu texto “O Estranho” (1919), relaciona o termo estranho com o que pode ser amedrontador que gera sentimentos de repulsa, aflição e afastamento, sendo de ordem conhecida e familiar. Relata que situações que geram estranheza podem estar relacionadas ao retorno de algum tipo de afeto reprimido, e declara que

[...] esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente; e que somente se alienou desta através do processo da repressão [...] o que permite compreender o estranho como algo que deveria ter permanecido oculto mas veio à luz. (Freud, 1919, p. 258).

Bernardino (2007, s.p.) comenta que, na relação com o outro diferente, a questão da diferença se atualiza como experiência de castração. No entanto, para se defender da angústia da castração, apela-se para o mecanismo de defesa através do qual se recusa a diferença, ou seja, o diferente não é reconhecido como semelhante, porque remete ao que é de insuportável e convoca à reação de afastamento pela relação com o íntimo recalcado da castração (Bernardino, 2007). Ainda, a autora declara:

Isso obstaculiza um verdadeiro encontro com o sujeito que aparece como o diferente, esvazia sua subjetividade, afasta-o de um lugar de desejo, de singularidade, de complexidade, reduzindo-o e aprisionando-o no atributo que marca a sua diferença: é o deficiente mental. (Bernardino, 2007, n.p.).

Sendo assim, ao se articular, pelo campo psicanalítico, a diferença enquanto questão estrutural, considera-se que cada sujeito

é um ser único, que comporta sua história e é singular diante dos demais, uma prerrogativa que serve para todos os sujeitos; porém, a deficiência não pode ser desconsiderada, uma vez que apresenta uma marca que impõe significação própria na história do sujeito e que causa efeito de estranhamento no outro.

Diante dos efeitos dessa marca, que remete à imagem de um corpo despedaçado, busca-se atenuá-los construindo uma imagem positiva, priorizando melhores condições de saúde e prezando por mais adaptações na qualidade de vida – o que por vezes se faz necessário; contudo, também pode se apontar para certo mascaramento diante da negação. Nesse sentido, Fédida (2015, p. 139) coloca que “prestando atenção a déficits funcionais e buscando remediá-los por melhores ajustes instrumentais, seja no campo médico, pedagógico ou educativo, deixamos na sombra, para não dizer que as negamos, realidades absolutamente vitais”.

No contexto social, é possível observar que a falta de reconhecimento da imagem não especular por parte do semelhante pode gerar a exclusão. O sujeito, por ser diferente, por não portar as mesmas características que compõem a comunidade, é deixado à margem. É difícil para o outro se deparar com a deficiência, reviver o que compõe a sua própria história subjetiva com a evocação de conteúdos recalcados que geram angústia e fantasias inconscientes.

Diante de um maior desenvolvimento do conhecimento científico e da apresentação de políticas públicas sobre a inclusão das pessoas com deficiência, é possível pensar que a diferença entre os seres na sociedade e a exclusão tem sido amenizada, o que não impede que os efeitos psíquicos que a diferença gera no sujeito estejam presentes, em maior ou menor grau.

Considerando que, pela via da ética psicanalítica, cada caso é único e conta com a subjetividade, a particularidade e o olhar

para além da doença que se apresentam no trabalho analítico, é possível proporcionar ao sujeito a possibilidade de uma estruturação com riscos psíquicos amenizados. Através da escuta e do acolhimento do sujeito, é possível o reconhecimento e a simbolização sobre a diferença, a aproximação com a sua verdade, fazendo-o produzir, de forma criativa, uma nova elaboração sobre sua deficiência.

É importante salientar também que o acolhimento e a escuta são funções imprescindíveis a partir do momento em que a família recebe o diagnóstico, para que os pais possam elaborar suas decepções, frustrações e expectativas diante do ser que lhes parece estranho e que anuncia um futuro inesperado. Somente dessa forma poderão ser asseguradas à família novas significações pela circulação da palavra, e ao sujeito será dada a oportunidade de realizar, diante da sua deficiência, o seu próprio modo de viver.

## Referências

- Andrade, M. L. A., & Soléra, M. O. (2006). A deficiência como um “espelho perturbador”: uma contribuição psicanalítica à questão da inclusão de pessoas com deficiência. *Rev. Mudanças – Psicologia da Saúde*, 14(1): 85-93.
- Bernardino, L. M. F. (2007). A contribuição da psicanálise para a atuação no campo de educação especial. *Rev. Estilos da Clínica*, 12(22), 48-67.
- Bonfim, F. (2019). Psicanálise e Reabilitação Física. *Rev. Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(1). Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003130355>.
- Bossa, D. F., & Neves, A. S. (2019). “Era uma vez...” Considerações Psicanalíticas sobre a Deficiência e os Contos de Fadas. *Psicanálise & Barroco em revista*, 17(1). Recuperado de: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/9219/7908>.

- Carpigiani, B. (1999). A Leitura da Deficiência sob a Lente da Resistência. *Rev. Psicologia: Teoria e Prática* 1999, 1(2): 20-26. Recuperado de: [https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/Revista\\_Psicologia/Teoria\\_e\\_Pratica\\_Volume\\_1\\_-\\_Numero\\_2/art03.PDF](https://www.mackenzie.br/fileadmin/OLD/47/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_1_-_Numero_2/art03.PDF)
- Fédida, P. (2015). *A Negação da Deficiência*. A institucionalização da Deficiência. Recuperado de: <https://pdfslide.net/documents/texto-pierre-fedida-a-negacao-da-deficiencia.html>
- Freud, S. (1996). O estranho. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (17), Tradução de J. Salomão, p. 237-269. Rio de Janeiro: Imago. [1919].
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (14), Tradução de J. Salomão, (81-108). Rio de Janeiro: Imago. [1914].
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: Lacan, J. *Escritos*, Tradução de V. Ribeiro (96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ministério Público Do Paraná – MPP. (2022). *Conceitos de deficiência*. Recuperado de: <https://pcd.mppr.mp.br/pagina-41.html>.
- Signoretti, J. C. (2019). *A criança com deficiência e seu lugar no desejo materno*. Monografia. Fundação Educacional de Lavras. Recuperado de: <http://dspace.unilavras.edu.br/bitstream/123456789/302/1/Juliana%20Carvalho.pdf>



# Espaço de Interlocução





# Lacan, antifreudiano

## Lacan, anti-Freudian

Allan Martins Mohr<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é desenvolver a tese de que a produção de Jacques Lacan é contínua e consistentemente contrária àquela elaborada por Sigmund Freud, podendo ainda ser caracterizada, contudo, como psicanálise. E isso porque não apenas mantém, mas conduz às últimas consequências uma característica específica da elaboração freudiana, a saber: propor-se uma cura pela fala. Com esse fim em tela, discorri sobre a diferença entre o inconsciente profundo e individual de Freud e o sujeito lacaniano, a distinção entre o aparelho psíquico freudiano e a tríade borromena de Lacan, e a importante desarmonia entre Freud e Lacan no que concerne à pulsão, para concluir que a psicanálise lacaniana se constrói como alteridade à freudiana, quiçá podendo ser nomeada antifreudiana.

**Palavras chaves:** Psicanálise. Sigmund Freud. Jacques Lacan.

### Abstract

This article aims to develop the thesis that Jacques Lacan's production is continuously and consistently contrary to that

---

1 **Allan Martins Mohr:** Psicólogo, graduado pela UFPR; Doutor em Filosofia pela PUC-Pr; Mestre em Psicologia pela UFPR; atualmente, é Psicólogo na UTFPR Campus Curitiba e professor no curso de Psicologia da FAE. Autor do livro de literatura infantil *Uma flor para Tatau*. É um dos organizadores do livro *A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes Psicanalíticos*. Contato: allan.mohr@gmail.com

elaborated by Sigmund Freud; however, it can still be characterized as psychoanalysis. Moreover, this is so because it not only maintains but leads to its ultimate consequences, a specific characteristic of Freudian elaboration: proposing a cure through speech. With this in mind, I discussed the difference between Freud's deep and individual unconscious and the Lacanian subject, the distinction between the Freudian psychic apparatus and Lacan's Borromean triad, and the important disharmony between Freud and Lacan regarding the concept of drive, to conclude that the Lacanian psychoanalysis is constructed as alterity to the Freudian one, perhaps being able to be named anti-Freudian.

**Keywords:** Psychoanalysis. Sigmund Freud. Jacques Lacan.

## Introdução

[...] acredito ser bem-vindo dizer-lhes algumas palavras sobre o debate que mantenho com Freud, e que não é de hoje. Pois bem: – meus três não são os dele <sup>2</sup> (Lacan, 1980/inédito, p. 22).

Lacan constrói, ao longo de sua obra e ensino, uma psicanálise antifreudiana. E colocado assim mesmo: psicanálise antifreudiana – com todo o paradoxo que possa carregar essa asserção. Mas é um paradoxo falsídico, se permitem o arriscado da aproximação lógica. Seria um verdadeiro paradoxo, caso entendêssemos que ser freudiano é uma característica essencial da psicanálise. Ou seja, se compreendêssemos que a psicanálise é essencial ou substancialmente freudiana, afirmar uma psicanálise antifreudiana seria um paradoxo verídico; mais ainda, uma falsidade. Nesse sentido, uma psicanálise antifreudiana seria

---

2 Tradução do autor.

impossível. Essa teoria, ciência, melhor ainda, essa coisa antifreudiana não poderia ser uma psicanálise se o “ser freudiano” fosse da ordem de uma substância. Não obstante esse recorrido, entendo a psicanálise antifreudiana como possível; não apenas possível, mas compreendo que foi exatamente isso o que propôs Lacan com a sua psicanálise. Se, conforme entende Goldenberg (2019), no rastro de Badiou, a antifilosofia lacaniana pode ser pensada porquanto Lacan “fala e pensa ‘contra’ o psicanalista” (Goldenberg, 2019, p. 66), a própria proposta lacaniana de psicanálise é antifreudiana por falar e pensar contra a construção freudiana – mesmo que em algum momento ele tenha se dito freudiano, mas falaremos disso adiante. De toda forma, se ainda quiserem pensar a psicanálise antifreudiana como um paradoxo, ele é obrigatoriamente falsídico.

Portanto, o que intento neste artigo é desenvolver a tese de que a produção de Jacques Lacan é contínua e consistentemente contrária àquela elaborada por Sigmund Freud, contudo, podendo ainda ser caracterizada como psicanálise<sup>3</sup>. E isso porque não apenas mantém, mas conduz às últimas consequências uma característica específica da elaboração freudiana, a saber: pro- por-se uma cura pela fala.

---

3 A tempo: quando da revisão deste texto, havia recebido há pouco um exemplar de *No hay sustancia corporal*, de Alfredo Eidelsztein, publicado em 2022 e composto por transcrições do seu Curso de Psicanálise lecionado na Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, em 2009. Nele, encontramos uma tese similar à abordada no corrente artigo que, apesar de não ser inédita na obra de Eidelsztein, é construída com uma clareza significativa: “Proponho-lhes [...] que Freud e Lacan propuseram modelos teóricos opostos de cabo a rabo, ambos dentro do campo da psicanálise” (2022, p. 22, tradução do autor). Já no primeiro capítulo, o autor percorre alguns pontos importantes que marcam uma distinção epistemológica, teórica e, por conseguinte, prática e ética nas psicanálises de Freud e Lacan.

Não é porque Lacan usa de palavras idênticas àquelas usadas por Freud, tais como inconsciente, falo e sexualidade, que Lacan é psicanalista; mas, proponho: é porque Lacan trabalha com a linguagem e a fala para realizar a análise da alma, que ele é um psicanalista – muito embora as almas de Freud e Lacan não sejam as mesmas. Ao mesmo tempo, compreendo que se pode adjuntar a tal prática, teoria, quiçá ciência lacaniana a alcunha de antifreudiana por se opor radicalmente aos pressupostos epistemológicos e científicos utilizados por Freud. O prefixo *anti-*, aqui, é usado radicalmente como oposição. Lacan é antifreudiano, assim como é antifilósofo.

Na impossibilidade de esgotar tal discussão em um artigo, percorrerei apenas alguns pontos, e de maneira sucinta, a fim de sustentar minha tese, a lembrar, de que a psicanálise lacaniana é antifreudiana. Pontos que agora delimito: os arcabouços epistemológicos distintos de ambos os pensadores; a diferença entre o inconsciente profundo e o individual de Freud e o sujeito lacaniano; a distinção entre o aparelho psíquico freudiano e a tríade borromena de Lacan; e, finalmente, a importante desarmonia entre Freud e Lacan no que concerne à pulsão. Pois bem, aos argumentos.

## **De que é feita a psicanálise?**

Seria no mínimo inconsequente de minha parte, ou da parte de alguém, dizer que Freud tirou a psicanálise do nada; como se ela fosse uma criação *ex nihilo* sustentada apenas na genialidade atemporal de seu criador. Seria desconsiderar anos, milênios de produção humana acerca do próprio homem – lembremos dos egípcios, dos gregos, da idade média e de tantos outros. Seria

esquecer o que nos ensinou Hegel (2014) sobre o espírito; por fim, seria falacioso. Freud não é um gênio por tirar do nada a psicanálise. Talvez ele seja um gênio por a ter construído, mas a matéria prima já estava posta. Não nos esqueçamos de seus professores, seus companheiros de percurso, os filósofos que leu e até mesmo seus pacientes. Há fundamentos filosóficos, epistemológicos e científicos na psicanálise freudiana. A questão é que tudo isso, essas bases, não são as mesmas para Freud e para Lacan.

Há uma ilusão, um mito que seja, muito bem difundido no campo psicanalítico – de que Freud teria criado a psicanálise a partir da escuta de seus pacientes. E tomo a liberdade de aqui nomear como mito ou ilusão, pois entendo esse movimento como algo carregado de desejo. Desejo de que a nova ciência para o novo século (séc. XX, no caso) fosse obra de um gênio e, portanto, de uma importância ímpar para o mundo – e isso auxiliaria no combate à angústia frente aos ataques substanciais que a psicanálise sofreu, e ainda sofre. A questão é que sustentar tal proposta, de que “a psicanálise foi criada por Freud a partir do que escutou de seus pacientes”, implica no mínimo dois problemas: primeiro, ela partiria de um método puramente indutivo, o que já foi bem discutido por Popper (1980) e outros; e, segundo, ao sustentar essa ilusão, esquecemos todo o arcabouço filosófico e epistemológico do qual ela verdadeiramente nasce. Não discutiremos o primeiro problema aqui e, do segundo, pegarei apenas um recorte.

O próprio Freud foi claro por vezes ao citar e nomear seus antecessores. De Empédocles a Breuer, todo pensador, filósofo ou cientista que cruzou o caminho da psicanálise antes dela ter sido criada, e mesmo ao longo do seu desenvolvimento, contribuiu para sua formatação. Um exemplo claro na pena do próprio Freud é quando ele cita Empédocles de Agrigento ao discutir sua

última teoria das pulsões. Freud é claro em dizer que há certa proximidade das pulsões de vida e de morte com a dualidade empedocliana da *Philia* e *Neikos* (Freud, 1937/1996). Outros exemplos são o uso que faz Freud de alguns conceitos de outros autores, como o princípio de constância, de Fechner e o Isso, de Groddeck (Freud, 1923/1996). Mas o recorte do qual desejo me apropriar é o que trabalha Alfredo Eidelsztein (2017) em *Otro Lacan*, quando nos faz lembrar de que tanto Freud quanto Lacan são pensadores inscritos em um determinado tempo. Nesse sentido, Freud escolhe algumas disciplinas à sua disposição para servirem de sustentação, de base, para sua nova ciência. Freud, para lembrar o resumo de Eidelsztein, usa da linguística de Karl Abel, da antropologia e sociologia de Le Bon, da epistemologia do círculo de Viena e de seu empirismo lógico, da física newtoniana e da geometria de Euclides. Por outro lado, Lacan se utiliza da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, da linguística de Saussure, Benveniste e Jakobson, da pragmática de Austin, da epistemologia de Koyré, da física relativista de Einstein, das construções quânticas de Heisenberg, da matemática de Cantor, Dedekind e Frege, e “em geometria incorporou e articulou à psicanálise a topologia combinatória e a teoria dos nós”<sup>4</sup> (Eidelsztein, 2017, p. 103). Ainda cabe lembrar que, em 1975, em uma publicação denominada *Talvez em Vincennes...*, Lacan (1975/2003) nos diz que sustenta sua psicanálise a partir de quatro ciências: linguística, lógica, topologia e antifilosofia. A distinção epistemológica entre Freud e Lacan é, se não substancial, impressionante.

A psicanálise lacaniana é feita a partir de um material outro daquela costurada por Freud. O material epistemológico

---

4 Tradução do autor.

utilizado por ambos é radicalmente distinto. Mas isso garantiria uma oposição?

Frente à inviabilidade de me estender por todas as questões apontadas acima, escolhi trabalhar a geometria neste primeiro momento para tentar sustentar a tese apresentada e iniciar as argumentações. Pois bem, Freud era euclidiano. E ser euclidiano implica dizer que Freud, ao pensar o mundo, o meio e as relações do homem com o meio, utilizava-se de um arcabouço que descrevia as coisas do mundo a partir de um plano inicialmente bidimensional com retas e pontos, e a partir do qual “paralelas nunca se encontram e se mantêm equidistantes” (Kasner & Newman, 1976, p. 73). Em consequência dessas características iniciais, a tridimensionalidade euclidiana vai ser justamente aquilo que aprendemos em geometria na escola: cubos, pirâmides e paralelepípedos inscritos em um mundo que tem por base uma terra plana. Portanto, os meios euclidianos para se pensar a realidade são finitos.

Ainda sobre essa geometria, dita clássica, Kasner e Newman dizem que ela, “prática em sua origem, foi cultivada e desenvolvida, em seu próprio interesse, [...] foi uma manifestação de luta por um ideal. Formas que eram belas, harmoniosas e simétricas eram apreciadas e avidamente estudadas” (1976, p. 99); para além desses pontos, a geometria não dava conta. Segundo os autores, “a Geometria de Euclides é uma boa aproximação, dentro de um campo restrito” (1976, p. 117), ao campo da aplicação prática, por assim dizer, de nossa experiência cotidiana, das plantações e das distâncias. Tudo isso nos convida a pensar o mundo como tridimensional, contudo “não se pode demonstrar que o espaço é tridimensional pela Geometria [...]. Tudo o que aprendemos da Matemática aplicada é que é conveniente, mas não obrigatório, considerar o espaço dos nossos sentidos como tridimensional”

(1976, p. 118). A geometria euclidiana, então, tem por base de pensamento o plano bidimensional para pensar suas formas e mensurações a partir dessa finitude, mesmo quando pensa e mede a tridimensionalidade, tal qual a experiência nos convoca a considerar. Nesse sentido, é válido dizer que a geometria euclidiana autoriza a tridimensionalidade por ter uma base sólida, finita, exata – se me permitem tais adjetivos imprecisos.

Por outro lado, a matemática pura, o plano projetivo, os números imaginários, a curvatura terrestre, as medidas atômicas e astrais, tudo isso exigiu outra geometria, outra forma de pensar e calcular, mensurar as formas. Então, a partir disso, apresentaram-se as geometrias não-euclidianas.

Lacan é não-euclidiano – quiçá não-freudiano, mas não abusemos das associações ainda. Lacan é não-euclidiano por pensar as formas com as quais trabalha, o mundo, o ambiente e seu sujeito, a partir de uma geometria não-euclidiana, em especial a topologia. A topologia é um tipo de “geometria débil, não métrica, e que alguns autores denominaram – sem muito rigor – ‘geometria da borracha’”<sup>5</sup> (Amster, 2010, p. 18). A topologia, então, é um tipo de geometria na qual se inserem os nós, os grafos e as superfícies bidimensionais, mas de maneira distinta daquela trabalhada por Euclides. Para a topologia o que importa são as qualidades das formas, não as medidas dela, suas exatidões métricas, e, justamente por isso, para a topologia, um quadrado é equivalente a um círculo. Ambos são, de acordo com Amster, topologicamente equivalentes, “por mais que para a geometria usual se trate de coisas bem distintas. A

---

5 Tradução do autor.

circunferência se deforma de modo tal que é possível ir e voltar, como se fosse feita de borracha”<sup>6</sup> (2010, p. 40).

O intuito não é aprofundar essas definições ou conceitos, mas ainda cabe dizer que, para a topologia, toda superfície, toda forma tridimensional é um objeto bidimensional submerso no espaço tridimensional e, por conseguinte, o estudo da topologia é sempre com objetos bidimensionais. E, por serem bidimensionais, não podem ser apreendidos pelos sentidos, senão apenas formalizados. Assim, o mundo freudiano tinha três dimensões exatas, por assim dizer, enquanto o mundo lacaniano é radicalmente bidimensional e feito de borracha.

Como conseguir entender isso tudo de uma forma mais prática? Pensemos no objeto de estudo das psicanálises freudiana e lacaniana, naquilo que é o alvo da proposta de cada uma. Em Freud, temos o indivíduo; em Lacan, o sujeito. São objetos diferentes.

O indivíduo freudiano é tridimensional. Retomem *O Ego e o Id* (Freud, 1923/1996) e vocês verão o desenho do aparelho psíquico; um aparelho tridimensional. Ou, ainda, quando Freud diz, no *Compêndio*, “suponhamos que a vida anímica é a função de um aparelho ao qual atribuímos extensão espacial e constituição por diversas partes e que, portanto, imaginamos ser semelhante a um telescópio, a um microscópio ou algo parecido” (Freud, 1940/2014, p. 15), está claramente pensando a partir de um espaço tridimensional, extenso. Apenas alguns exemplos, existem outros. Já o sujeito lacaniano é efeito de linguagem e é apresentado como um toro, uma superfície topológica.

---

6 Tradução do autor.

## O sujeito interpessoal e o indivíduo atomizado

No início da aula de 29 de novembro de 1961, no *Seminário* intitulado *A identificação*, Lacan parece claríssimo ao dizer: “o sujeito é significante”<sup>7</sup> (Lacan, 1962, n.p.). Adiante, na aula de 6 de dezembro do mesmo ano, ele aprofunda: “é do efeito do significante que surge como tal o sujeito”<sup>8</sup> (1962, n.p.). Esse sujeito surge apenas nos meandros da cadeia significante, porquanto não tem extensão, tampouco materialidade no sentido *lato* da coisa. Não tem extensão, diferente do aparelho psíquico freudiano que, conforme vimos há pouco, possui extensão no espaço e é composto por partes diversas, tal qual um telescópio ou um microscópio.

De um lado temos Freud, um pensador moderno, racionalista e representacionista, para o qual o homem possui como característica uma mente criada pelas representações do mundo externo que foram sulcadas no aparato mental e causadas sensivelmente. A mente, um conjunto de memórias ou traços mnêmicos, é o efeito das associações das representações criadas pelo contato do corpo orgânico – *Körper* –, e seus órgãos dos sentidos, com o mundo externo. Mundo o qual se apresenta como algo intangível pela característica mesma da coisa-em-si, *das Ding*, mas que pode se dar a conhecer ao homem inicialmente como aparecimentos – *Erscheinungen* –, se quisermos recorrer a Kant (1999). É aquilo que está presente nas representações gráficas e construções teóricas freudianas ao se considerar o pólo perceptivo na entrada do aparelho psíquico. Retomemos a *Interpretação dos sonhos* e leremos o seguinte: “esse aparelho [...]

---

7 Tradução do autor.

8 Tradução do autor.

tem um sentido ou direção. Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. [...] Atribuiremos ao aparelho uma extremidade sensorial [...]. Na extremidade sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções” (Freud, 1900/1996, p. 568). O mundo do qual participa Freud, o mundo moderno, racionalista, onde a razão se acredita senhora em sua própria casa, esse mundo é representação. Nesse sentido, Schopenhauer, pensador representacionista, é inequívoco: “o mundo é minha representação. [...] Não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. [...] O mundo a cercá-lo existe apenas como representação” (Schopenhauer, 2005, p. 43).

Esse indivíduo freudiano, que acima denominei tridimensional por ser euclidiano, possui outra característica importantíssima para sua compreensão: ele é separado do outro. É um átomo. Como o mundo todo é minha representação, ou seja, o mundo é feito a partir de um olho que vê, uma mão que toca, um ouvido que escuta, enfim, como o mundo é efeito dos sentidos, ele o é para cada um individualmente. O outro e as coisas do mundo existem enquanto representação mental, enquanto traços de memória que se associam em meu aparelho psíquico. É a máxima do mundo moderno, também do discurso capitalista: o indivíduo é em si mesmo e distinto do outro e, por consequência, responsável pelo seu universo, escolhas e (des)caminhos.

Mas, uma questão: não é Freud quem diz que o Eu não é senhor em lugar algum, que há um inconsciente ou um Isso que governa nossas ações? Sim, de fato há um importante ganho com o entendimento freudiano do inconsciente/Isso que, apesar de não ser novo – *das Es* é um conceito que ele toma de Groddeck –, recebe da pena freudiana um lugar ímpar. Mas, apesar de apontar que o Eu racional – com o perdão da redundância – não é

senhor de sua morada, ainda por ser racionalista e moderno, Freud propõe a cura a partir da psicanálise como uma tentativa de retomada do poder do Eu: *Wo Es war soll Ich werden*. Por mais que queiramos subverter essa sentença, a tradução só pode ser uma: “onde o Isso estava, deve o Eu assumir”. Lembremos nossa função como psicanalistas, de acordo com o próprio Freud: em uma análise, “elevamos os processos psíquicos de seu Eu [do paciente] ao nível normal, transformamos o que se tornou inconsciente e recalçado em pré-consciente, e com isso reintegramos ao Eu o que lhe cabe” (Freud, 1940/2014, p. 109). Em resumo, portanto: o indivíduo freudiano é tridimensional, representacionista, racional porque egoico e separado do outro. O sujeito lacaniano é outra história. O sujeito,  *sujet*, é história.

Como diz Eidelsztein, o conceito de sujeito tem algo de uma interpessoalidade em sua essência, ou seja, “implica partir da função do inconsciente: um saber não sabido que provém do discurso do Outro e que, conseqüentemente, ataca profundamente a função individualista da responsabilidade”<sup>9</sup> (Eidelsztein, 2017, p. 51). O sujeito não é o paciente enquanto pessoa, o sujeito é efeito discursivo, causado por significantes provenientes d’Outro lugar; o sujeito é evanescente, efêmero, existente apenas entre significantes e assassinado pelo significante ( $S_2$ ). O sujeito é um tópico, um assunto, um conto. No poema “Nada fica de Nada. Nada somos”, Ricardo Reis diz: “somos contos contando contos”; nada mais lacaniano.

Se o indivíduo freudiano é tridimensional e separado do outro, o sujeito lacaniano é bidimensional como uma sombra, representado pelo toro – que é a imersão de um plano no universo tridimensional, mas não sendo tridimensional – e apenas

---

9 Tradução do autor.

existe em imissão de Outreidade. Sujeito e Outro se amalgamam moebianamente; ainda, se lembrarmos dos esquemas L e Z, o vetor causa sai de A para S. Por fim, o sujeito é aquilo que é representado por um significante frente a outro significante; (e)feito de discurso. Finalmente: não possui uma extensão, não possui corpo.

O sujeito lacanianiano não possui extensão, tal qual o aparelho psíquico freudiano e seu indivíduo. Quando falamos de corpo na psicanálise lacanianiana não é bem de um corpo biológico que se trata, senão de um corpo incorporeal, ou incorpóreo, tal qual pensado pelos estoicos. Nesse sentido, “o corpo, em sua origem, é o lugar do Outro, porque é no corpo que se inscreve uma marca como significante” (Mohr, 2021, p. 05). Um lugar não extenso e causado inicialmente pelo que Lacan denomina substância gozante – assaz distinta da *res extensa*. A substância gozante, então, “é definida por Lacan como alguma coisa da qual se goza” (2021, p. 10), mas ela “é a substância, absoluta, de um corpo incorpóreo criado por meio dos significantes que advieram de A e, por conseguinte, do Outro. E, se o Outro é também o corpo que por ele foi criado, o gozo é essa relação de uso, ou não uso, do corpo gozante por parte do Outro” (Mohr, 2021, p. 11). Para Eidelsztein, a substância gozante pode ser entendida como resultante “da eficácia da linguagem [e] proveniente da linguagem e do apoio no buraco topologicamente considerado”<sup>10</sup> (Eidelsztein, 2017, p. 65). Mas qual buraco topologicamente considerado? O buraco do simbólico no nó borromeu, no qual Lacan inscreve a morte.

O sujeito de Lacan, portanto, diferente do indivíduo freudiano, é bidimensional e efeito de um discurso que proveio do

---

10 Tradução do autor.

Outro, criando um corpo incorpóreo a partir do qual esse sujeito pode ser contado, falado efêmeramente porque evanescente na e da cadeia significante. Nada menos moderno do que isso. Mas, antes de partirmos à próxima seção de nosso artigo, cabe ainda pensar o nó borromeu.

O nó borromeu é a planificação de uma estrutura dentro da teoria dos nós, ou seja, aqueles anéis que costumamos ver desenhados são uma estrutura não-tridimensional. Desenhá-los em um papel ou os transformar em objetos tridimensionais é apenas uma tentativa nossa de compreender tais objetos. Nesse sentido, e usando o proposto por Amster, podemos conceituar um nó como “um conjunto de  $n$  circunferências disjuntas, submergidas no espaço tridimensional”<sup>11</sup> (Amster, 2010, p. 117). Em sua essência, um nó é uma circunferência e, dessa forma, substancialmente bidimensional, portanto, “é seu modo de estar no espaço o que nos interessa e nos motiva a os manipular”<sup>12</sup> (2010, p. 117).

Em última instância, os anéis, as circunferências que compõem um nó borromeu são nós triviais, o que significa dizer que são equivalentes a zero ou a um conjunto vazio, mas não por isso são sem importância para a teoria dos nós. Um nó trivial é “um tipo de elemento neutro que mereceria ser denominado de *não-nó*. Consiste apenas em uma coleção de circunferências soltas, submergidas no espaço tridimensional da forma mais elementar” (Amster, 2010, p. 118, grifo no original). É uma circunferência sem cruces nem arcos. Pois bem, o nó borromeu é um tipo especial de enodamento no qual três nós triviais se relacionam de uma maneira tal que ficam enodados sem possuir de fato um nó, porque quando um deles se solta, a amarração é desfeita. Por

---

11 Tradução do autor.

12 Tradução do autor.

isso, um nó borromeano de n-componentes pode ser chamado de quase-trivial. De toda forma, o nó borromeu, que serve a Lacan para falar do sujeito e dos registros psíquicos, é um enodamento feito de circunferências bidimensionais equivalentes a zero ou a um vazio. Nada menos tridimensional, ou corporal.

Em 1980, Lacan disse que os seus três não são os mesmos três de Freud. Os registros psíquicos simbólico, imaginário e real, borromeamente enlaçados, são diferentes, quiçá antagônicos às instâncias psíquicas Isso, Eu e Supereu de Freud. Se o sujeito lacaniano é uma bidimensionalidade como efeito discursivo causado desde alhures, o indivíduo freudiano, ao contrário, é causado desde um corpo orgânico que, muito embora seja receptor da palavra do outro, é tridimensional e individualizado em sua relação consigo mesmo, com o meio e com os outros.

Aliás, o problema do corpo é o próximo ponto que gostaria de trabalhar neste percurso, em especial para pensar o conceito de *Trieb*, pulsão, e sua distinção nas psicanálises freudiana e lacaniana.

## Do corpo ao eco

Há uma desarmonia entre Freud e Lacan no que concerne ao conceito de pulsão. Para Freud, as pulsões são consequência de um corpo orgânico junto à hipótese de um aparelho psíquico que, no limite, possui extensão. Retomando novamente o *Compêndio*, lemos: “nossa hipótese de um aparelho psíquico com extensão espacial, convenientemente composto e desenvolvido pelas necessidades da vida [...] nos colocou em posição de construir a Psicologia em bases semelhantes às de qualquer outra ciência, por exemplo a Física” (Freud, 1940/2014, p. 149). O *Compêndio*

é um texto curioso e importante, nele Freud faz algo como um resumo maduro da proposta psicanalítica, uma vez que o escreve em 1938, um ano antes de sua morte. Pois bem, na última citação recortada, vemos como Freud descreve seu aparelho psíquico como uma hipótese, uma construção teórica e, por conseguinte, uma base para sua prática clínica. E essa hipótese possui um ponto que a liga às ciências naturais, *Naturwissenschaft*, em especial a Física. Mas não qualquer Física, uma Física Clássica. E esse ponto de ligação é justamente as necessidades da vida como causa do aparelho psíquico. Um aparelho psíquico espacialmente extenso, que inicial e essencialmente era Isso e do qual, uma pequena parte posteriormente se diferencia em Eu. Um aparelho psíquico causado em um corpo que mecanicamente se movimenta, sensivelmente acessa o mundo externo e modernamente se compreende como um indivíduo – eis as necessidades da vida.

Ainda dentro dessa proposta hipotética, existem as pulsões. Não vou esmiuçar o conceito de pulsão, mas apenas retomar um de seus componentes que nos servirá de premissa para pensarmos a distinção conceitual entre as psicanálises de Freud e Lacan. Esse componente é a fonte, *Quelle*.

Em 1915, Freud diz que entende por fonte da pulsão, *Quelle des Triebes*, “o processo somático em um órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida anímica pela pulsão” (Freud, 1915/2014, p. 27). Portanto, a pulsão seria algo que representa na vida anímica, no aparelho psíquico, um estímulo ocorrido no corpo, órgão ou parte, enquanto processo somático. A pulsão é aquilo que aparece na mente desde uma estimulação no corpo, *Körper*. E se, por acaso, a questão do corpo orgânico ainda não tenha ficado clara para seu leitor, Freud se faz contundente: “a origem em uma fonte somática – *somatischen Quelle* – [é] o elemento mais decisivo para a pulsão” (1915/2014, p. 27). Mas faz

sentido, claro, se lembrarmos de qual Física e Geometria Freud é caudatário. No *Compêndio*, vinte e três anos depois do texto das pulsões, e agora falando sobre a libido, o autor diz que essa energia tão importante para a psicanálise também possui uma fonte orgânica, “*somatische Quellen*” (Freud, 1940/2014, p. 30); “é inegável que a libido tenha fontes somáticas que confluem para o Eu de diferentes órgãos e partes do corpo” (1940/2014, p. 31).

Mais do que essa insistência no corpo, uma outra construção realizada por Freud me chama a atenção. Em 1923, ele nos disse que o Isso é seu verdadeiro indivíduo (Freud, 1923/1996), mas, em 1938, essa hipótese ganha um aprofundamento assaz interessante. Diz ele que uma das hipóteses fundamentais da psicanálise é a de que “os fenômenos concomitantes supostamente somáticos são o verdadeiro psíquico” (Freud, 1940/2014, p. 47), e isso faz com que a psicanálise, ao entender “que o psíquico seria em si inconsciente, permite que a Psicologia se configure como uma entre as demais Ciências Naturais” (1940/2014, p. 49). Para Freud, os processos que ocorrem no corpo são parte ou, melhor, são o próprio psíquico, o Isso, seu verdadeiro indivíduo, essencialmente inconsciente. Esse indivíduo – orgânico e inconsciente – se dá a ser conhecido na mente racional, no Eu, como pulsão; lembremos o que nos diz Freud, em 1915: “representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma” (Freud, 1915/2014, p. 25). Mas o Isso está lá no fundo, tridimensionalmente abaixo da mente – pensando numa relação corpo-cérebro, ou no jogo de espelhos do telescópio e do microscópio. Diz, ainda, Freud: “o cerne de nosso ser é, portanto, formado pelo obscuro Isso, que não lida diretamente com o mundo exterior e só é acessível, mesmo ao nosso conhecimento, pela mediação de outras instâncias” (1940/2014, p. 153). O Isso é obscuro, está como que dentro de uma caverna. Vejam a metáfora que Freud usa:

obscuro. Se está escuro, há outro lugar claro; lugares metafóricos, mas extensos, tridimensionais. E esse lugar escuro não acessa o mundo exterior por si, apenas com a ajuda de outras instâncias. Interno e externo são considerações significativas para pensarmos o indivíduo freudiano. Ainda, para ratificar a análise: “nesse Isso operam as *pulsões* orgânicas” (1940/2014, p. 153, destaque no original), *organischen Triebe*. Isso é Freud.

Disse acima algo sobre o corpo incorporeal dos estóicos e de Lacan. Pois bem, isso se reflete no conceito de pulsão na psicanálise lacaniana. Se o corpo para Lacan não é orgânico, mas alguma coisa incorporeal, ou seja, algo que mesmo não sendo extenso é real, apesar de não existir – para usarmos uma conceituação possível de incorporeal (Sellars, 2006) –, a pulsão lacanianamente falando não pode ter como fonte, como causa, um processo orgânico. E de fato não a tem. Para Lacan, e essa definição é belíssima, “as pulsões são o eco, no corpo, do fato de haver um dizer” (Lacan, 1976, p. 06). As pulsões, para o psicanalista francês, são a reflexão de um dito, ou do fato de que há um dizer que atinge o corpo incorpóreo. Reflexão de um dito que atinge um corpo incorpóreo o qual foi criado por substância gozante, por significantes, linguagem.

Portanto, se para Freud a causa das pulsões e do indivíduo como um todo são processos orgânicos e, em extensão, o corpo; para Lacan, a causa das pulsões é o discurso, *Logos*, ainda melhor, a linguagem enquanto estrutura. Em *Televisão*, e em tantos outros lugares exemplares, encontramos a descrição da proposta lacaniana acerca do fato de que o universo humano só existe porque é circunscrito ao campo da linguagem. Nada há de humano e no humano que não seja linguagem, nem seus pensamentos, tampouco suas pulsões. Em *Televisão*, encontramos o seguinte: “o inconsciente só toca na alma através do

corpo, por nele introduzir o pensamento [...]. O homem não pensa com sua alma [...]. Ele pensa porque uma estrutura, a da linguagem – a palavra comporta isso –, porque uma estrutura recorta seu corpo, e nada tem a ver com a anatomia” (Lacan, 1973/2003, p. 511). A estrutura da linguagem recorta e ecoa no corpo. A estrutura é a causa das pulsões e do sujeito. E, nesse sentido, não há pré-verbal, um universo pré-simbólico ou coisa que o valha (Eidelsztein, 2018). Não há corpo orgânico para Lacan, porque o corpo também é efeito da entrada da substância gozante em jogo. A linguagem, e seus significantes, costura um corpo e nele ecoa.

A causa de Lacan para seu sujeito e para as pulsões é, se não oposta, contrária, *anti-*, ao menos é radicalmente distinta da causa freudiana para seu indivíduo. Para este, o corpo; para aquele, a linguagem. Não obstante, algo ainda os une, o que me faz apostar na possibilidade de ainda dizer psicanálise, essa construção lacaniana.

### **“No princípio estava Heráclito”**

Apesar de apresentarem aspectos tão distintos, talvez até contrários, em suas psicanálises – o indivíduo freudiano e o sujeito lacaniano, o conceito de pulsão, em especial sua causa, e as epistemologias usadas na construção de suas ciências –, a ideia de uma cura pela fala, ou na linguagem, se mantém para os dois pensadores. Embora as linguísticas das quais eles partam sejam diversas, como já apresentei acima, tanto para Freud quanto para Lacan a psicanálise só acontece na e pela linguagem.

Em Freud, isso se apresenta na própria inauguração da psicanálise, no sentido de que o abandono do método catártico e da

hipnose se dá em favor de um movimento freudiano de escutar seus pacientes e de valorizar a fala desses indivíduos como equivalente da motricidade no aparelho psíquico – o outro polo do aparato mental. Ou seja, a fala, nos primórdios da psicanálise, estava como um recurso possível de elaboração ou descarga de energia de um aparelho psíquico que obtinha prazer quando da diminuição da tensão dentro do próprio aparelho. A diferença é que, se o aparelho descarrega a tensão apenas no movimento motor, estaríamos mais próximos de um movimento catártico; por outro lado, quando Freud dignifica sobremaneira a fala do paciente, apresenta uma outra perspectiva, ou seja, ao falar, o que entra em jogo é a própria subjetividade enquanto efeito discursivo: uma história; um conto contado por um conto.

Freud e Lacan apostam na fala; muito embora possamos distinguir linguagem, fala, língua e discurso, por ora quero apenas apontar isso: tanto Freud quanto Lacan possuem em suas teorias e, por conseguinte, em suas práticas e em suas éticas, a fala/linguagem como conceitos basilares. É esse fato, entendo, o que nos permite ainda dizer disso que Lacan faz como uma psicanálise; apesar de, como vimos neste trabalho, ser uma psicanálise significativamente distinta, diversa, dissemelhante daquela proposta por Freud. No limite, contrárias.

Mas por que usar Heráclito como título desta curta seção do artigo? Por que “no princípio”, tanto para Freud quanto para Lacan, “estava o *Lógos*”. Para Freud, no princípio mesmo da psicanálise; para Lacan, no princípio de tudo, como causa mesma do universo humano, porquanto universo de linguagem. Ambas psicanálises, apesar de significativamente diferentes.

## Considerações finais

Apesar desse percurso, parece que ainda ressoa a sentença lacaniana em Caracas, no ano de 1980: “Venho aqui lançar minha ‘Causa Freudiana’. Vocês vêem que me apego a esse adjetivo. Sejam vocês lacanianos, se quiserem. Eu sou um freudiano”<sup>13</sup> (Lacan, 1980/inédito, p. 22). Bom, isso poderia ser um problema para a tese ora levantada, porque Lacan está diretamente dizendo que é freudiano, certo? Pelo menos aqui ele diz isso. Mas ele o faz para em seguida dizer que “é por isso que acredito ser bem-vindo dizer-lhes algumas palavras sobre o debate que mantenho com Freud, e não é de hoje”<sup>14</sup> (1980/inédito, p. 22). Lacan, então, seria freudiano porque debate com Freud? Na sequência, ele explica que Freud deixou aos seus (não “a nós!”) a segunda tópica de um aparelho psíquico, enquanto ele, Lacan, deixou aos dele o nó borromeu. Curioso.

Enfim, seja como for, essa frase, já famosa, Lacan nunca a disse dessa maneira; ela está escrita, mas não a disse. E isso quem nos conta é Diana Rabinovich, uma das organizadoras do evento que levou Lacan a Caracas no ano anterior à sua morte. Diz ela que Lacan havia enviado antecipadamente um texto para o tradutor e, na hora de o ler em frente ao público, ele não articula o que estava escrito. Diz ainda, Rabinovich, que o problema da frase estava no “sejam lacanianos”, que isso não era algo de seu estilo dizer, o que de fato não o fez (Zunini, 2020). Pois bem, de quem é a frase completa? De Lacan? Do tradutor? De ambos?

---

13 Tradução do autor.

14 Tradução do autor.

Fato é que, na gravação do evento, Lacan diz apenas: “venho aqui lançar minha ‘Causa Freudiana’. Eu sou um freudiano”<sup>15</sup>.

Lacan pode até ser freudiano, mas sua psicanálise, sustento ainda, é antifreudiana. Vejam, ratificando minha aposta, lembro que Eidelsztein faz questão de apontar que o dito “retorno a Freud” também é questionável. Isso porque, diz o psicanalista argentino, “em francês, *retourner* significa, fundamentalmente, dar a volta e revolver<sup>16</sup>, não voltar”<sup>17</sup> (Eidelsztein, 2017, p. 94). Um retorno à Freud, nesse sentido, seria um revirar Freud; se for para ser freudiano, que seja assim: revirando e retorcendo o que ele legou aos seus.

A proposta lacaniana é de repensar Freud, não de percorrer identicamente sua letra, mas de repensar o proposto a fim de encontrar algo da verdade da construção freudiana. Para não delongar essa análise, vou revolver a uma citação de Lacan que também Eidelsztein utiliza para pensar o tópico ora em questão. A citação é do texto *De um desígnio*, e diz o seguinte: “nosso retorno a Freud tem um sentido completamente diferente por dizer respeito a topologia do sujeito, a qual só se elucida numa segunda volta sobre si mesma” (Lacan, 1998, p. 369). Antes disso, Lacan dizia de como temos a ideia de retorno como um voltar às fontes, e isso não é o que ele propõe. Vejamos: “a palavra de ordem com que nos armamos, do retorno a Freud, nada tem a ver com o retorno às fontes, que, aqui como alhures, poderia significar apenas uma regressão” (1998, p. 368). O retorno lacaniano a Freud não é um regressar às fontes, é outra coisa. Ele continua,

---

15 Aos interessados, é possível encontrar a gravação no site de Patrick Valas: <http://www.valas.fr/>.

16 Outras traduções possíveis: revirar; retorcer.

17 Tradução do autor.

depois de falar sobre a segunda volta, e que nos remete ao oito interior que se relaciona com o toro e o *crosscap*: “tudo deve ser redito numa outra face para que se feche o que ela encerra, que certamente não é o saber absoluto, mas a posição de onde o saber pode revolver efeitos de verdade” (1998, p. 369).

É apenas numa outra volta, numa outra face, numa outra leitura que não a repetição da mesma, que os efeitos da verdade podem ser um tanto apreendidos. Se Lacan era freudiano, não era por imitar um mestre ou regressar à sua letra sem crítica. Tampouco, como vimos acima, por usar de conceituações idênticas àquelas propostas por Freud. Lacan era freudiano, quiçá, por ter utilizado da psicanálise de Freud como ponto de partida para a criação da sua psicanálise.

Para finalizar, vale retomar um ponto. Freud tem como causa do seu indivíduo um corpo, ou processos somáticos que são causa para o aparelho psíquico de seu indivíduo e, por conseguinte, para o movimento e a a fala – lembremos do vetor de direção no aparato mental, do pólo perceptivo ao pólo motor; em contrapartida, para Lacan, a linguagem é a causa do universo dito humano. Para Freud, o corpo é causa da fala; para Lacan, a linguagem causa o corpo. Um é o contrário, o oposto do outro. Lacan é antifreudiano; melhor: a psicanálise lacaniana é antifreudiana.

Mas que não desejem a radicalidade de dizer de Lacan um antifreudiano, tudo bem. Ao menos, o que este artigo mostrou é que Lacan tampouco é apenas um imitador, ou um aprofundador daquilo que Freud desenvolveu. Sua psicanálise é outra, está em outra face, em outra volta. E, nesse sentido, tanto faz dizer que Lacan é diferente de Freud ou contrário a ele; até porque, segundo Lakatos (Holgado & Diaz, 2016), a ciência se faz assim mesmo, por antíteses de pensamentos. De minha parte,

continuo olhando para toda a construção lacaniana como contrária àquela de Freud; mas não um contrário que apaga tudo o que foi proposto pelo pai da psicanálise, mas uma posição que suprassume a tese anterior.

## Referências

- Amster, P. (2010). *Apuntes matemáticos para leer a Lacan*: 1. Topologia. Buenos Aires: Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2017). *Otro Lacan*: estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano. Buenos Aires: Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2018). *El origen del sujeto en psicoanálisis*: Del Big Bang del lenguaje y el discurso en la clínica psicoanalítica. Buenos Aires: Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2022). *No hay sustancia corporal*. Controversias sobre el cuerpo, la sociedad y el psicoanálisis. Buenos Aires: Letra Viva.
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago. [1900].
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago. [1923].
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In: Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago. [1937].
- Freud, S. (2014). As pulsões e seus destinos. In: Freud, S. *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. [1915].
- Freud, S. (2014). Compêndio de Psicanálise. In: Freud, S. *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. [1940].
- Goldenberg, R. (2019). *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage.
- Hegel, G. W. F. (2014). *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis/RJ; Bragança Paulista/SP: Vozes; Editora Universitária São Francisco.

- Holgado, H. H., & Diaz, F. C. (2016). Psicoanálisis, ¿ciencia o pseudociencia?: de Popper a Ricoeur, y de Freud a Modell. *Rev. Assoc. Esp. Neuropsiq.*, Madri, 36(129):103-119.
- Kant, I. (1999). *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.
- Kasner, E., & Newman, J. (1976). *Matemática e Imaginação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Lacan, J. (1962). *El Seminario 9: La identificación*. Versão crítica de Ricardo E. Rodriguez Ponte.
- Lacan, J. (1976). *Le Sinthome*. Recuperado de: <http://staferla.free.fr>.
- Lacan, J. (Inédito). *Dissolution*. [1980]. Recuperado de: <http://staferla.free.fr>.
- Lacan, J. (1998). De um desígnio. In: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Televisão. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1973].
- Lacan, J. (2003). "Talvez em Vincennes...". In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. [1975].
- Mohr, A. M. (2021). O gozo, a substância lacaniana e o corpo incorpóreo. *Analytica*, São João del-Rei, 10(18). Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v10n18/v10n18a07.pdf>.
- Popper, K. R. (1980). *Conjecturas e Refutações*. Brasília: Editora da UnB.
- Schopenhauer, A. (2005). *O mundo como vontade e como representação*, 1º tomo. São Paulo: Editora UNESP.
- Zunini, P. (2020). Cuando Lacan llegó a Venezuela y se encontró con sus lectores. *Infobae*, 23 jul. de 2020. Cultura.



# Espaço de Traduções





# De magas, bruxas e pouco ortodoxas<sup>1</sup>

Silvia Amigo<sup>2</sup>

Traduzido por: Andrea Rossi<sup>3</sup>

A voz da ave  
Que a penumbra esconde  
Emudeceu.  
Anda pelo teu jardim  
Algo, sei, te falta.  
Jorge Luis Borges, Tankas, O ouro dos tigres

Homens tolos que acusais à mulher sem razão,  
Sem ver que sois a causa do mesmo que culpais.  
Sor Juana Inês De La Cruz

- 
- 1 Artigo original publicado no livro "Mentalidades: forclusiones con y sin desenca-denamiento". 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Antonio Pedro Giménez, 2021. 305 p.
  - 2 **Silvia Amigo:** Médica, Psiquiatra e Psicanalista; Membro da Escuela Freudiana de Buenos Aires, sendo AME e AE dessa instituição; Autora de vários livros, entre eles: "Da Prática Analítica" (1994); "Clínica dos fracassos do fantasma" (1999); "Paradoxos Clínicos da vida e da morte. Ensaios sobre o conceito de originário em psicanálise" (2004); "Clínica do corpo. O corpo, o incorpóreo, o objeto a" (2007).
  - 3 **Andrea Silvana Rossi:** Analista Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba. Graduada em Psicologia (PUC-Pr); Mestre em História (UFPR); Co-autora do livro Hospital, saúde e subjetividade (Casa do Psicólogo). Contato: andreasilrossi@gmail.com

## A Maga

Julio Cortázar, com seu talento literário, intuição masculina e linguagem portenha – preservada com uma nuance deliberadamente antiquada mesmo durante seu longo exílio em Paris – esboçou uma personagem feminina inesquecível que batizou de “La Maga” (Cortazar, 2019). Trata-se de uma dessas mulheres que parecem possuir o que a língua francesa chama de *l’éternel féminin*. De que magia se trata? O que ela é capaz de operar com seu feitiço?

Propomos, por um lado, que é uma capacidade que “não todas” as mulheres possuem: a de estabelecer a possibilidade para um grupo de homens de tecer um laço enigmático entre amor, desejo e gozo. Trata-se dessa mulher que os rapazes imaginam como uma espécie de mistura entre – como diz Leopoldo Marechal, por exemplo, em seu *Adán Buenosayres* (Marechal, 2018) – “a noiva celeste e a noiva terrestre”. A namorada que se deseja sexualmente e se ama para mantê-la por um longo período de vida, para quem já é anacrônico – talvez – dizer “até que a morte nos separe”. Mas, ao mesmo tempo, ela é aquela namorada que se presta ao jogo de se deixar fazer objeto de gozo, e de deixar que seu homem realize a *Erniedriegung*<sup>4</sup>, aquele momento e evanescente declínio do ideal “celeste” ao objeto “terrestre” de gozo, sem se sentir prejudicado. Autoconfiante, também para obter o próprio gozo, ela se presta a um jogo que proporciona gozo a ambos, como o chama o mestre Moustapha Safouan (1979): “amigo da vida”.

---

4 Deste modo nomeou Freud a essa necessidade do homem de descer dos céus do ideal a sua mulher para poder aborda-la no leito. En seu viés patológico esse rebaixamento implica uma divisão dolorosa da vida erótica: por uma lado a mulher que se ama e, por outro lado, aquela que exista sexualmente.

Se nos permitem uma imagem grosseira, A Maga é a mulher que pode, na cama, transformar um apêndice flácido de funções excretoras em um falo ereto e vibrante. Agora, esse feitiço não emana de todas as mulheres. Poucas são as que costumam gerar esse efeito em muitos homens. A Maga de Cortázar é uma personagem literária cativante dessa magnitude.

Por sua vez, Joan Manuel Serrat, grande poeta e músico de língua espanhola, de aparente simplicidade e profunda percepção da alma humana, escreveu: “A mulher que eu amo não precisa tomar banho de água benta todas as noites... com ela querem me dar meus amigos e meus inimigos tornam suas vidas amargas. Porque ela é mais verdade do que o pão e a terra...”. A questão da feminilidade, desse “continente negro” – como Freud o chama –, geografia não toda colonizável pela razão e suas luzes ofuscantes, preocupou os analistas desde o início. Foi o jovem médico em viagem a Paris, o Freud dos primórdios, que escutou o relato das histéricas hipnotizadas por Charcot, e leu o texto que conta que durante o transe se acalmavam por ordem do hipnotizador. Desde o início, Freud quis saber o que emanava das gargantas das *suas* histéricas; mesmo que fosse do abismo da garganta ferida e perturbadora de Irma em seu famoso sonho, como uma verdade visceral que “o pão e a terra” precisavam articular para que finalmente fosse ouvida. Embora tenha resolvido – aparentemente – a questão, afirmando que o final feliz do Édipo feminino terminava na escolha de um marido e na geração de um filho, o honesto clínico e mestre vienense insistia em perguntar a si mesmo e a nós: “o que quer uma mulher?” De todos os modos, é evidente que “não toda” fissura da feminilidade se obtura com *essa* criança. Embora muitas vezes aconteça que ela deseje tê-la; e que também possa ser, além de A Maga, uma mãe razoavelmente boa.

## De que alma se trata na carta de almor?

Lacan, por sua vez, retomou vigorosamente o tema da feminilidade e tentou responder ao seu enigma. Afirmou que a mulher é *l'heure de vérité* (a hora/engodo da verdade), e *l'heure du réel* (a hora/engodo do real). Ambas as afirmações não se opõem, elas se articulam justamente na carta de almor.

Desde o início, ele fez da psicanálise o filho – rebelde – do cogito cartesiano, o pontapé inicial da modernidade: do sujeito moderno, da ciência moderna –muito diferente da *episteme* grega –, da reforma protestante, do capitalismo e da rebelião burguesa contra o rei pela graça divina. Nesse mundo onde as Luzes se arriscam a nos ofuscar, e a Razão é a imperatriz que pretende tornar todo o real solúvel em sua rede de pensamento, ela aparece, A Maga, limitando todo poder da cadeia pensante da racionalidade; embora sem cair em nenhum obscurantismo.

Nem Freud nem Lacan jamais quiseram opor um obscurantismo ao potencial totalitarismo – de esquerda e de direita – que eles pressentiam, e depois verificaram!, que se escondia detrás do pretenso poder da ciência pura. Insistiam, cada um à sua maneira e na sua linguagem própria, num ponto essencial: nem todo o real é solúvel no simbólico, nem é totalmente imaginável. Nem tudo pode ser colonizado pelo poder do pensamento. Um resto rebelde do real insiste em se fazer ouvir, tanto mais alto e mais insistente, tanto mais incômodo quanto menos é escutado e considerado.

Ao mesmo tempo, referindo-se a esse suposto potencial “colonial”, o mestre Freud chamou a feminilidade de “continente negro”, não colonizável. (Freud, 1926/1988, p. 242). Hegel, por sua vez, chamou as inclassificáveis mulheres de “a eterna ironia da comunidade”. Por fim, Lacan as chamou, como já mencionamos,

de “engodo, a hora da verdade – irmã do gozo – e do real, ao qual essa verdade põe um véu de ficção e proteção do célebre não todo”.

Agora, voltemos ao cativante Serrat. Quando nos referimos acima a Joan Manuel, afirmamos que ele conhecia profundamente a alma humana. Mas, de que alma se trata? Nesse sentido, é pertinente considerar o formidável esforço de formalização da diferença sexual que Lacan realizou desde o início. Esse trabalho conhece uma etapa de elaboração e de *work in progress* nos seminários que acontecem entre *D’un discours qui ne serait pas du semblant, ...ou pire, Les noms du père*; e encontra uma precipitação em *Encore* e em seu último escrito *L’étourdit*, em que aborda o tema da alma na psicanálise. Não se trata, nem na palavra nem na pena deste psicanalista, da alma cristã. Da mesma forma, para situar seu leitor, ele recomenda explicitamente a leitura do tratado *De anima* – sobre a alma, la *psyché* – de Aristóteles. Para o filósofo grego, a alma é uma enteléquia. Seguindo sua etimologia grega (*en-telos-kinos*), verifica-se que a alma é o que se move com um fim em si mesmo, sem a necessidade de um motor externo. Há, para o Estagirita, uma alma vegetativa – a que faz, por exemplo, a água da chuva subir como seiva para as folhas de uma árvore – uma alma sensitiva –, a que faz o animal crescer – e, finalmente, uma intelectiva, a propriamente humana.

Por sua vez, quando Lacan fala das mulheres, daquelas que não fazem conjunto, e que devem ser tomadas uma a uma, lhes dará a vantagem. Chama-as de aereadoras de um mundo potencialmente totalitário, a completude da Razão, e as potenciais escribas da *lettre d’amour*, a carta de amor. É da feminilidade do escriba, quer tenha nascido anatomicamente homem ou mulher, que esta *lettre* se pode parir.

Desse modo, são elas que podem colocar em funcionamento, com sua enteléquia, o motor do desejo e o movimento da pulsão;

aquelas que podem se tornar para um certo homem ou para um grupo de homens As Magas, as que operam o milagre da ereção. E não só da ereção genital; mas também da altura humana, da eretividade do corpo – contrariamente à lei da gravidade – que produz o desejo em geral.

Então, aqui está a alma humana: esse motor que é o desejo. E Lacan coloca nas mãos Dela – do que existe Dela em qualquer *parlêtre*, já que a feminilidade não é patrimônio exclusivo das nascidas biologicamente fêmeas –, a chave para acionar seu mecanismo. Longe de relegá-la, inferiorizá-la ou colocá-la um degrau abaixo do macho, ele então a erige como Maga. Aquela que nos acende. Nesse sentido, Cortázar intui, com a rapidez e a poética do homem de letras, o que o analista arduamente encontra: a posição dela como possível *sinthome*.

## A bruxa

Mas, então, por que, no ambiente mais íntimo, frequentemente refere-se às mulheres como “a bruxa”? Em seu último escrito, *L'étourdit* (2002), precipitação literal dos seminários contemporâneos, como comentamos anteriormente, Lacan comenta sobre uma possibilidade que assombra o casal humano nesse sentido, ele cunha – segundo seu costume – o neologismo *surmoitié*, um híbrido de *surmoi* (superego) e *moitié* (metade).

Além disso, ele afirma que um homem que não pode fazer de sua mulher A Maga, aquela que faz semblante do objeto a, causa de seu desejo, é ameaçado pela possibilidade de que esse objeto atravesse a fronteira entre desejo e gozo, e se torne o núcleo de um superego cruel: demandante, insatisfeito, reprovador e acusador. Uma mulher inserida nessa temível posição se

tornaria *surmoitié*, a “supereumetade” do homem que, impedido de amá-la e gozá-la pelo canal do desejo, não pode fazer mais do que vivê-la como uma “bruxa”. Palavra sugestiva, pois vem do hebraico *baruj*<sup>5</sup>, abençoado para os judeus e translocado em diabólico para os cristãos.

Uma piada bem conhecida afirma que “enquanto uma namorada é uma feiticeira... uma esposa se transforma em uma bruxa!”. Abençoadas? Diabólicas? Podem vir a representar o mais procurado, mas também o mais repudiado. Essas reflexões, que partem da tentativa de compreender esse afiado neologismo forjado pelo gênio do mestre francês, abrem uma série de questões. Indicaremos duas. A primeira: isso vale apenas no sentido do homem para a mulher? Poderia um homem tornar-se a *surmoitié* de uma mulher? Acreditamos que Lacan suspeitava disso quando afirmou, em seu seminário *Joyce le sinthome*, que um homem poderia ser um estrago para uma mulher. Arriscamos postular, então: isso não acontece justamente quando o outro se torna o *surmoitié*, transformando-se assustadoramente em “outro” sem barra? Logo, a segunda pergunta: em que condições o objeto atravessa a fronteira, passando da zona “causa do desejo” para a zona de gozo desarticulado do desejo, pré-condição para seu lugar como objeto perseguidor “superegoico”? –

---

5 Esta etimologia me foi apresentada por Hector Yankelevich.

## Pouco ortodoxas e intrusas

Vejamos agora a personagem de Esti, heroína sofredora da minissérie “Nada Ortodoxa” que despertou o interesse do público nos últimos meses<sup>6</sup>. Seu diretor e roteirista encenou, com o véu da ficção, o enredo da vida da escritora Deborah Feldman<sup>7</sup>. É sobre a jovem Esther, a pequena Esti, que vive na comunidade ultraortodoxa fechada de Williamsburg, no Brooklyn, Nova York. Sua mãe foi despojada de sua posse desta filha por ter ousado querer se separar de seu marido. Ela foi morar em Berlim, onde divide um apartamento e, aparentemente, a cama com uma amiga. O pai de Esti, seu ex-marido, é um alcoólatra inútil que deixa Esti aos cuidados dos avós paternos.

De qualquer forma, a menina foi criada pela avó, que perdeu grande parte de sua família no holocausto. Ela considera que sua missão na vida terminará quando ver sua neta casada com um bom candidato da mesma comunidade. Perseguindo esse objetivo, aparece um casamenteiro que marca as visitas de Esti com um candidato, eles não podem se tocar e dificilmente se atrevem a olhar um para o outro. Assim, seu casamento é organizado respeitando todos e cada um dos rituais que a comunidade exige: imersão no mikvé, piscina da sinagoga onde se purifica o corpo, conversa com o conselheiro matrimonial, que a instrui sobre sua missão de vida: satisfazer seu marido e gerar muitos filhos que levem a “repor” as milhões de vidas aniquiladas pelo horror nazista. Como esse é o propósito das mulheres na comunidade, elas não recebem mais do que uma breve instrução, que

---

6 Este trabalho foi escrito em maio de 2020.

7 Foi a analista Nora Sinal quem me indicou a minissérie *Nada Ortodoxa* para abordar o tema das dificuldades da comunidade de homens geram as mulheres.

não inclui sequer a leitura da Torá – reservada aos homens –, e não são preparadas para desempenhar qualquer outra função e nem ganhar seu sustento.

Esti mal sabe quem será seu marido. As mãos podem ser tocadas após a cerimônia de casamento religiosa. Seu lindo cabelo é raspado quando ela começa sua vida como esposa e futura mãe. Durante a noite de núpcias, a consumação é impossível. Não apenas a pequena não deseja e nem goza; mas também sofre de uma dor lancinante. Essa situação se repete por quase um ano, situação que o marido comenta, dando detalhes dos íntimos “defeitos” de sua esposa, com a sua mãe, sua irmã e, claro, com o rabino. A comunidade, que já percebia Esti – a filha do renegado – como suspeita, começa a vê-la mal e a falar pelas suas costas. Esther, em meio a uma dor quase insuportável, é finalmente penetrada pelo marido, no mesmo momento em que a sogra aconselha o filho a pedir o divórcio. Acontece que esse coito será fértil. Esti alcançou o objetivo para o qual foi programada, conseguiu engravidar.

No entanto, no ano em que dura essa saga matrimonial fracassada, Esti faz aulas de piano, ignorando seu rabino, que não aprovava que uma esposa se dedicasse a outra coisa senão cuidar do marido, dos filhos que chegam e de sua casa. Então, como Esti tem nacionalidade alemã – por causa de sua mãe – decide, com a ajuda da pianista, fugir para Berlim. Lá, após vários incidentes e um encontro desejoso e satisfatório com um rapaz, encontra sua mãe e decide deixar definitivamente a comunidade.

Agora, por que o diretor decidiu chamar a protagonista de Esther? Não parece ser uma escolha aleatória. A rainha Ester é uma heroína respeitada pelo povo judeu, é uma personagem do Antigo Testamento. Trata-se de uma menina muito bonita dada por seu tio Mordechai ao rei persa Jerjes I, de quem esconde sua

pertença ao povo escolhido. Este rei havia enviado sua primeira esposa, Vashti, para a forca quando ela se recusou a aparecer nua em um banquete onde seu marido planejava exibir descaradamente sua beleza. A rebeldia dessa mulher, que se recusou a exibir a intimidade do seu corpo como troféu do marido, levou-a à morte. Aqui está o destino trágico desta heroína.

A bíblica Ester se casa com Jerjes por ordem de seu tio, que é acusado pelo primeiro-ministro Haman de conspirar contra o rei. Com essa desculpa, Haman prepara o que teria sido o primeiro holocausto do povo judeu, um dos muitos subjugados pelo império persa. A missão confiada à sua sobrinha é passar informações para salvar seu tio. Para fazer isso, ela deve se casar com o inimigo, aquele indicado pelo seu padrinho. A verdade é que ela consegue o propósito salvador, evitando o massacre. E conseguindo, além disso, que a execução fosse do intrigante Haman. Essa vitória é celebrada no feriado judaico de Purim. É uma espécie de carnaval em meio a cujo burburinho esse feito é narrado. Toda vez que o nome de Haman é pronunciado, os maracas devem soar para que desse inimigo não possa nem se ouvir o nome<sup>8</sup>.

Por esta razão, Ester é reverenciada como a salvadora de seu povo. Passa despercebido o detalhe de que ela teve que fazê-lo ao preço de uma união matrimonial arranjada pelos homens de sua cidade, que não implicava desejo, amor ou prazer para a bela moça.

De forma semelhante, e já em pleno século XXI, para preservar a ultra-ortodoxia dos judeus hassídicos, é pedido a Esti um casamento que implique sacrificar qualquer expressão dos seus

---

8 Agradeço a Perla Sneh pelas contribuições imprescindíveis que me permitiram conhecer os detalhes do relato bíblico.

desejos: tocar piano, cantar, passear ou escolher um *partenaire*. Quando ela consegue escapar, irá morar com sua mãe, e ambas estarão em uma topologia estranha, tanto dentro quanto fora de sua comunidade, mas terão conquistado sua própria liberdade.

Mais perto de nós e das nossas tradições, Jorge Luis Borges, no seu conto “La intrusa”, faz-nos conhecer os corados irmãos Nielsen, campesinos que nem sequer conhecem as suas origens saxônicas. Durante suas visitas a um bordel perto de seu sítio, um deles conhece e se apega a Juliana Burgos. Decide comprá-la da madame por algumas moedas e a leva para morar no rancho que divide com seu irmão, que tem permissão para “usá-la”. A chegada de Juliana produz atritos entre esses homens, que ilustrariam a afirmação certa de Freud: eles estão unidos por um amor homossexual não genital, aquele amor que, para o mestre, uniu as massas de exércitos, igrejas, clubes esportivos e irmandades. Onde a mulher, necessária para gozar genitalmente, enfim... sobra. É Lacan, seguindo a linha dessa aguda observação freudiana, quem afirma que heterossexuais não são aqueles que gozam das mulheres, mas aqueles que as amam.

Voltando à análise de “La intrusa”, a paz volta a reinar entre os irmãos quando eles decidem matá-la e enterrá-la, prometendo que nunca mais permitiriam que uma mulher os inimizasse novamente. Como trecho da história, Borges cita a Bíblia: 2 Reis, I, 26. O leitor curioso encontrará a referência. Trata-se do lamento do Rei Davi por ocasião da morte de Jônatas, filho de seu amigo o Rei Saul: “Estou angustiado por você, irmão Jônatas, porque você foi muito doce comigo; seu amor foi mais maravilhoso para mim do que o amor das mulheres.”

Ester, Modejay, Rei David e Saul. A partir do exposto, desde o início dos tempos – os mítico-históricos do Antigo Testamento –, até os nossos dias, o papel da mulher resulta ser problemático.

## **Entre Magas, heterodoxas e bruxas. A posição diversa do objeto de desejo.**

Para enfrentar a possível diferença de posições tão diversas das mulheres nas relações humanas, convém especificar algumas noções sobre o árduo processo de identificação; sem a qual haveria linguagem, mas não simbólico. Haveria palavras, mas não significantes, aqueles que representam o sujeito para outro significante, tendo como referente perdido o objeto de desejo a. Devemos insistir em algo que tende a ser esquecido em nosso meio: se não alude à amarração do gozo do sujeito – um jogo de palavras, um *calembour* –, não pode ser chamado de cadeia significante. Da linguagem ao simbólico, especifica-se no intervalo, o complexo movimento de identificação, que nada tem a ver com a mimésis, e tudo a ver com o advento da letra, incluindo predominantemente a letra (carta) de amor.

Da mesma forma, identificar-se com um Outro implica, desse Outro: tomar um significante, foracluir seu sentido, incorporá-lo como *pas de sens*, inscrevendo-lo como letra, e deixar o que não é do Outro decantar: o objeto a. Ou seja, não resulta do Outro aquilo que dele é identificável.

Quando Lacan, no final de sua obra, recorre à inversão tórica para conseguir a demonstração do ato identificador, deixa claro até que ponto isso implica a mudança radical dos furos. De fato, quando o toro é invertido, o que era sua alma – aqui está outra preciosa referência à alma na pena de Lacan – torna-se o furo central do trique ou do toro invertido, que então é a figura topológica do sujeito o corpo ereto, erógeno, que acaba de advir. E o furo central do toro original, a alma do trique obtido. Logo: a identificação implica uma aquisição subjetiva e escritural, não uma cópia banal. E seu resíduo não identificável – a –,

o estrangeiro que fará do Outro sempre outro, nem domesticável, nem colonizável, nem inteiramente absorvível. E, portanto, ao mesmo tempo temível e desejável. Mas quando é desejável e quando é temível?

Agora, vamos nos voltar por um momento para a questão da sexuação. Lacan a apresenta presidida pelo modo como o sujeito argumenta a função fálica. O falo é o significante maior, que traçona a cadeia de significantes, se e somente se a primeira identificação for alcançada: a identificação com o pai, aquele sujeito que coloca em falta à mãe –independentemente de seu sexo biológico –, por amor, anterior a qualquer relação de objeto, e é justamente essa identificação que faz o objeto aparecer. Aquele que diz “não” ao gozo que possibilita esse significante, outra face do pai, o pai excepcional, que vive no fantasma, aparece garantindo que esse falo volte ao seu lugar paradoxal: traço tanto do gozo quanto da castração, essa operação que nos assegura um “não todo” do gozo.

O lado masculino da sexuação, inteiramente protegido pelo pai, “paratodea” (Lacan, 1972) o conjunto dos homens na ilusão de um todo da identificação com a figura excepcional. Nesse sentido, os irmãos Nielsen são um bom exemplo desse “paratodeo”. Vale ressaltar o paradoxo que o analista francês tão bem coloca: o objeto a, resquício não engolido do pai, vindo do inabsorvível daquela figura “primorosamente viril”, passa a ser representado do lado das mulheres, essas que não todas estão relacionadas com o pai.

Da mesma forma, a feminilidade pertence a um estranho espaço topológico, está dentro e fora do espaço da razão, das luzes, da lei paterna. Por isso, o resto que não aceita ser identificado aparece do lado feminino, como objeto a. Assim, “eles” desejam as mulheres ao mesmo tempo em que elas lhes recordam

do fracasso da identificação com o Um, e lhes tornam presente seu fracasso no “para tudo” da masculinidade.

Quem se dê bem com esse limite da identificação, e tenha trabalhado analiticamente ou tenha tido a sorte de poder ir tecendo essa evidência<sup>9</sup> desde a infância – mas é bastante raro –, desfrutará dessa abertura em relação à não identificação total com o pai que permite algum lugar para que o objeto, objetor de toda sublimidade e totipotência, tome sua valência para causar desejo.

Quem se apegue a querer alcançar a grandeza da exceção (Amigo, 2017) do campeão invicto e da cópia imaculada do Pai, experimentará o objeto como uma objeção, uma mancha que o lembra da imperfeição de sua tentativa de sublimidade. Por isso, nessas condições pode se tornar misógino e inimigo do feminino. Ou naquele que transforma sua mulher no repositório do objeto fatídico, em sua *sumoitié*.

Uma das descobertas fundamentais de Lacan é ter apontado que o superego é o objeto invocante quando nos ordena: “goza!”. Em nossa interpretação, esse “goza!” Indica: “Seja o Pai! Seja um campeão! Não se permita nenhuma mácula! Não se rebaixe a carregar o furo do desejo!”. Acrescentamos mesmo – por nossa conta e risco – que, para construir o superego, também entra em jogo o olhar: um olhar cego para tudo o que lembre ao sujeito da mancha inevitável, um olhar petrificante que nos condena assim que não coincidamos com a imagem exaltada da perfeição de Deus Pai. Nesse sentido, a fórmula “imperativo cego”<sup>10</sup> nos parece uma forma possível de combinar esses dois objetos

---

9 Lacan aproveita a oportunidade que lhe brinda a palavra francesa “evider” (esvaziar), foneticamente próxima de “évident” (evidente). Conceito desenvolvido também em *L’étourdit*.

10 Coincidimos nesse sintagma com Alberto Marchili, quem o desenvolve, com seus matizes diferenciais, em *Conjetural N° 17*, Sítio, Buenos Aires, 1998.

quando, invertida sua função de causa de desejo, eles se tornam – no território do gozo desconexo da mácula do desejo – núcleo do supereu.

Ora, uma mulher se torna-se *surmoitié* quando o homem escuta suas demandas como imperativos cegos, quando quer conformá-la sem resto, quando a coloca no lugar de juíza de seu valor fálico, quando em vez de amá-la tenta fechar a lacuna de seus requisitos. Missão impotente que só pode fracassar. Sob essas condições, não será capaz de desejá-la.

A análise *sempre* atenua o desejo de sublimidade e excepcionalidade, pois tende a diminuir a religião do pai. O que nos permite afirmar que a análise abre espaço para a aceitação da feminilidade e, por que não, para o exercício dessa posição de não todo, mesmo naqueles nascidos biologicamente homens.

Até agora descrevemos as condições “típicas” para o aparecimento de *surmoitié* do lado de uma mulher cujo homem não pode tomá-la como causa de desejo. Se admitirmos que o sujeito roda pelos quatro lugares dos quantificadores de sexuação, sendo sua autorização de sexo como homem ou mulher – não uma exclusão do trânsito por um dos lados, mas uma inclinação estável para um ou outro –, então devemos admitir que para uma mulher, no campo de seu desejo, também acontece que o parceiro venha a ocupar o lugar de um objeto irritante, de um estrangeiro sujeito às mesmas possibilidades que pontuamos para a situação “clássica”.

Dessa forma, isso permitiria lançar alguma luz sobre a afirmação do mestre de que um homem, para uma mulher, pode se tornar um estrago. Assim, corremos o risco de postular que é – pelo menos em uma circunstância, entre outras – quando se torna seu *surmoitié*. Eventualidade, então, possível também no caso de uma mulher em relação ao seu homem.

Claro, há também outra possibilidade de enquadrar uma mulher como um objeto a quando é impossível para um homem desejá-la e amá-la para gozá-la em um nó triplo – amor, desejo, gozo – não devastador. Ele também pode depreciá-la, torná-la a prostituta e gozá-la sem amor; ou rebaixá-la àquela que, com relutância, apenas é considerada cidadã.

### **A direção da análise: em direção ao héteros**

Não é fácil, de fato, lidar com o objeto, o estrangeiro. Não é óbvio que possamos fazê-lo causa de desejo. Se a tarefa da análise nos entusiasma, um árduo processo de elaboração pode nos levar a transformá-la no motor de nossa força desejante, para retirá-la do lugar de farpa incômoda, sujeira de nossos sonhos de pureza imaculada, ou mancha que suja nosso anseio de sublimidade. O esforço vale a pena. Embora nunca o alcancemos cem por cento, podemos pelo menos estar cientes de nossa tendência de despejá-lo ao superego, à degradação ou ao extermínio. Além disso, quanto mais o sujeito estiver em uma posição desejante, menos o superego o atormentará; menos será corroído pelo impulso ao extermínio e se tornará mais tolerante com aquilo que lhe é estrangeiro. Por sua vez, quanto menos ele estiver nessa posição de desejo, mais o outro tenderá a assumir o perfil do *surmoitié*, senão a figura da presa do impulso degradante ou exterminador.

Em última análise, todo o problema está em nossa tolerância em admitir a alteridade radical do outro do amor em suas múltiplas variantes. Para o final da análise, Lacan propôs várias formulações: a travessia do fantasma, a obtenção de um *sinthome*, o alcance da posição feminina e a travessia do plano da identificação. Bem examinadas, todas essas formulações têm um núcleo

comum: o abandono da religião do pai com a consequência que lhe é solidária, deixar de almejar a conquista de sua suposta perfeição e autocontrole, cujo objeto é sempre um incômodo. E, portanto, a feminilidade, dada a estranha topologia em que se baseia.

No entanto, não estamos afirmando que a análise que atinja seu objetivo garantirá que façamos parte de casais felizes. Mas, ao aproximar-nos do outro com certa tolerância por seu caráter radicalmente estrangeiro, afastaremos a eventualidade de que nosso companheiro privilegiado se torne nossa assustadora *sur-moitié*; ou sua alternativa: o encontro espaçado com um objeto que, uma vez alcançada a satisfação, torne-se um resto tão incômodo quanto a Juliana Burgos que o gênio de Borges descreve em “La intrusa”.

Agora, voltando à figura de La Maga, quando uma mulher não pode ser percebida como A Maga e não pode ser amada, então se *dît-femme*, ela é difamada. Nessas condições, quem não pode amar o *não todo* continuará oscilando entre a obediência a algum pai, guru ou ideal e a pertença a alguma massa de irmandades. Assim, se acompanhado, ele experimentará sua esposa como a patroa ou a bruxa, a intrusa ou a renegada. Uma pena. Esse sujeito terá perdido uma experiência única: assumir a posição feminina – essa é, de fato, excluindo a genitalidade, a posição do analista – ou compartilhar um trecho da vida com A Maga. E, sem dúvida, demonstrará uma importante limitação em sua análise pessoal.

## Referências

Amigo, S. (2003). Paradojas clínicas de la vida y la muerte. *Ensayos sobre el concepto de originario en psicoanálisis*. Rosario: Homo Sapiens.

Coratazar, J. (2019). *Rayuela*. Alfaguara, Buenos Aires, 2019.

Lacan, J. (2002). L'étourdit. In: Lacan, J. *Autres Écrits*. Paris: Seuil. [1972].

Marchili, A. (1998). *Conjetural N' 17*. Buenos Aires: Sítio.

Marechal, L. (2018). *Adán Buenosayres*. Buenos Aires: SeixBarral.2

Safoua, M. (1979). *L'échc du principe de plaisir*. Paris: Seuil.

# Espaço Conferência





# Palestra no lançamento da revista (nº36) da APC: “Inquietações: Psicanálise para todos?”<sup>1</sup>

**Alfredo Jerusalinsky<sup>2</sup>**

**Transcrito por: Rosane Weber Licht<sup>3</sup>**

Na verdade, a presença de todos vocês denota o verdadeiro valor que um saber pode ter, porque a contar desde a minha geração até a maior parte dos que estão aqui, vocês são a terceira geração. Quer dizer que, para mim, podemos dizer que vocês são meus netos! E que esta revista seja interdisciplinar, transdisciplinar e situada na intersecção, na elucidação dos modos da intersecção do sujeito com o discurso social, e que a sua produção não se iniba em função das dificuldades e confrontos que a Psicanálise hoje enfrenta, como bem conversávamos antes de começar esta apresentação. Conversávamos sobre as vicissitudes que a Psicanálise atravessa nesse momento, colocadas pela vida acadêmica, pelos psicólogos, pelos estudantes e pelos professores. Digo as dificuldades porque justamente se trata de uma episteme especialmente questionada pela ciência contemporânea, pela política contemporânea, pelo discurso contemporâneo, pela produção, pelo sistema

---

1 Palestra proferida no lançamento da Revista APC nº 36 (de forma remota): “Inquietações: Psicanálise para todos?” em 27 de novembro de 2021.

2 **Alfredo Néstor Jerusalinsky:** Psicanalista; Analista membro da Association Lacaniènnne Internationale; Doutor em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano (USP); Mestre e Especialista em Psicologia Clínica (PUC-RG); Graduado em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires.

3 R **Rosane Weber Licht:** Psicanalista; Membro fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba. Contato: rweber-licht@gmail.com

de poder e pela psicopatia. Assim, poderíamos dizer que as frentes de trabalho, de batalha e de interpretações as que se vê convocada a Psicanálise, são intermináveis. Intermináveis porque, justamente, vocês sabem que quando se discute, quando se confronta, ou quando alguém se ocupa de tentar silenciar, é porque algo muito importante está sendo tramitado e dito ali.

Então, eu vejo por um lado com preocupação, mas ao mesmo tempo com grande satisfação que a Psicanálise seja convocante de tantos questionamentos, desde tantos ângulos, tantos lugares e com tanta dedicação. Muito obrigado, agradeço sinceramente o quanto se ocupam de nós!

Mas aqui essa Revista denota justamente que aquilo que três gerações atrás tentamos transmitir, neste momento, digamos, da dobradiça da Psicanálise desde seus primórdios até sua entrada no discurso social, numa espécie de militância crítica do discurso em todas as suas vertentes, esse trabalho que começou com Freud e se desdobrou com Lacan, e que tentávamos transmitir, vejo que vocês encarnam e essa transmissão se efetuiu e está viva. Muito obrigado por isso, muito obrigado mesmo por escutar o que nós tentávamos dizer.

Bom, nós ainda falamos um pouco! Por isso é que Rosane tomou o trabalho de transcrever, e agradeço muito, minha conferência de 2007. Sabemos que Rosane é uma trabalhadora incansável, e é por isso que não se nota nela que ela é de 3 gerações atrás, pelo contrário, parece uma neta também!

Assim, que é um momento realmente de satisfação, espero que para vocês também. Certamente, a Carmem manifestou isso com clareza e para nós, Rosane, tantos anos de trabalho comum, também com outros colegas, Leda Bernardino, não vou mencionar todos porque vocês conhecem muito bem, são os mestres da APC e também de outros lugares.

Dizia, então, que se trata de colher e tomar a responsabilidade da sustentação dessa nova episteme que a Psicanálise inaugurou, porque o que a Psicanálise inaugurou, como bem o disse Freud, não é somente ou principalmente, talvez, um método de cura. A Psicanálise é, como Lacan sintetiza, um quarto discurso. Inaugura uma nova episteme, não uma nova epistemologia, porque a diferença entre episteme e epistemologia é que a epistemologia define o método a ser aplicado sobre um objeto a ser recortado, para ter a certeza de que o resultante dessa operação vai ser verdadeiro, mas não verdadeiro parcial, e sim verdadeiro total.

É assim que a ciência cartesiana se desdobra na modernidade e, na pós-modernidade, assume – o que agora compartilhamos como todo mundo – a promessa de produzir certezas. Ou seja, se você usa o método correto, o resultado da sua pesquisa é 100% verdadeiro, e se não é 100% verdadeiro, não se preocupe, porque agora temos inventado algoritmos que permitem saber o nível de errância. Quer dizer que permitem calcular com bastante precisão, a proporção de erro é desprezível. Mas as consequências desse desprezível resultante da aplicação do algoritmo – em estatística se chama variância – permite calcular a verdade, não total, coisa que é inevitável reconhecer até para a ciência mesma, que ela não pode oferecer tanto assim como para ter 100% de certeza. Nisso estou me referindo, inclusive, ao grande epistemologista Karl Popper. No seu principal livro e guia metodológico, como qualquer cientista sério de hoje em dia, ele mesmo diz: temos que confessar que pelo fato de nós termos que todos os cisnes que vimos são brancos, nem por isso isto nos autoriza a dizer que todos os cisnes são brancos. Palavras dele. Ele reconhece, na peça de ouro, porque nesse livro estão todos os sistemas de cálculos possíveis, que nem com os melhores instrumentos verdade total não há. Ele é anterior à época dos cálculos algorítmicos, mas está

em continuidade com sua proposta, o modelo de como deve ser usada a estatística.

Em uma correspondência memorável em que troca ideias com Albert Einstein, ele diz: “Isso me faz lembrar que além do mais, de não haver cálculo, ou medição ou método que possa garantir a totalidade da verdade, ou uma verdade total, por sorte temos os cálculos estatísticos de variância, em que o nível de dispersão e concentração dos dados, então, permite calcular o grau de erro”. E Einstein lhe contesta: “Sim, mas além disso temos o fator humano”. Ou seja, quer dizer que temos um sujeito, e mais ainda, Einstein diz que nem que houvesse um cálculo perfeito maior, teríamos condições de suprimir isso que se chama subjetividade. Ôpa! Nessa discussão, ele veio a estar preocupado justamente pelo que foi introduzido como quarto discurso pela Psicanálise. O discurso do amo, o discurso acadêmico ou universitário – que é o discurso da ciência contemporânea –, o discurso da histérica, que é a reivindicação totalmente justa de liberdade subjetiva e de liberdade de gozo de cada mulher, que foi justamente a primeira escrava desse discurso do amo inicial, porque houve que criar, para organizar a sociedade, um discurso que dissesse quem era o portador da verdade, que caiu lamentavelmente nas mãos dos homens, não das mulheres. Então, as mulheres foram as primeiras escravas desse amo, desse discurso do amo.

É por isso que, com toda razão, depois de 10 mil anos pelo menos de vigência desse discurso, no qual a mulher não tem vez, não existe, Lacan protestou. Quando Lacan disse “a mulher não existe”, não é porque ele estava querendo que isso acontecesse, senão porque ele percebia que no discurso do amo a mulher não tem vez.

E nós estamos vivendo o discurso do amo, porque apostamos todo nosso capital de sobrevivência, articulação e organização

da modernidade na criação de um Estado. O Estado tem muitas formas, mas é um lugar de exercício do poder. Ainda os poderosos anônimos, que não sabemos quem são, que dirigem o mundo hoje em dia – como bem disse Noam Chomsky, no livro *Quem manda no mundo*, que muito recomendo –, eles não dão a cara, não se sabe quem são, justamente porque eles exercem através de um elemento anônimo que se chama dinheiro. Dinheiro é anônimo e por isso ele pode ser ilustrado com figuras da fauna e da flora do país em que estão, ou pode ser ilustrado pelos heróis dos países, ou por sua memória histórica. Quer dizer, não importa quem é, é apenas uma ilustração, uma figura de apresentação pública. Não diz nada, assim como um carro pode ser vendido com a presença de uma senhorita de mini saia ao lado, embora ela não tenha nada a ver com mecânica ou tenha algum saber sobre automobilismo. É total anônimo, então não sabemos quem manda, mas sabemos que tem que atravessar por um Estado. As nações modernas que começam a ser recortadas a partir do século VIII, IX de nossa era, ou da era cristã, e com essa fórmula de organização, deram como resultante a pretensão de eternizar a posição de escrava da mulher... Essa tramitação ainda dura, a batalha da introdução do quarto discurso. Freud é o introdutor justamente do quarto discurso, ele começa questionando justamente a escravidão das mulheres, da qual era principal protagonista, neste momento, a rainha Vitória. A moral vitoriana fazia da mulher não somente uma escrava, como um ser privado de qualquer satisfação. A mulher era um corpo em sacrifício.

Essa forma de organização tem como resultante a pretensão de eternizar a condição de escrava da mulher. É claro, chegou um momento em que a mulher disse basta, ainda bem. Mas vocês sabem que entre querer e fazer, entre a produção do ato e a linguagem, há uma distância, que é a distância que separa

o Real e o Simbólico. Menciono essa questão e vou colocar um exemplo histórico científico da psicanálise, que ilustra em que ponto estamos nessa questão. Me custa compreender como ainda sobrevivem aqueles que fazem seriados da rainha da Inglaterra, que é uma continuadora disso. Fazem seriados que glorificam, a elevam à categoria de heroína planetária mundial, a rainha da Inglaterra. Não é mais a Vitória, mas é a mesma figura no Estado, a mesma política e a mesma moral. É por algo que a princesa Diana morreu, justamente esmagada por essa moral, esse Estado, essa rainha. E se celebra, é impressionante!

Claro também que não devemos nos esquecer de Bertrand Russel – eminente filósofo inglês – que no ano de 1932 recebeu o Prêmio Nobel por sua obra filosófica, epistêmica. No capítulo 13 de seu livro sobre o método filosófico, diz que a educação das crianças deve ser militar! E esse cara recebeu o Prêmio Nobel, é incrível!

Ele diz com todas as letras: “Devemos diferenciar os que são educados para comandar e os que são educados para obedecer, e a educação das crianças tem que ser militar, isso é uma garantia para o futuro”. Impressionante!

Dizia que ia contar uma experiência científica da Psicanálise. Ginette Raimbault, discípula de Françoise Dolto e de Lacan, médica psiquiatra psicanalítica, na década de 60 até o início da década de 70, trabalhava no *Hospital des Enfants Malades*, em Paris, que tinha um setor que era referência europeia no tratamento de crianças nascidas com síndrome de má absorção. Hoje em dia, há várias formas dessa síndrome, ela se ocupava especialmente daquela em que as mucosas intestinal e estomacal não amadureciam para garantir a alimentação normal. Se não tivesse sido criado um sistema alimentar parenteral diferenciado, as crianças morreriam. Não adiantava entubar para

que o alimento chegasse diretamente ao estômago, porque o estômago não tinha como processar e produzir as proteínas, os carboidratos etc., e metabolizá-los de modo a produzir as substâncias necessárias para manter o organismo alimentado, vivo, em desenvolvimento. Começou então a trabalhar com técnicas parenterais, com alimentos pré-digeridos, injetados na corrente sanguínea. Quando a criança chegava ao redor de 2, 3 anos, já havia sido dado tempo suficiente para a maturação das mucosas e a criança retornava lentamente à alimentação normal. Mas resulta que na sua evolução as crianças aprendiam a registrar a sensação de fome nesse sistema diferenciado e específico: quando tinham fome, ao invés de fazer como faz um bebê que tem fome, movimentando a boca, elas mostravam o braço. A fome estava articulada ao local de entrada do alimento. Ou seja, quando era retirado o tubo e retornava à alimentação normal, as crianças tinham que começar a comer pela boca, mas a boca não tinha registro no sistema de satisfação. A criança pegava a comida com a colher e levava ao braço. Era muito difícil convencer as crianças que agora o lugar de entrada era a boca. O que a levou a escrever um livro – baseado no relato dessa experiência clínica –, que foi apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise sobre a Criança, e Lacan escreveu depois um prólogo, que todo mundo conhece, de 1953. Nesse livro – *Psicanálise e limites da Medicina* –, ela relata as negociações que teve que fazer para que todo o sistema terapêutico, hospitalar e médico se alertasse para a existência de um sujeito, pequenininho, que não tinha como se defender, senão que tinha que contar com uma analista que falasse por ele. Então, Ginette Raimbaud, a quem tive a honra de conhecer, e que era uma mulher de uma coragem impressionante, porque o sistema hospitalar, como é lógico, está baseado no desenvolvimento da medicina. E a medicina se desenvolveu de acordo ao

relatório de Abraham Flexner, da medicina científica do hospital, que é o hospital modelo mundial para todos os hospitais do mundo ainda hoje, até para os hospitais do Japão. John's Hopkins Hospital, em Baltimore, Maryland. Esse modelo não tinha lugar para o sujeito. Onde já se viu que o lugar da alimentação não é determinado geneticamente na boca? Como alguém pode pensar semelhante asneira? Para pensar semelhante asneira, seguramente é psicanalista!

Bom, então, aqui estamos. Isso que foi discutido no Congresso Internacional em 1953, hoje estamos imersos nessa questão, ainda.

Isto vai durar, se a humanidade sobrevive, lhes asseguro, não se façam ilusões de que vocês, sendo a terceira geração a contar desde nós até vocês, vai durar 2, 3 gerações. Não, não, não, isso é uma discussão que vai durar pelos próximos milênios! O digo com toda confiança, porque na verdade essa discussão se iniciou no *Banquete*, de Platão. Faz 2300 anos, como bem nos faz notar Lacan, que disse: "Olha, não é nenhuma novidade, vão ler o *Banquete* que vão se dar conta, ou Giordano Bruno, ou o filósofo medieval Nicola de Cusa que no século XIII escreveu *Da douta ignorância*". Vejam só que título fenomenal! Os doutores que sabem muito, e ainda bem, porque se eu for a um hepatologista ou gastroenterologista para tratar um problema no fígado, e ele me disser: "Associe livremente", eu direi: "Desculpe, mas vou mudar de médico". Também se vou a um analista e ele me diz: "Acontece que provavelmente você tem um problema digestivo pancreático", eu direi: "Desculpe, mas vou mudar de analista". Justamente porque se trata de ordens de coisas que têm sua especificidade fenomênica e manifestações fáticas que requerem a posta em ato de uma e outra vertente discursiva. Precisa ocupar um lugar 2, ou seja, S2, Significante 2.

Em alguns fenômenos clínicos, o discurso médico oferece o Significante 1 e a Psicanálise o Significante 2. Em outras manifestações de sofrimento, a Psicanálise oferece o Significante 1 e a medicina o Significante 2. E temos que aprender a conjugá-los, porque sem S1 e S2, ninguém fala, não tem como falar somente com S1. É por isso que o setor masculino que se apoderou do Estado colocou a mulher na posição de não ter nome, não ter Nome do Pai. O único que oferecem à mulher para fazer de conta que fala, porque na verdade não conseguem dizer, porque o discurso não as ouve, porque ninguém consegue dizer só com um significante. Por isso que várias mulheres aqui, das que estão no público, se chamam Fulana de ... de quê? Fulana y de x, meu Deus! A esta altura temos escravas, que são de?? É impressionante isso! Então, a Psicanálise, claro, tem que sair às ruas! A Psicanálise tem que se ocupar disso. Freud convocou, ele disse: “Não, as histéricas gozam e não mentem! Elas falam das suas verdades, acontece que vocês não querem escutar”.

Temos um dos fenômenos psicopatológicos atuais que é a rebelião feminina. Sim, é psicopatológico, o que não quer dizer que elas sejam doentes. Todos estamos doentes da supressão do S1 na mulher. E todos somos responsáveis disso, assim como somos responsáveis dos efeitos de apagamento da diferença, porque a primeira tentativa é de apagamento da diferença. Como? Que escândalo, homens e mulheres não são tão diferentes! Justamente, se trata da supressão da diferença operada a priori pela supressão do uso e da pertença do S1 para a mulher. Então, esta revista se ocupa disso, e eu fico extremamente feliz, confesso, é um momento de ouro encontrar uma revista que abre suas portas a essa transdisciplina do discurso e não na prática de um discurso em que o S1 seja só o nome que eu determino. Vocês sabem as consequências de uma Função Paterna

dirigida só a S1, ou seja, a tirania de um Pai. É quando no discurso social se suprime a variedade infinita de significações, ou seja, a polissemia. A polissemia é sinônimo, funcionalmente falando, tem a mesma função de suportar o Simbólico. Sem polissemia não há significação possível, tudo é Real. Por isso, quando alguém me pergunta: "Qual é a língua que Bolsonaro fala?". Respondo: "Não, ele não fala, ele regurgita". Vocês estão equivocados, tentam escutá-lo como se um humano falasse. Não, não tentem, porque não vão conseguir escutá-lo desse modo. Ele fala um S1 só. Por isso parece psicótico, mas não é. Ele sabe o que está fazendo. É o modo de reter o poder. Meu nome é o único nome que existe. Por isso recentemente apareceu uma piada nas redes sociais: Bolsonaro encomendou uma enquete para definir as proporções de preferência nas próximas eleições, mas uma enquete em um cenário imaginário em que não haveria concorrentes, sem Lula e Moro, e estaria ele em primeiro lugar. É assim, ele sozinho.

Claro que a Psicanálise é o quarto discurso, porque não faz culto do objeto, mas sim da falta do objeto. Esse assunto da falta e excesso de objeto foi brilhantemente tratado por Charles Melman em *O Homem sem gravidade*. Esta análise da posição do objeto na verdade foi cuidadosamente tomada por Freud no ensaio publicado na segunda grande coleção de ensaios sobre a etiologia das neuroses, de 1916. Ele descreve, em um artigo que se chama "Sobre as transmutações das pulsões em especial do erotismo anal", 1916-17, que escreveu em duas etapas. Inclui um grafo nesse artigo, que se chama o estádio do objeto. Vejam só que interessante, 20 anos depois, em 1936, Lacan apresenta o estádio do espelho no Congresso de Mariembad. O estádio do espelho na sua versão atual, como o conhecemos, é de 1948, mas o uso da palavra estádio não é casualmente repetido no estádio

do espelho de Lacan. Há um momento na vida e na construção do sujeito em que isso acontece. E é isso o que acontece nesse momento do estádio do objeto, que é justamente coincidente, leiam, por favor, é o erotismo anal.

Em termos da evolução da pulsão, se trata justamente do tempo anal, segundo *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Aí temos essa coincidência de tempos, do estádio do espelho e do estádio do objeto, mas se vemos com cuidado esse grafo de Freud, ele fala de 3 funções: a função narcísica, a função do complexo de castração e a função da escolha de objeto. A quarta função é a do presente que o Grande Outro dá à criança. Nós aqui temos o estádio do espelho, o que é verdadeiramente impressionante, porque estamos em 1916. Quer dizer que Freud percebia, e isso está claríssimo em *O futuro de uma ilusão*, em *O eu e o isso*. Há todo um sistema de substituições para que se opere isso, para o qual é necessário um narcisismo capaz, na sua consistência, de defender o sujeito da castração. Com isso, vou concluir, lendo algo que, sabendo que falaria algo aqui, pelo menos a conclusão, escrevi.

É devidamente pertinente que essa revista tome a responsabilidade de elaborar a transdisciplina, ou seja, o quarto discurso, que é o discurso psicanalítico, onde o objeto faz falta e onde não é possível falar só desde o ângulo do S1. Um discurso que devolve a polissemia ao discurso social, ou seja, que faz resistência contra a tirania do Outro e contra qualquer forma de tirania.

Desde 1916, e mais tarde no *Futuro de uma ilusão* e *Psicologia das massas*, Freud está nos avisando: “Olha, é para isso que a Psicanálise serve, não só para curar, tem que sair às ruas”! Maravilhosa a capa, em que vocês colocaram o divã na rua! Isso é colocar em ato o que Freud nos pediu e pelo que ele trabalhou 50 anos e pelo qual alguns de nós iremos trabalhar a vida toda.

A Psicanálise é para todos, porque todos sofrem da falha inevitável e universal da cadeia significativa que representa o sujeito no discurso social, porque senão, não representa nada. O drama de todo sujeito – com hepatite, com Covid, com sarampo, com H1N1, enfim, com o que tiver que carregar no seu corpo –, é que esse sujeito, que não é idêntico ao seu corpo, que encontra no seu corpo as limitações que o Real lhe impõe, mas que ainda assim, ele recorta esse Real na medida em que ele caiba, entre no sistema de representações de si que ele trabalhou e construiu a partir da ferramenta e dos objetos que o Outro lhe deu de presente. Digo que lhe deu de presente, porque uma mãe entrega a seu filho as ferramentas narcísicas necessárias para suportar o que o Real lhe impõe como limite. E ela não lhe passa a conta. Quem é mãe, quem está em função de mãe, o pai também, não lhe passa a conta. Há uma maneira muito rápida de reconhecer se alguém está na função em termos parentais. Perguntem a eles, rapidamente, quanto custou em dinheiro para criar esse filho. Se eles têm um número, o filho está frito. Se dizem que não há como saber, os felicito, vocês são bons pais.

Sempre há uma falha inevitável na tentativa do sujeito de se representar no discurso social, porque seja qual for a representação na qual seu narcisismo empurra a se representar – seu modo narcísico, seu estádio do espelho e seu estádio do objeto – essa representação de si no discurso social sempre vai padecer de que o discurso, o Outro, vai esperar dele um Ideal do Eu que está sempre muito além do Eu Ideal em que ele se encarna, e essa distância é uma falha. É o lugar onde o objeto é em falta, por isso, essa falha é inevitável, pela tentativa necessária para constituir um ego, um *moi* que seja capaz de resistir em alguma proporção ao imperativo do Outro.

A Psicanálise é definida por Lacan, na entrevista *Television*, como uma práxis que consiste em devolver ao sujeito o quanto, o pouco de liberdade que ele pode aspirar. E é por isso que temos que estar na rua! Só isso.

Gostaria de acrescentar uma pequena questão. Estamos vivendo uma situação no Brasil e no mundo, não somente pela pandemia, em que o uso tirânico do discurso faz com que a apropriação das palavras seja decisiva. É por isso que o jornalismo investigativo, as redes sociais, enfim, todo sistema de comunicação e de relação da comunicação com a verdade está em um momento crítico. Justamente porque há uma luta de discursos, uma guerra de discursos que tentam capturar a consequência que um discurso tem sobre o grau de amplitude ou limitação que cada discurso oferece para o sujeito se representar de modo singular, sem perder seu nome, sem se tornar anônimo. E essa mecânica da guerra dos discursos não tem soldados, só tem vítimas, que são as que caem sob a opressão dessa tirania do S1 único, sem S2, que são os instrumentos de governo. É por isso que para essa situação do sistema no planeta todo, as pessoas não existem.

Há um socialismo tirânico também, o stalinismo brutal, tão brutal quanto o nazismo. Digamos que aqueles que defendemos a singularização do modo de se representar o sujeito no discurso, somos inimigos mortais. Por isso que há tanto empenho na supressão da Psicanálise e do sujeito. Impondo o imperativo de gozar, com toda potência e violência, o sujeito desaparece.

É por isso que é estimulada a prática de uma Ciência sem sujeito, não é culpa dos cientistas e da Ciência, é responsabilidade e culpa daqueles que usam a Ciência para suprimir o sujeito. Então, Psicanálise e Medicina, como bem disse Freud, são práxis diferentes, mas não são inimigas. Ambas buscam determinados ângulos da verdade. Lacan, por sua parte, em 1971-72, na

série de conferências *O saber do psicanalista*, disse claramente que não se trata da prevalência de um saber, mas de saber qual é o limite de saber em cada um. Ele diz que o quarto discurso revela que qualquer discurso não pode funcionar além da lógica de um tetraedro. A lógica do tetraedro é de quatro triângulos que formam um poliedro, só que o tetraedro tem a particularidade de que sempre, somente conseguimos ver 3 faces, a quarta não conseguimos. E Lacan elogia o tetraedro porque dizia que é o que melhor nos representa. Agora, por que tanto empenho em suprimir o sujeito? Em escrever uma obra monumental como o DSM-5, que foi escrito por 50 psiquiatras, que convocaram mais de 400 trabalhadores em Saúde Mental para reunir os dados? É monumental, custou milhões, 20 anos de trabalho, para quê? Para suprimir o sujeito, porque me digam em qual lugar do DSM-5 está a palavra sujeito? Em nenhum, zero!

Pergunta sobre a polissemia e o imperativo do Outro, pontos que entrecruzam.

Resposta:

Freud, em *Psicologia das massas*, coloca as intersecções em termos de identificação, ou seja, a identificação da massa ao eu do líder, que impõe essa condição egoica como superego da massa. Isso quer dizer que já desde a década de 20 está colocada a análise crítica do discurso humano para qualquer forma da fala, e desde o ângulo das identificações. Lacan retoma, no *Seminário 9, da Identificação*, com o conceito de raiz quadrada de menos 1. Não sei se vocês lembram disso, com o conceito de traço unário. O que singulariza a representação de sujeito no Outro é justamente um traço, que ele chama de unário. Unário porque quer dizer que lhe dá uma condição de unicidade. Não o unifica, o sujeito permanece dividido, inclusive aparece como polissêmico desde o ponto de vista da pulsão. As pulsões parciais não se dissolvem

nunca. Pode se encontrar a prevalência pulsional de tal ou qual pulsão, em tal época da vida, ou em tal posição do sujeito, mas não se dissolvem. Há um traço que toma prevalência tanto no campo da pulsão como nas identificações. Isso Lacan chama de traço unário, e do ponto de vista da lógica, ele o descreve como o que acontece com a raiz quadrada de menos 1. A raiz quadrada de menos 1 não tem solução. Porque não há nenhum número negativo que multiplicado por ele mesmo, ou seja, ele mesmo negativo, que dê um número positivo. Então, a raiz quadrada de menos 1, é menos 1 por menos 1, mais 1. Portanto, não dá resultante menos 1, então não é raiz quadrada de menos 1. Ou seja, raiz quadrada é a multiplicação do número submetido à raiz, segunda, que multiplicada por si mesma, tem que dar o número que está embaixo da raiz. E por que respondemos a essa lógica? Simplesmente porque não há forma de nos repetirmos individualmente de um modo idêntico. Sempre no autorreconhecimento funciona o estranhamento. É o que nos acontece todas as manhãs. Vamos ao espelho para ver se continuamos sendo os mesmos. E nos surpreendemos com que somos os mesmos, mas não somos os mesmos! É a diferença que permite a continuidade de nosso ser. Por isso suprimir a diferença não é um bom caminho. Agora, reconhecer à diferença seu papel importantíssimo para permitir ao sujeito o exercício de sua liberdade, isso é fundamental. Então como em determinado sistema, determinada política, determinado lugar, práxis, discurso, com que lógica se opera, se permite, oferece, se estimula o modo de escolha do sujeito de se representar no discurso social? Quando me perguntam o que eu faço, estão interpelando meu traço unário. Ou seja, tenho que responder rapidamente, selecionar qual o significante que melhor me representa na minha condição de ser. Então: o que tu és? Eu penso: “bah, e agora? Já sei, eu sou uma boa pessoa, por

exemplo, não é? Ou, sou psicanalista, dependendo do ambiente em que o discurso social é colocado em ato”.

Se estou, por exemplo, no Departamento da Polícia Federal da República Argentina e me perguntam o que sou, tenham a certeza de que não vou responder “Sou psicanalista”, por prudência! Porque eu vivi todas as consequências de responder assim. Então, minha experiência me diz que aí o modo de me representar não é esse. Se entende esse conflito?

Como encontro um traço unário que, multiplicado por si mesmo, não dá o mesmo resultado, mas não dá um resultado tão estranho, quer dizer, marca minha presença de ser?

Isso é o que em outros lugares Lacan chama de estilo. Justamente, vem como ponto de *stylet*, como se chama em francês o instrumento que faz a marca, o traço. Agora, o problema, por exemplo, que temos hoje, é que eu não sou nem uma boa pessoa para o discurso, nem um psicanalista, porque isso não existe, sou nada, a não ser apenas um dado. O problema é que o discurso social atual nos transforma em dados. E como dados, somos contáveis, registráveis como números. Outro dia fiz o cálculo de com quantos números opero durante o dia. Deu mais de mil, mais de mil cifras! Nunca o ser humano esteve tão representado por um dado. E a diferença entre um dado e um traço é que o traço tem que esperar o desdobramento da série significante, o S2, para sabermos o que esse traço quer dizer. E um dado carrega em si mesmo seu significado, não precisa perguntar nada. “Você é o número 7, pronto. E para nós, nesse sistema, o número 7 está morto. Ou mudo”.

Não sei se respondi a tua pergunta.

# *Espaço de Indicações*





# Complexo de Telêmaco – Pais, mães e filhos, após o ocaso do pai

**Massimo Recalcati**

**Resenhado por: Andrea Rôa d’Haese<sup>1</sup>**

RECALCATI, Massimo. (2022). *O Complexo de Telêmaco: pais, mães e filhos após o acaso do pai*. Tradução de Cezar Tridapalli. São Paulo: Âyiné.

O encontro com a escrita de Massimo Recalcati, psicanalista e escritor italiano, ocorreu no transcórper de um cartel que realizamos na APC durante o primoroso trabalho de tradução de Cezar Tridapalli. Ainda que sem a definitiva publicação, Cezar nos presenteou com trechos afins ao tema de estudos. Por isso, tivemos a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento ao som da sua narrativa poética que, encontro após encontro, foi dando vida à escrita do autor.

O livro *O Complexo de Telêmaco: pais, mães e filhos, após o ocaso do pai* nos faz navegar entre fatos cotidianos do nosso tempo, um passado não muito distante e mitos que orientam a constituição e história da humanidade. Inicia seu discurso trazendo à luz o mal-estar da atual juventude, submetida ao declínio da autoridade simbólica do Pai. Um momento em que

---

1 **Andrea Rôa D’haese:** Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (UTP-Pr) e graduada em Artes Plásticas (FAP/UNESPAR); Especialista em Saúde Mental e Psicanálise (PUC-Pr). Contato: andrea@clinicadotrabalho.com.br

crianças têm dificuldade de reconhecer se há de fato um Outro que as acolha e ofereça um solo fértil onde possam se constituir a partir de uma substância que os liberte, para eles próprios se tornarem húmus para as gerações vindouras. Recalcati aponta para a busca das novas gerações de um testemunho que os alimente e os incite a desejar a vida. Questões que o autor traz à tona sobre a subversão de papéis no contexto familiar, pois ocorre hoje de pais não sabendo em que direção seguir na criação de seus filhos, entregam à criança a função que lhes seria própria.

A vida biológica se humaniza pela possibilidade de sermos capturados pelo Outro, que poderá por meio da linguagem transmitir-nos a Lei das leis, Lei do acolhimento, da hospitalidade, da palavra, que servirá de berço ao grito na noite que todos nós já fomos um dia, ao abandono estrutural. Não há possibilidade de nos autogerarmos, tornarmo-nos genitores de nós mesmos, não podemos rejeitar a nossa condição primeira de filhos. Precisamos nos servir do pai para depois prescindir dele. Para que este trajeto aconteça, é primordial a “presença presente” de um pai simbólico, atravessado pela lei da castração, um pai que nem tudo pode, mas que por isso mesmo nos transmite o húmus da vida, afinal somos seres de linguagem e é a palavra que humaniza a vida e torna possível a potência criativa, uma vez que é por meio dela que somos expostos à impossibilidade do todo, à experiência do limite e da falta, propulsores do desejo.

No transcórre do texto, o psicanalista faz uma crítica à terceirização das questões familiares. Pais desprovidos da própria autorização de um saber sobre seus filhos se portam como incapazes de mediar os conflitos concernentes à criação e apelam para a intervenção de um Terceiro (escola, judiciário, médico...). Mostram-se frágeis no papel de adultos e delegam ao social a responsabilidade sobre a educação e cuidados pertinentes à nova

geração. Encontramo-nos em um momento de mudanças aceleradas da vida familiar. Sujeitos a pressões sociais, tentamos nos reorganizar, não sem explicitar uma confusão a respeito da diferença geracional e uma grande alteração do processo de filiação simbólica.

Aponta o autor a queda de uma autoridade paterna como um fenômeno da cultura contemporânea, pois se por um lado ocorre o desaparecimento da dimensão do conflito e do atrito imposto pelo pai-patrão, do pai-totem, aquele que tem a última palavra sobre o sentido do bem e do mal, por outro o que encontramos muitas vezes são pais que se desresponsabilizam de sua função norteadora da vida dos filhos e se colocam em uma relação de cumplicidade e amizade fraterna com eles, dificultando a transmissão geracional.

O autor percorre então cenas da clínica psicanalítica, da cinematografia, do teatro e principalmente da mitologia, trazendo à luz traços do mito de Édipo, de Narciso, de Telêmaco – filho de Ulisses, personagem central da *Odisseia* de Homero –, destacando ainda o antiédipo, discutido por Deleuze e Guattari, que se contrapõe ao mito edípiano, do qual Freud se utilizou para elaborar a tendência incestuosa do desejo inconsciente e o conflito entre a ordem estabelecida e a transcendência do desejo, enfim, o conflito geracional, que a priori caracteriza a vida humana para a psicanálise.

Por meio dessas articulações, Recalcati mostra que hoje só o paradigma edípiano não é suficiente para que se compreenda a relação entre pais e filhos, embora reconheça a dimensão estrutural e supra histórica que fundamenta a teoria psicanalítica.

Na sequência dos apontamentos, o autor apresenta quatro leituras possíveis das relações parentais e como cada representante da cena percorre seu caminho na posição que desempenha.

Traz à luz como cada filho se coloca frente ao que recebeu como propulsor estrutural do Outro, um processo alienante necessário, mas também como cada um dá conta de verdadeiramente, por meio da separação, usufruir da herança legada.

Inicia a narrativa pelo filho-Édipo, um filho que viveu o abandono, nasce com a marca do pai que não lhe abrirá o caminho da vida, e entra em um conflito geracional entre quem tem o direito à “passagem”. Foi ele quem teve de matar o próprio pai para sobreviver temporariamente, ainda que ao custo da negação da Lei simbólica da castração, que impõe a interdição à dupla perversa mãe-criança. O trágico destino de Édipo foi só ter alcançado o sentido da Lei depois de ter cometido os crimes. Com isso, acaba condenado pela própria culpa. O complexo edípico traz à tona o conflito entre a Lei e o desejo, pois nesse enredo a Lei é a antagonista irredutível da dimensão anárquica da pulsão. Édipo encara Laio como a encarnação do obstáculo repressivo à sua liberdade, uma barreira que torna inviável a mediação. Seu equívoco foi traduzir a Lei como a impossibilidade de acesso ao desejo.

Nos anos de 1970, a partir das teorias de Deleuze e Guattari (*O Anti-Édipo*, 1972), cria-se a cultura antiedípica, em uma crítica de oposição à articulação psicanalítica. O filho Antiédipo defende o império da libertação da força acéfala da pulsão. De um pai-patrão detentor de todo o poder sobre a vida do filho à negação absoluta de um pai, enaltece uma vida livre do pai, livre do Outro. O filho Antiédipo tiraniza a Lei e violenta o desejo. Esse é o filho anárquico por excelência, nega o passado e inviabiliza o futuro.

Ao filho-Narciso, cabe o destino de não encontrar o Outro que lhe dê suporte e sustento, não se defrontando com a Lei e por isso criando uma lei arbitrária conforme os seus caprichos, impondo aos pais suas exigências narcísicas. Nesse enredo há

uma falsa horizontalidade que ocupa o lugar da hierarquia geracional. Narciso convive com a frágil impossibilidade da existência do Outro que lhe sirva de apoio para o encontro com o desejo. Quando a vida de uma criança é mediada por pais que aplacam o terreno da existência do filho para que ele não se depare com obstáculos, com o inassimilável, com a injustiça, pais que poupam toda e qualquer dor do filho, não se confrontando com sua própria dor de existir, acabam por formar crianças presas a uma versão especular de si mesmas. Vivem em um casulo próprio, sem potência para se haver com a Lei e tampouco ter acesso ao seu desejo. Crianças que não têm pelo que lutar por desconhecem a Lei que os tornará verdadeiramente desejantes. São filhos carentes da transmissão do peso simbólico da diferença geracional, excluídos da experiência do limite e da falta.

Para seguir na trama pais e filhos, resta falar de Telêmaco, um filho que também conhece o abandono, mas, diferentemente de Édipo, sente a falta paterna como uma contingência imposta pela vida. Ulisses não abandonou a família, saiu em uma empreitada para proteger o reino, assegurado por Penélope, que garantirá ao filho a palavra transmissora da paternidade simbólica. Como coloca o autor, a vigília materna mantém vivo o Nome do Pai. É ela quem mantém a ausência de Ulisses como a presença de uma ausência, coloca em ato a certeza do retorno que possibilita a espera e a invocação deste pai. Telêmaco, enlaçado pelo desejo, espera que do mar retorne o homem que o gerou, mas muito além disso, invoca o retorno da Lei que colocará fim às atrocidades em sua terra que, tomada pelos Pretendentes, é ultrajada e humilhada. Ulisses, por sua vez, durante seu percurso épico de retorno, faz-se reconhecer como o pai de Telêmaco, e não somente como o rei (proprietário) de Ítaca. É a responsabilidade de pai que o impulsiona ao lar, renunciando a embriaguez

da errância e a imortalidade oferecida a ele em sonho por Calipso. E é também pelo posicionamento paterno que Telêmaco, na sua viagem em busca do pai, poderá encontrar suas pegadas e dar sentido ao seu percurso. Telêmaco foi o filho que teve e pôde usufruir dos recursos advindos de um Outro submetido à Lei da Castração. O pai retorna não para reencontrar sua jovem esposa, o sorriso do seu filho criança, ou a terra do tempo em que partiu – isso ele sabe que perdeu –, mas seu retorno ocorre para responder à Lei do próprio desejo, retorno de fidelidade a fundo perdido pela escolha de amor ao filho, à esposa e a seu lar. Ulisses cumpre sua função de Pai, de si resta o legado, deixa ao filho a herança da Lei e do desejo; cabe a Telêmaco conquistar o direito de usufruto.

Recalcati, a partir deste mito, relembra Goethe, usado por Freud em seu texto-testamento (*Compendio da psicanálise*, escritos inacabados), que diz: “O que herdaste de teus pais, adquiere-o, para possuí-lo” (Freud, 2012, p. 241). Discorre em seguida como o complexo de Telêmaco se configura como chave de leitura possível para um filho que soube se apropriar da herança que lhe foi deixada. “Telêmaco é o símbolo do ‘herdeiro certo’: ele sabe ser filho e sabe cumprir a viagem mais perigosa para ser um herdeiro. Ele nos mostra como se pode ser filho sem renunciar ao próprio desejo”.

Os escritos seguem com uma reflexão sobre o ato de herdar. Para que o sujeito se torne verdadeiramente herdeiro do tesouro conquistado do Outro, é necessário que ocorra um movimento de reconquista. Um segundo nascimento, movimento subjetivo de retomada para tecer a existência do sujeito a partir do fio da Lei da palavra a ele doado. Dívida simbólica que o vincula ao Outro para poder usufruir da linguagem própria através da linguagem do Outro.

O herdeiro certo é aquele que torna possível o convívio entre Lei e desejo, um sujeito que encontrou o dom do Outro, permeado pelo testemunho de uma existência em ato, pela fé no desejo transmitido, e pela promessa de que há vida capaz de satisfação humana.

E porque desejar é experiência de singularidade, é o encontro com a radical intimidade humanizante, que entendo o fato de o autor nos deixar no epílogo de seu texto encantador um testemunho de retalhos da própria vida, para que utilizemos de húmus ao nosso próprio percurso. Como nos diz Lacan, não somos sem o Outro!

Concluo agradecendo a oportunidade de ter encontrado nas palavras traduzidas para nosso idioma a fidelidade do autor na transmissão da psicanálise.

## Referências

Freud, S. (2012). Totem e tabu. In: Freud, S. *Obras completas* (11). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras. [1912-1913].



# Imaginar o Amanhã

**Abrão Slavutzky e Edson Luiz André de Souza**  
**Resenhado por: Camila Zoschke Freire<sup>1</sup>**

Slavutzky, A., & Sousa, E. L. A. (2021). *Imaginar o amanhã*. Porto Alegre: Diadorim Editora.

## O Baile da Utopia

Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora.

Ailton Krenak

Quando soube que o livro *Imaginar o Amanhã*, de Abrão Slavutzky e Edson Luiz André de Sousa seria lançado, pensei que o devoraria assim que chegasse. Não foi assim a minha experiência, apesar da sensação de urgência. Precisei degustá-lo, como se cada página, cada ensaio, cumprisse a função de dosar a esperança diariamente, na tentativa de suportar viver em um país devastado por diversas frentes.

Paulo Endo dá o ponto de partida salientando uma política da amizade, pondo em destaque a relação entre os autores. Esse afeto tende a ocupar um lugar secundário no campo dos amores

---

1 **Camila Zoschke Freire:** Psicanalista. Graduada em Psicologia (UFPR); Especialista em Psicologia Clínica (PUC-Pr). Dedicou-se ao trabalho clínico. É integrante do coletivo Projeto Analisar e, atualmente, coordena o grupo Conversas de Clínica. É entusiasta das letras e dos sons. E-mail: camilazoschke@yahoo.com.br

onde a família, o casal, costumam exercer uma centralidade. Este início já dá a pista do olhar insurgente que os textos pretendem ressaltar.

Boa parte deles foram escritos durante a pandemia de Covid-19. Bem sabemos o quanto algumas amizades são essenciais para atravessar momentos de crise ao longo de uma vida. Não foi diferente nesse período de isolamento: os amigos buscaram contato através de videochamadas, troca de músicas, compartilhamento de lembranças, pequenos mimos entregues à distância. O espaço virtual serviu de amparo para a sustentação não somente do trabalho e dos estudos, mas dos laços, até tornar-se insuficiente e os amigos clamarem pela retomada dos encontros plenos de abraços, sorrisos, brincadeiras, boa prosa, presença. Bem sabemos, também, o quanto na história das ideias a correspondência entre amigos, pensadores, contemporâneos serviu como um ambiente fértil onde foi possível germinar conceitos e teorias.

Edson e Abrão nos convidam a passear pela temporalidade: revisitam o passado, trazem à superfície feridas não cicatrizadas de nossa história para que tenhamos mais uma chance de tratá-las, para que não sigam dolorosas no futuro que intuimos desenhar.

Nesse desenho se revela a utopia, temática largamente trabalhada por Edson. Ela institui um horizonte que não serve para ser alcançado. Ela ilustra uma paisagem que sustenta o atravessamento do presente, um amanhã que se inventa antes de sua chegada, tal qual cada um de nós que, antes de nascermos, somos antecipados, sonhados, falados, desejados.

Trata-se de não tomar a realidade que vivemos como a única possível – há aquela dos sonhos, das imagens oníricas, da literatura, por exemplo. Considerar a utopia implica o desmonte

de lógicas de vida que instauram os sujeitos como universais e naturais, deslocando a prevalência egoica, totalizante. Discursos opacos não convergem com os utópicos.

Ainda na abertura do livro, Paulo Endo levanta uma questão que me parece essencial: qual o enigma que sustenta a escolha por seguir vivendo? No campo psi, muito nos perguntamos o que leva um sujeito a cometer suicídio, porém a pergunta sobre o que determina a manutenção do laço com a vida parece não despertar tanto interesse ou portar uma resposta óbvia. Edson e Abrão recheiam seus escritos de exemplos nos quais a opção pela vida se deu, nos mais diversos campos, seja no registro de memoriais, instalações artísticas, testemunhos ou, simplesmente, no ato de alguns que, singelamente, decidiram sustentar a sua humanidade, não se deixando reduzir a um número, a uma condição desumana. A apresentação do livro de Gonçalo M. Tavares (2021, s.p.), escrita por Reginaldo Pujol Filho, pode ser aplicada para essa leitura: “Vamos ler, mas vamos ler armados (...) como se lêssemos poesia: um espanto por vez”. As armas carregadas aqui não são aquelas que servem unicamente para matar: os autores andam armados de boas companhias.

O primeiro ensaio é chamado ‘Acordes Iniciais – A função do despertar’. Trata-se, já de início, de um acorde barulhento que propõe a abertura de rasgos, recupera a importância do ato poético, do ato criativo, da possibilidade de ‘injetar potência utópica na desesperança’. A trajetória do livro não se assenta sobre um otimismo ingênuo; procura salientar espaços e discursos a respeito dos quais o cotidiano tende a relegar um segundo plano: a voz das crianças, dos poetas, dos artistas, dos humoristas. De todos aqueles que não se nutrem de um utilitarismo e buscam fazer com o espanto.

“Meu coração é o reino do espanto”, afirma Abrão em um de seus ensaios (Slavutzky, 2021, p. 186). Busco em Didier-Weill algumas outras palavras para complementar o tema:

A língua francesa privilegia o *coup de tonnerre* (‘trovoada’) para falar da experiência subjetiva do espanto, através da qual se revela que a experimentação de um acontecimento súbito detém o poder de introduzir, na continuidade do saber, a hiância súbita de uma descontinuidade. (...) no instante em que soa a trovoada, ficar bruscamente despossuído de tudo o quanto eu sabia. (Didier-Weill, 1997, p. 17).

Trata-se de um afeto que inaugura a originalidade, é aquele experimentado como se ocorresse pela primeira vez. Matilde Campilho equivale o espanto a uma matéria escorregadia em seu poema “Conversa de fim de tarde depois de três anos no exílio”: (...) porque você e eu a gente é feito de matéria/ escorregadia, i. e., manteiga, azeite, geleia/ e espanto” (Campilho, 2015, p. 58).

O espanto, apesar de escorregadio, não deixa de causar seus efeitos: aponta para a divisão do sujeito, para o insabido, o estranho. Compondo com ele, temos o transitório, aquele que não implica perda de valor, como nos disse Freud, e a parcialidade da satisfação presente no ensaio ‘Felicidade, brevemente’. Tudo aquilo que nos escorre pelas mãos.

Através do esporte e da arte, a sociedade restitui ao adulto a possibilidade de espantar-se, capacidade perdida na infância, quando a criança se espanta diante de tudo: “Como um adulto – que sabe, ou pensa saber, o que é uma pedra ou um graveto – poderá ele compreender o espanto de uma criança diante dessa pedrinha? (...) o olhar espantado da criança é testemunho de que ela vê algo que o adulto cessou de ver” (Didier-Weill, 1997, p. 26). Na vida adulta, temos uma hora marcada com o espanto, uma oportunidade renovada ainda que delimitada.

Os autores de *Imaginar o Amanhã*, munindo-se de múltiplas referências de diversos campos do saber assim como de recortes generosos de suas histórias pessoais, de seus encontros, convidam-nos ao reconhecimento da condição humana de criar, de caminhar equilibrando-se em um fio de vida, mesmo em tempos tenebrosos. Se não podemos fugir da guerra, da doença, do caos, que possamos, como escreve Ailton Krenak, construir paraquedas coloridos: “Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despençar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos” (Krenak, 2019, p. 30).

Tendo a queda como inerente ao percurso, a morte como destino comum, os autores resguardam as condições para lidar com os momentos de dor: que tenhamos direito aos funerais, a enterrar os nossos mortos, realizar o luto. Não há modo de descartar a morte, porém não se deve esquecer que o direito à existência deve ser preservado e não condição, direito apenas de alguns.

Excluir a morte dessa teia onde nos constituímos cria uma “falsificação da vida”, diz-nos Krenak. Freud, em sua formulação tardia sobre as pulsões, evidenciou duas tendências que compõem o organismo vivo: há algo que tende à inércia, a pulsão de morte; e algo que tende à expansão, a pulsão de vida. Somos compostos nesse intrincamento, um trançado que engendra nossa existência. O problema ocorre quando alguma dessas tendências caminha só. Concordamos com as palavras do poeta: “(...) A vida não era um acessório permanente; ela era um vaivém de dolorosos momentos que ajudavam a iluminar o meu espírito. (...) A constante pressão da existência mundana é compensada pelo balancear entre vida e morte e, assim, esta não nos esmaga” (Tagore, 2017, p. 153-154).

Os autores revisitam períodos traumáticos e violentos da história recente do homem, tais como o holocausto, a bomba de Hiroshima, a ditadura militar brasileira e a recente e inacabada pandemia ocasionada pelo coronavírus. Cenas duras compõem ensaios, tais como ‘Ler as cinzas: trauma, memória e esperança’, e outras incríveis, como ‘A bailarina de Auschwitz’, ‘Um sábio em Auschwitz’ e ‘Um cachorro no campo de concentração’, que constituem o paraquedas colorido destacado por Krenak.

Edson insiste, em diversos momentos, na importância da construção de memoriais. Propõe “um pensamento ético e estético de pensar uma política de memoriais”. Ele escreve: “Diante de uma lógica de apagar os rastros, se impõe uma responsabilidade de sempre buscar as cinzas, seja lá onde estiverem. Vamos precisar multiplicar memoriais, inventar novas estratégias de memória, multiplicar museus, abrir novos espaços para manter viva nossa memória coletiva” (Sousa, 2021, p. 41).

Os memoriais ocupam um lugar de representação onde justamente a pulsão de vida e de morte podem se articular. A potência política mais radical da psicanálise e da invenção freudiana está situada nesse ponto: recolher, escutar, dar outras formas a estes restos. É o que também ocorre em uma travessia de análise.

Recupero duas iniciativas recentes: a primeira foi chamada de ‘Inumeráveis’<sup>2</sup>. Trata-se de um memorial dedicado a lembrar de algumas das vítimas do coronavírus no Brasil. Criado por Edson Pavoni, conta com diversos colaboradores e procura registrar, a partir do nome completo, idade, cidade e uma pequena história, quem foi aquele que faleceu. A intenção é que, celebrando aquela vida, possa-se construir “memória, afeto, respeito e futuro”. Uma curta frase ou um parágrafo: o que se destaca ali é a

---

2 Recuperado de: [inumeraveis.com.br](http://inumeraveis.com.br).

particularidade de uma vida, um traço escolhido por alguém que amou aquele sujeito que partiu. O que torna esse registro radicalmente diferente de um número, e um possibilitador de lutos.

A segunda consiste no registro de relatos de sonhos contados de modo anônimo no decorrer da pandemia. “Sonhos confinados em tempos de pandemia” (um dossiê desse estudo pode ser encontrado na edição 266 da revista Cult) e “Inventário dos Sonhos”. Não é a primeira vez que uma coletânea de sonhos é feita em momentos específicos – e traumáticos – da história: esse tipo de compilado já foi realizado no Brasil com familiares de desaparecidos políticos durante ditadura militar. Há também o livro escrito por Beradt – *Os sonhos no Terceiro Reich*, em que estão registrados alguns sonhos dos prisioneiros dos campos de concentração e extermínio de Auschwitz. Os pesquisadores explicam que não se trata de interpretar os relatos como faríamos na clínica psicanalítica. É importante lembrar que o sonho, ao ser contado para o analista, permite o acesso às inscrições inconscientes do próprio sonhador, desvelando enigmas, trazendo à consciência associações que serão utilizadas como material de trabalho em transferência. O registro coletivo dos sonhos tem como função estabelecer uma marcação do tempo e constituir uma espécie de memorial, assim como propor linguagem, modos de se contar, narrando essa outra cena.

Os efeitos nefastos que experimentamos, enquanto brasileiros, pela ausência de reconhecimento de algumas *das páginas infelizes da nossa história*, não passam longe da consideração dos autores. É onde podemos encontrar outra temática amplamente trabalhada no livro: o papel do testemunho. “Cada brasileiro é hoje um arquivo vivo”, somos lembrados, o que nos coloca como agentes, fazendo lembrar que a história é contada por cada um de nós. Assim como cantou o samba-enredo da Mangueira, campeã

do carnaval carioca de 2019, presente na escrita de Abrão: somos testemunhas dessa ‘história que a História não conta, o avesso do mesmo lugar’. Uma pessoa só morre quando morre a testemunha. Se pudermos, enquanto nação, revelar o ‘país que não está no retrato’, talvez possamos dormir ao som dessa ‘História para ninar gente grande’, sugestivo título do samba-enredo. E quem sabe, então, voltar a sonhar um país.

Finalizo esta resenha com um caso que, para mim, condensa um bom tanto do que encontrei durante a leitura. Fizemos uma pequena viagem para o litoral de Santa Catarina em fevereiro de 2021, nos tristes tempos pré-vacina, quando o Brasil contava com milhares de mortos. Contabilizávamos quase 12 meses de isolamento em um apartamento e ansiávamos por um espaço com céu e mar para que as crianças pudessem brincar. Conversávamos sobre uma caminhada até o Vale da Utopia quando minha filha, na época com 4 anos, uma menina desejosa por passeios e contatos sociais, questionou: quando vai ser esse Baile da Utopia? O lapso dela nos provocou risos, causou surpresa, abrindo esse espaço de descontinuidade. O tal baile da utopia virou uma piada entre os amigos e, no propósito de realizá-lo, intencionamos fazer frente à ‘Festa do Ódio’, abarcando ‘A Dança da Esperança’. A fonte secreta do humor, ensinam-nos os autores, não é a alegria, mas a tristeza: rimos do que em nós e nos outros parece frágil.

A criação está sempre muito próxima do infantil. A criança, de modo desavisado, desproposital, tendo o espanto como companhia cotidiana, fala poeticamente. Partindo da criação infantil, tendo a pandemia arrefecido, um baile já se delineia no horizonte, assim como uma infinidade de batalhas, nem tão novas assim. Afinal, nos valem da canção escrita em 1970 por Chico Buarque que atualiza uma ânsia: “ainda pago pra ver/ o jardim

florescer/ qual você não queria/ você vai amargar/ vendo o dia raiar/ sem lhe pedir licença/ e eu vou morrer de rir/ que esse dia há de vir/ antes do que você pensa”.

Se e quando esse dia virá, não sabemos. Temos constatado que o horizonte que ele desenha, a utopia que ele sustenta, já dura mais de 50 anos.

## Referências

- Campilho, M. (2015). *Jóquei*. São Paulo: Editora 34.
- Didier-Weill, A. (1997). *Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Slavutzky, A., & Sousa, E. L. A. (2021). *Imaginar o amanhã*. Porto Alegre: Diadorim Editora.
- Tagore, R. (2017). *A voz da mãe dava sentido às estrelas*. Portugal: Assírio & Alvim.
- Tavares, G. M. (2021). *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Porto Alegre: Dublinense.



# REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

## VOLUMES JÁ PUBLICADOS

### **Nº 01 – VIOLÊNCIA**

*Alfredo Jerusalinsky, Leda Fischer Bernardino, Maria Cristina Kupfer, Rodolpho Ruffino, Rosa Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Rute Stein Carvalho, Ricardo Goldenberg.*

### **Nº 02 – FAMÍLIA E MODERNIDADE**

*Angela do Rio Teixeira, Caterina Koltai, Danièle Epstein, Leda Fischer Bernardino, Marcus do Rio Teixeira, Patrick de Neuter, Contardo Calligaris, Rute Stein Carvalho, Alfredo Jerusalinsky, Maria Cristina Kupfer, Rosane Weber Licht.*

### **Nº 03 – O HOMEM E A TECNOLOGIA**

*Alfredo Jerusalinsky, Edson André de Sousa, Maria Ida Fontenelle, Martine Lerude, Oscar Cesarotto, Ricardo Goldenberg, Rosa Marini Mariotto, Leda Fischer Bernardino, Rosane Weber Licht, Agostinho Marques Neto, Ivan Corrêa.*

### **Nº 04 – PSICANÁLISE E CLÍNICA DE BEBÊS**

*Alfredo Jerusalinsky, Claude Boukobza, Cláudia Rohenkohl e Daniella Gonçalves, Daniele Wanderley, Domingos Infante, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Nicole Strickman, Patrick De Neuter, Alexa Chaves, Dayse Amorim e Roseane Lima, Jaqueline Sanson, Marina Fernandes, Henry Frignet.*

### **Nº 05 – ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

*Alfredo Jerusalinsky, Delia Catullo Goldfarb, Flávia M. de Paula Soares, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Dayse Stoklos*

*Malucelli, Flávia Boni Licht e Adriana de Almeida Prado, Luciana Amaral, Bernadete Hoefel, Rosane Weber Licht.*

#### **Nº 06 – PSICANALISAR HOJE**

*Charles Melman, Enrique Milan, Geselda Baratto, Jean-Jacques Rassial, Leda Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto, Serge Lesourd, Lucia Marly Verdum de Almeida, Rosane Weber Licht, Denise Pliskievski Bueno e Juratirz Salete Ribas, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.*

#### **Nº 07 – O AMOR NOS TEMPOS DA ANÁLISE**

*Alfredo Jerusalinsky, Andrea Silvana Rossi, Angela Baptista do Rio Teixeira, Eliane Michelini Marraccini, Isidoro Vegh, Jean-Jacques Rassial, Maria Cecilia Garcez, Marie-Christine Laznik, Sándor Ferenczi, Marcus do Rio Teixeira, Wael de Oliveira, Geselda Baratto e Rosane L. V. de Macedo, Leda Mariza Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 08 – O PSICANALISTA E O ATO**

*Alfredo Jerusalinsky, Dayse Stoklos Malucelli, Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Aparecida de Luna Pedrosa, Maria Carolina Serafim, Tânia Mara Galeazzi Stoppa e Maria Cristina Kupfer.*

#### **Nº 09 – O TOQUE ESCURO DO OBJETO**

*Clara Cruglak, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Frédéric Pellion, Karina Codeço Barone, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto, Geselda Baratto e Michele Kamers.*

#### **Nº 10 – LENDO E DANDO A LER A PSICOSSOMÁTICA**

*Andrea de Castro Rôa d'Haese, Bernard Moullé, Márcia Yuri Funabashi, Maria Lúcia Maranhão Bezerra, Wael de Oliveira, Alfredo Jerusalinsky, Marie Christine Laznik, Angela Vorcaro, Julio Cesar Viacelli e Leda Mariza Fischer Bernardino.*

#### **Nº 11 – INSCREVER, INTERPRETAR E ESCREVER**

*Cristina Helena Guimarães Sartori, Ilana Katz Zagoury Fragelli, Mauro Mendes Dias, Rosa Marini Mariotto e Rosana Benine, Bernardo*

*Gandulla, Wael de Oliveira, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Maribél de Salles de Melo e Thayane Carolina de Almeida.*

#### **Nº 12 – ESCRITOS SOBRE A PSICOSE**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Viviane Veras, Camila Zoschke, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Mauro Mendes Dias, Marcus do Rio Teixeira, Mayla Di Martino, Sonia Motta e Melania Salete Medeiros.*

#### **Nº 13 – PSICANÁLISE E ARTE**

*Edson de Sousa, Elisabeth Bittencourt, Nelson da Silva Jr., Sérgio Telles, Tânia Rivera, Rosângela Nascimento, Mauro Mendes Dias, Wael de Oliveira, Ângela Vorcaro e Viviane Veras e Andréa d'Haese.*

#### **Nº 14 – A FEMINILIDADE NAS DIMENSÕES REAL, SIMBÓLICA E IMAGINÁRIA**

*Consuelo Muniz Escudero e Leda Mariza Fischer Bernardino, Denise Maurano, Maria Rita Kehl, Marie Christine Laznik, Ricardo Goldenberg, Vera Tubino, Denise Stoklos, Leticia Paes de Barros e Leda Mariza Fischer Bernardino, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto e Marcelo Oliveira.*

#### **Nº 15 – O DESEJO E SUA INTERPRETAÇÃO**

*Benjamin Domb, Dayse Stoklos Malucelli, Jean Jacques Rassial, Leda Mariza Fischer Bernardino, Patrícia dos Santos Lage, Ricardo Goldenberg, Valéria Ghisi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 16 – O DESEJO: EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 10 ANOS DA APC**

*Leda Mariza Fischer Bernardino, Lucia Marly Verdum de Almeida, Maria Aparecida Luna Pedrosa, Tânia Maria Galeazzi Stoppa, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Mauro Mendes Dias, Sandra Tellier Motti, Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, e Wagner Rengel.*

#### **Nº 17 – ADOLESCÊNCIA**

*Adriana Kosdra Rotta, Ana Costa, Geselda Baratto, Jean-Jacques Tyszler, Laís Vilela Paquer e Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Augusta de Mendonça Guimarães e Suely do Rocio Kosiak Poitevin, Wael de Oliveira, Márcia Regina Motta, Marina Siqueira Campos e Renata de Siqueira Vieira, Adriana Tobis Fraga Thomasi, Rosa Marini Mariotto e Wael de Oliveira.*

#### **Nº 18 – A DROGA DEVIDA**

*Alfredo Jerusalinsky, Cyro Marcos da Silva, Eduardo Ely Mendes Ribeiro, Jean-Louis Chassaing, Juliana A. Cunha, Renata Aguiar Carrara de Melo e Fernando Teixeira Grossi, Ricardo Goldenberg, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto.*

#### **Nº 19 – O RELATO DO ATO**

*Dominique Touchon Fingermann, Elisabeth Bittencourt, Mauro Mendes Dias, Alfredo Jerusalinsky, Ricardo Goldenberg, Wael de Oliveira, Sérgio Scotti, Dayse Stoklos Malucelli.*

#### **Nº 20 – PSICANÁLISE: INVESTIGAÇÃO E PESQUISA**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro, Christian Ingo Lenz Dunker, Lia de Freitas Navegantes, Luciano Elia, Mayla Di Martino, Wael de Oliveira, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto, Valéria Codato Antonio Silva e Viviana Velasco Martinez, Maria Carolina Schaedler.*

#### **Nº 21 – A LOUCURA**

*Edson Luiz André de Sousa, Ricardo Goldenberg, Helenice Rodrigues, Gabriela Xavier de Araújo, Jane Cherem Côte Bezerra, Cristiane Ganzert e Gisleine Massuda, Wael de Oliveira.*

#### **Nº 22 – AUTISMO**

*Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Mônia M. Farid Rahme, Claudia Mascarenhas Fernandes, Daniele de Brito Wanderley, Julieta Jerusalinsky, Sonia Motta, Dominique Fingermann, Nelson da Silva Jr.,*

*Marie Christine Laznik, Maria Eugênia Pesaro e Gabriela Xavier de Araújo.*

#### **Nº 23 – A CRIANÇA DE CADA DIA**

*Andréia Viana e Angela Vorcaro, Angela Baggio Lorenz, Ana Beatriz Albernaz, Leda Mariza F. Bernardino, Maria Angélica Tosi Ferreira, Renata Bakker da Silveira e Rosa Marini Mariotto, Clarice W. Zotti, Denise P. Bueno, Rejinaldo J. Chiaradia e Wagner Rengel, Inês Catão, Yara Faria do Amaral, Wael de Oliveira, Leando Alves R. dos Santos, Madalena B. de Lima.*

#### **Nº 24 – ABUSOS NA INFÂNCIA**

*Adriana Kosdra Rotta, Alexandre Morais da Rosa, Alfredo Jerusalinsky, Elisabeth Bitten-court, Giselle de Souza. Santos, Lia de Freitas Navegantes, Lúcia Alves Mees, Rosa M. M. Mariotto e Maria Luiza K. de Bueno Gizzi, Wagner Rengel, Jane Cherem C. Bezerra da Silva, Débora P. Nemer Pinheiro.*

#### **Nº 25 – A DIREÇÃO DA CLÍNICA**

*Christian Ingo Lenz Dunker, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Leomara de Araújo Bürgel, Maria Cristina Machado Kupfer, Cyro Marcos da Silva, Rafaela Carine Jaquetti e Rosa Marini Mariotto, Carolina Schulman e Débora Patrícia Nemer Pinheiro, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.*

#### **Nº 26 – TECENDO REDES: PSICANÁLISE E POLÍTICAS PÚBLICAS**

*César de Goes, Cleuse M. Brandão Barleta, José Waldemar Thiesen Turna e Suzana Siniscalco de Oliveira Costa, Laura D'Agostino Rudich, Luciano Elia, Michele Kamers, Neuzi Barbarini, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Leda Mariza Fischer Bernardino, Márcia Takahata Wakamatsu e Rosa Marini Mariotto, Alfredo Jerusalinsky, Stelio de Carvalho Neto, Wael de Oliveira, Cristina Keiko Inafuku de Merletti, Dayse Stoklos Malucelli.*

#### **Nº 27 – PSICANÁLISE E LITERATURA**

*Marília Z. Frantz e Edson Luiz A. de Sousa, Lucia Serrano Pereira, Luciana Salum, Rosângela N. Vernizi, Cláudia Serathiuk, Tames B. Moterani, Wael de Oliveira, Andréa Batista Ribeiro e Jane Cherem C. Bezerra da Silva.*

#### **Nº 28 – A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

*Alba Flesler, Ana Maria Medeiros da Costa, Alfredo Jerusalinsky, Carmen Lucia Monte-chi Valladares de Oliveira, Christian Hoffmann, Cristina Hoyer, Daniela Teperman, Isabel Marazina, Julieta Jerusalinsky, Clarice Wichinescki Zotti, Marilu Catio Dalsasso, Rosa Maria Marini Mariotto, Melania Salete Medeiros, Lígia Regina Klein, Caroline Peixoto Mendonça Silva, Dayse Stoklos Malucelli.*

#### **Nº 29 – CORPOS**

*Ana Costa, Angelita W. da Silva, Heloísa H. Aragão e Ramirez, Jöelle Gordon, Tatiana C. Assadi, Michele Kamers, Dominique Fingermann, Camila Z. Freire, Rosângela N. Vernizi e Maria Fernanda L. Beduschi.*

#### **Nº 30 – PASSES E IMPASSES NA FORMAÇÃO ANALÍTICA**

*Ana Costa, Dominique Fingermann, Lucia S. Pereira, Marta Pedó, Ricardo Goldenberg, Maria Augusta M. Ferraro, Maria Fernanda L. Beduschi, Luciana Sallum, Cintia R. Longhini, Wael de Oliveira, Taia F. de Albuquerque, Rosa M. M. Mariotto, Vinicius Armiliato.*

#### **Nº 31 – FORMAS, IMPASSES E PASSAGENS**

*Andrea Rossi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Jorge Sesarino, Luciana K. P. Salum, Mauro Mendes Dias, Priscila Frehse Pereira Robert, Radmila Zygoris, Rosa Maria Marini Mariotto, Susiane Canuto da Rocha, Vanessa Galvão Amaral, Venicius Scott Schneider.*

#### **Nº 32 – PSICANÁLISE E SUAS INTERFACES**

*Adriana Kosdra, Alfredo Jerusalinsky, Ana Costa, Cintia Ribelato Longhini, Edjane Menezes dos Santos, Enéas de Souza, Flávia Maria de Paula Soares, Juratriz Salete Ribas, Leda Mariza Fischer Bernardino, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Elia, Maria Cristina*

*Machado Kupfer, Maria Eugenia Pesaro, Mariana Aparecida Xavier Arruda, Rosa Maria Marini Mariotto, Wael de Oliveira.*

**Nº 33 – DO ENCONTRO COM O REAL AO ENCONTRO DO REAL: TRAUMA E DESEJO**

*Adriana Kosdra, Adriana Luiza Schreiner, Alfredo Jerusalinsky, Andrea Rossi, Clarice Wichinescki Zotti, Edson Luiz André de Sousa, Fani Hisgail, Isabel Marazina, Marcus do Rio Teixeira, Oscar Cesarotto, Sidnei Artur Goldberg, Vânia Mercer.*

**Nº 34 – NAS BORDAS DA CLÍNICA**

*Andrea Rôa d’Haese, Camila Zoschke Freire, Cintia Ribelato Longhini, Clarice Moro Ricobom, Cléa Maria Ballão, Fernanda Judite de Camargo Marques, Kátia Aleksandra dos Santos, Lígia Gomes Víctora, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Maria Augusta de Mendonça Guimarães, Maria Fernanda Liberato Beduschi, Rosa Maria Marini Mariotto, Sílvia Amigo, Simoni Regina Cousseau Coletti, Vânia Mercer.*

**Nº 35 – PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE**

*Andrea Silvana Rossi, Elaine Cristina Schimitt Ragnini, Fábio Luis Ferreira Nóbrega Franco, Fernanda Baptista, Gabriel Inticher Binkowski, Julieta Jerusalinsky, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Bregalanti Gomes, Marcelo Amorim Checchia, Marcelo Veras, Miriam Debieux Rosa, Paulo Endo, Pedro Eduardo Silva Ambra, Tania Rivera, Wagner Rengel.*

**Nº 36 – INQUIETAÇÕES: PSICANÁLISE PARA TODOS?**

*Alfredo Jerusalinsky, Fernanda Voigt Miranda, Gustavo Tonatto, Luzia Carmem de Oliveira, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Marllon Henrique Mendes Andriola, Mônica Nogari Damaceno, Ricardo Goldenberg, Rosa Maria Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Simone Regina Cousseau Coletti, Thais Krukoski, Tiago Rickli.*

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

## O SABER DO INCONSCIENTE: POR QUE A TEORIA DEVE SUBORDINAR-SE À CLÍNICA

*Seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky na Associação de Curitiba de 1997 a 2000. (Editora Juruá, 2018)*

No ano em que a Associação Psicanalítica de Curitiba completa e comemora 21 anos de existência, presenteia seus associados e apreciadores da Psicanálise com a publicação de **O saber inconciente: por que a teoria deve subordinar-se à clínica**, compilação de onze seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky no período de 1997 a 2000, que tratam de diferentes temas no trabalho com crianças. Estes seminários foram parte importante da história da APC, tanto na formação de seus membros quanto na construção da instituição, e agora são compartilhados com a atual geração de analistas. Por sua imensa contribuição na fundação e no ensino da APC, Alfredo Jerusalinsky é considerado “padrinho” da mesma. Seus seminários - proferidos com rigor teórico e em seu particular estilo “quase” coloquial de transmissão - contribuíram não só para a formação de muitos como também para a aproximação de profissionais de outras áreas, contribuindo com a psicanálise em extensão. O título desta publicação é amplamente demonstrado na leitura dos seminários, onde, mais além da teoria somos esclarecidos com relação ao pensamento de importantes pensadores e contamos com alguns relatos de casos clínicos que articulam teoria e prática, nos revelando um pouco do seu estilo, de profundo respeito com seus analisantes e escuta ímpar. Participei de seus seminários e os transcrevi. Agora, no momento desta publicação, os mesmos foram revisados pelo autor, o que deixou clara a sua atualidade. A APC, ao completar sua maioridade, compartilha tão rica elaboração teórica. Boa leitura! (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Rosane Weber Licht, membro fundador da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Alfredo Jerusalinsky - Autor

Rosane Weber Licht – Organizadora

## **PSICANÁLISE EM TEMPOS DE URGÊNCIA**

*(Editora Fi, Edição Especial 2020) – disponível no site da APC: [www.apcwb.com.br](http://www.apcwb.com.br) ou no site da Editora Fi: <https://www.editorafi.org/60psicanalise>*

Psicanálise em tempos de urgência – tema institucional ao qual foram dedicados os trabalhos da APC em 2019/2020 – sem imaginar que também viveríamos tempos de emergência pela pandemia do novo coronavírus: tempos penosos e pesados em nosso contexto sócio-econômico-político e humanitário, que nos causa dor, sofrimento e luto, revelados em angústia. Pôr em palavras, dar voz, escutar, são os recursos oferecidos pela Psicanálise a partir de sua práxis, para que o sujeito possa advir em sua condição desejante. Este é o olhar e o trabalho que encontramos nos textos, que sensivelmente os autores aqui, sem pressa, nos conduzem a refletir. Olhar para o campo social, para a clínica social, para o imperativo do gozo e da pressa e para as urgências na clínica psicanalítica e suas intervenções, desde as intervenções precoces, certamente nos põe a pensar, singularmente, enquanto psicanalistas, sobre o nosso tempo e os vários tempos: tempo de e na formação, tempo de divã, tempo lógico, tempo de vida, tempo de morte e outras questões de e no tempo. (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Marcia Salette Wisniewski Schaly, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Autores/Artigos: Andrea Silvana Rossi, Eva Lerner, Kathellyn Costa Kazeker, Leda Maria Fischer Bernardino, Luzia Carmem de Oliveira, Madalena F. Becker de Lima, Maribel de Salles de Melo & Julieta Jerusalinsky, Marcus do Rio Teixeira, Rosane Weber Licht, Rosângela Vernizi, Simoni Regina Cousseau Coletti & Rosa Maria Mariotto. Autor (a)/Resenha: MarciaSalette Wisniewski Schaly

Marcia Salette Wisniewski Schaly – Organizadora



## **CONSELHO DE ANALISTAS**

Andréa Silvana Rossi  
Dayse Stoklos Malucelli  
Denise Pliskievski Bueno  
Leda Fischer Bernardino  
Rosa Maria Marini Mariotto  
Rosane Weber Licht

## **COMPOSIÇÃO ADMINISTRATIVA**

### **Gestão 2020/2021**

Presidente: Andrea Rôa d'Haese  
Vice-presidente: Denise Pliskievski Bueno  
1ª secretária: Tiago Rickli  
2º secretário: Marcia Wisniewski Schaly  
1ª tesoureira: Clarice Wichinheski Zotti  
2º tesoureiro: Marllon Henrique M. Andriola

## **ESPAÇO DE ACOLHIMENTO**

Analistas membros da APC

## **SEÇÃO DA LETRA E MEMÓRIA**

Clarice Moro Ricobom  
Elaine de Oliveira  
Schenya C. Nunes de Oliveira

## **SEÇÃO DE DIVULGAÇÃO E EVENTOS**

Andrea Silvana Rossi  
Andrea Roa d'Haese  
Denise Pliskievski Bueno  
Gustavo Tonatto  
Juratriz Salete Ribas  
Lara Bianchin Pascke  
Myriel C N Moreira  
Paula A Barcellos  
Schenya C. Nunes de Oliveira  
Tiago Rickli

## **SEÇÃO DE TRADUÇÕES E PUBLICAÇÕES**

Luzia Carmem de Oliveira  
Marcia Wisniewski Schaly  
Tiago Rickli

### **SEÇÃO DA CLÍNICA**

Andrea Rôa d'Haese  
Denise Pliskieviski Bueno

### **SEÇÃO DE CARTÉIS**

Andréa Silvana Rossi  
Andrea Rôa d'Haese  
Luiz Fernando Duran Iório  
Marllon Henrique M. Andriola

### **ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO**

Sidneia Bochinia Lopes  
Thais Krukoski  
Zama Caixeta Nascentes

### **SEMINÁRIOS INTRODUTÓRIOS**

Dayse Stoklos Malucelli  
Denise Pliskieviski Bueno

### **ESPAÇO DE ESTUDOS E DISCUSSÃO SOBRE PSICANÁLISE COM CRIANÇAS**

#### **Coordenação:**

Clarice Wichinescki Zotti  
Clarice Moro Ricobom

#### **Colaboradores:**

Lara Bianchin Pascke  
Juratriz S. Ribas

### **CARTEL DE DIREÇÃO E FORMAÇÃO**

Andrea Silvana Rossi  
Andrea Rôa d'Haese  
Dayse Stoklos Malucelli  
Juratriz Salette Ribas  
Marcelo Marcos Barbosa Vieira  
Marllon Henrique M. Andriola  
Sidneia Bochinia Lopes

Assim como fizemos nas edições precedentes, os artigos reunidos na presente edição contemplam o tema institucional que em grande medida inspirou as atividades, encontros e seminários que mobilizaram a Associação Psicanalítica de Curitiba ao longo do ano de 2021: Entre diferenças e intolerâncias, o que pode a Psicanálise? Sua relevância e seu valor, seja em seu aspecto político e sociocultural ou em sua importância mais especificamente clínica, já se faziam sensíveis nos anos que antecederam a definição do problema como tema institucional, certamente remanesçam ainda hoje e, ao que tudo indica, ainda remanescerão em nosso porvir.

O paradoxo do narcisismo, segundo Dolto, é o da possibilidade de se ver nas coisas um espelho que reluz com o reflexo de si mesmo, ainda que a imagem vista sobre a superfície olhada não seja sua. Com efeito, a pessoa se vê refletida nisso para o qual ela olha, sente-se vendo a si mesma, mas aquilo no qual ela reconheceu um reflexo seu, contudo, não é ela. E talvez seja precisamente quando conjugado no reflexivo que o verbo ver revela o que há de essencial no narcisismo: não basta ver, é preciso ver-se nisso que se vê. Há no narcisismo a capacidade de tomar algo ou alguém como espelho, convertê-lo na superfície de um efeito especular. Em uma palavra: refletir-se.

Essa peculiar capacidade de tomar a alteridade como espelho de si sustenta, é verdade, um papel constitutivo na vida imaginária do Eu (moi), escamoteando a carência de imagem própria que lhe é intrínseca com imagens emprestadas daqui e dali, ao notável ponto de lhe render o porte de uma massa figurativa da qual pode então extrair uma espécie de reconhecimento de si. Todavia, se ocorre à criança adquirir esse vínculo particular de identificação com algo em alguém ou algo em geral, esse vínculo não se estabelece propriamente sem a mediação de um Outro através de quem ela é guiada a descobrir o valor especular com o qual as coisas podem se revestir. Para ver-se refletida, é indispensável que alguém especial a faça sentir-se refletida em algo que lhe é apresentado.